

FMS CADERNOS MARISTAS:
Nº26 – Ano XX – Março 2009

Chefe de redação:
Comissão de Patrimônio

Diretor técnico:
Ir. AMEstaún

Colaboradores neste número:
Irs. Aureliano Brambila
Michael Green
André Lanfrey
Frederick McMahon

Tradutores:
Irs. Virgilio Balestro
Aloísio Kuhn

Diagramação e Fitolitos:
TIPOCROM Srl - Guidonia (Roma)

Redação e Administração:
Piazzale Marcellino Champagnat, 2
C.P. 10250 – 00144 ROMA
Tel.: (39) 06 54 51 71
Fax: (39) 06 54 517 217
E-mail : publica@fms.it
Web site: www.champagnat.org

Edita:
Instituto dos Irmãos Maristas
Casa Generalícia – Roma

Impressão:
CSC GRAFICA Srl - Guidonia (Roma)

SUMÁRIO

INFORMAÇÃO

- **Curso sobre o Patrimônio Espiritual em Roma, 2008**
Ir. Michael GREEN 3
- **Ensaio sobre a história da pesquisa patrimonial do Instituto**
Ir. André LANFREY 9

ESTUDOS

- **Novas tendas também**
Ir. Michael GREEN 25
- **M. Champagnat, da Sociedade de Maria, em face da missão *ad gentes***
Ir. Aureliano BRAMBILA 47
- **As consequências da saída de Courville (“O líder perdido”, 2ª parte e fim)**
Ir. Frederick McMAHON 99

DOCUMENTOS

- **Carta de Allibert**
Ir. André LANFREY 141
- **Carta ao Sr. Fond**
Ir. Paul SESTER 147

INFORMAÇÃO

Curso sobre o Patrimônio Espiritual em Roma, 2008

Ir. Michael GREEN, fms

De 11 de fevereiro a 20 de junho de 2008, na Casa Generalícia de Roma, realizou-se um curso intensivo sobre o patrimônio histórico e espiritual marista. Desde 1993, foi o primeiro curso do gênero. Foi um projeto da Comissão Internacional do Patrimônio; foi levado a termo por dois dos seus membros: o Irmão Aureliano Brambila, como diretor do programa, e o Irmão Michael Green, como Superior. O Conselho Geral, mediante a sua Comissão Informadora do Patrimônio, tomou a decisão de oferecer o curso como uma das iniciativas para o Ano internacional de espiritualidade marista. Vinte e dois Irmãos tomaram parte: dezenove participantes, um capelão e dois peritos do programa. Provieram de dezoito países e se valeram do inglês como língua comum.



OBJETIVOS

Os objetivos do curso foram:

- (a) Educar um novo grupo de Maristas, Irmãos e leigos, sobre o patrimônio do Instituto, de modo que sejam capazes de auxiliar outros, no aprofundamento e conhecimento da história e da espiritualidade marista, nas diversas partes do mundo marista.
- (b) Empreender alguma nova pesquisa que some com o corpo da pesquisa histórica existente.
- (c) Identificar novos peritos maristas emergentes que possam suceder à geração passada de escritores, pesquisadores e animadores maristas.

Todos esses propósitos foram alcançados com êxito.

Estrutura e conteúdo

O programa compreendeu cinco meses. Enfatizou-se por certo, e sem ambiguidade, a parte acadêmica, exigindo dos participantes considerável massa de leitura, pesquisa, análise crítica, relatórios e apresentações. As fases maiores do curso abrangeram o elenco de oito componentes.

- (a) Orientação e estabelecimento do contexto histórico, geográfico, social e cultural da França;
- (b) Champagnat revelado nas suas cartas, tanto enviadas quanto recebidas;
- (c) As origens do projeto marista e a primeira geração de Irmãos, com duas semanas na França;
- (d) As raízes históricas das iniciativas maristas atuais; por exemplo, os dois documentos-chave: *Água da Rocha* e *Nas pegadas de Marcelino Champagnat*; solidariedade e serviço vocacional;
- (e) Champagnat revelado pelos escritos de grandes e pequenas testemunhas e pelo relato biográfico;
- (f) Evolução da espiritualidade e missão maristas;
- (g) Documentos oficiais e legislação do Instituto;
- (h) Projetos de pesquisa individual a cargo de cada um dos participantes.

O programa foi dividido em atividades conjuntas e pesquisa. Em cada manhã, havia duas ou três sessões, com apresentações e seminários, ao passo

que, de tarde, de noite e nos fins de semana, o tempo era reservado à pesquisa. Algumas das sessões matutinas eram preparadas pelos próprios participantes, enquanto outras eram dirigidas pelo Irmão Aureliano, Irmão Michael e apresentadores visitantes. Estes apresentadores foram os seguintes:

Irmão Kieran Fenn – As Escrituras.

Irmão Neville Solomon – O contexto francês.

Irmão Edward Clisby – As cartas recebidas de Champagnat e outras testemunhas menores.

Padre Alois Greiler – A Sociedade de Maria.

Irmã Vivienne Golstein – As Irmãs Maristas.

Irmã Margaret Ryan – As Irmãs Maristas Missionárias.

Irmão Pau Fornells – O laicato marista.

Irmão Alain Delorme – Os primeiros Irmãos.

Irmão Peter Rodney – Água da Rocha.

Irmão Carlos Martinez Lavin – Nas pegadas de Marcelino Champagnat.

Irmão Dominick Pujia – A solidariedade marista.

Irmão Giovanni Bigotto – Santos maristas.

Irmão Ernesto Sánchez – A pastoral das vocações.

Irmão Pedro Herreros – A Regra de 1837.

Irmão André Lanfrey – O nascimento e a evolução da espiritualidade marista.

Projetos de pesquisa

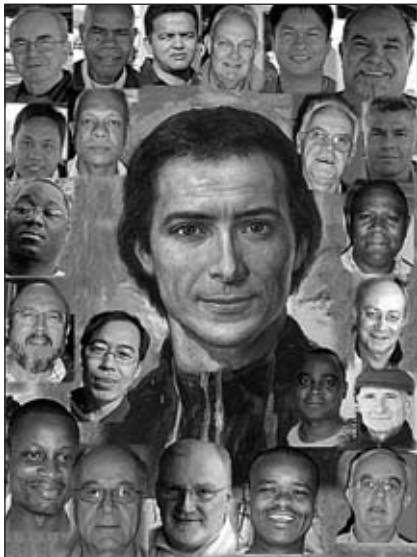
Importante componente do curso foi o projeto de pesquisa individual, levado a termo por cada um dos participantes, sob a supervisão acadêmica do Irmão Aureliano ou do Irmão Michael. Isso constituiu um dos focos maiores do grupo. Resultaram daí algumas pesquisas ricas e originais. A dissertação de cada Irmão participante compreendeu um trabalho de 15 mil a 50 mil palavras; ademais, cada qual dirigiu o seminário sobre a própria pesquisa. Essas pesquisas individuais vão compor o tema da próxima edição dos “Cadernos maristas”, formando uma edição especial dedicada ao Curso do Patrimônio de 2008. No escopo de despertar o apetite dos leitores dos “Cadernos maristas” de nº. 27, segue a lista dos referidos “trabalhos de pesquisa pessoal”.

Ir. Henri Bashizi -

O impacto dos Irmãos Maristas no ensino da República Democrática do Congo.

- Ir. Herman Boyek - *Espiritualidade Marista e melanesiana na encruzilhada.*
- Ir. Juan F. Castro Lenero - *A fundação e o começo dos Irmãos Maristas no Coréia do Sul (1971-2007)*
- Ir. Colin Chalmers - *Escritura e busca de identidade: investigação da história do Instituto escondida na narrativa bíblica.*
- Ir. Ben Consigli - *Inteligência social e emocional de São Marcelino Champagnat.*
- Ir. Jean Pierre Destombes - *Discípulos de Marcelino, companheiros a caminho.*
- Ir. Auxensio Dickson - *Biografia do Irmão Jonas Anaclet Kanyumba Phiri, 1932-1993.*
- Ir. Augustin Hendlmeier - *Os começos da Província Alemã Marista.*
- Ir. Elias Iwu - *Um Irmão que você precisa conhecer: John Samuel Metuh, 1926-2007.*
- Ir. Vincent de Paul Kouassi - *O carisma e a missão dos Irmãos Maristas na Costa do Marfim: reflexão pessoal.*
- Br Christopher Maney - *Terna afeição. Questão de interpretação, inspiração e motivação.*
- Ir. Georges Palandre - *A pastoral das vocações na África Central de 1958 a 2008.*
- Ir. Gofrey Perera - *Champagnat, Conselheiro e mestre espiritual.*
- Ir. Niño Pizarro e
Ir. Demosthenes Calábria - *Irmãos Maristas das Escolas: sessenta anos nas Filipinas.*

- Ir. Pierre Joseph Rasolomanana - *Noviciado especial em língua francesa para os Irmãos africanos.*
- Ir. Robert Teoh - *A tentativa de fusão da Congregação da Mãe de Deus com os Irmãos Maristas na China, entre 1909 e 1912.*
- Ir. Benedict Umoh - *Opção pelos pobres na Província Marista da Nigéria.*
- Ir. Peter A. Walsh - *O relacionamento entre Marcelino Champagnat e o Irmão Francisco, mostrado nas cartas de Champagnat de Paris; nas circulares do Ir. Francisco e em outros documentos maristas.*



Vida comunitária

Os cursistas viveram em comunidade separada, na Casa Generalícia, com uso exclusivo da parte destinada aos visitantes, ou “foresteria”, na ala da Casa que era ocupada pelo Colégio Internacional, até dois anos atrás. A comunidade do Curso do Patrimônio tinha horário cotidiano próprio, até mesmo refeitório próprio. O capelão Willy Weemaes, da Sociedade de Maria, presidia à celebração cotidiana da Eucaristia. Os participantes valorizaram em alto grau a qualidade da vida comunitária, no aspecto internacional e no aspecto da fraternidade.

Conclusão e avaliação

O programa se encerrou com a *cerimônia de graduação*, realizada na missa da Apresentação, à qual assistiu todo o Conselho geral, a comunida-

de da Administração geral, além dos membros do curso. Os *diplomas* foram entregues pelo Superior geral. A avaliação do curso, na interpretação dos participantes, revelou que todo o cursista considerou o programa como benéfico, desafiador e gozoso. Todos os Irmãos desenvolveram idéias e propostas que esperam levar a bom termo, nas suas Províncias e regiões.

Ensaio sobre a História da Pesquisa Patrimonial do Instituto

Ir. André LANFREY, fms

A partir de 1º de janeiro de 1909, o Boletim do Instituto vem servindo de boletim de integração do Instituto. Oferece notícias sobre obras, trabalhos sobre espiritualidade, educação... A relação de assuntos de janeiro de 1960 (suplemento do tomo XXIII) contém as seguintes principais rubricas:

- Religião e vida espiritual
- Vida religiosa e vocações
- Educação e ensino
- História do Instituto (muitas estatísticas)
- Comemoração do Fundador

Ainda que esse boletim seja uma mina de informações importantes sobre o Instituto, até 1955 seu objetivo é de informar, comunicar, edificar e não tanto de pesquisar, no sentido científico da palavra.

I/ OS PIONEIROS

O Irmão Pierre Zind (Louis Laurent) parece ter sido o primeiro a trabalhar segundo as regras científicas estritas e não com um objetivo comemorativo ou pastoral. No tomo XXI do Boletim (anos 1954-56) ele publica, por ocasião do centenário da edição da Biografia do Pe. Champagnat, **uma** “Con-

tribuição a uma retomada dos trabalhos sobre as origens dos Pequenos Irmãos de Maria”, em três partes (p. 451, 531, 593)¹. Esses artigos são o ponto de partida de uma pesquisa sistemática que culminará com a tese monumental: “*Les Nouvelles congrégations de Frères enseignants en France de 1800 à 1830*” (“As novas congregações de Irmãos ensinantes, na França de 1800 a 1830”), publicada em 1969.

A mudança do formato do Boletim, com o Tomo XXVI, começado em janeiro de 1964, parece assinalar o início de uma evolução para um trabalho mais científico sobre o patrimônio. É nesse tomo que encontramos uma série de artigos do Ir. Gabriel Michel sobre “Os anos obscuros” de Champagnat (p. 466, 570, 675). Em seguida, a revista será caracterizada por seus artigos, os do Ir. Balko, do Ir. Sester... O Boletim se interrompe com o nº 222, em dezembro de 1984.

O Boletim « FMS », precariamente impresso e com apenas uma dezena de páginas, começou a circular em 1973 (nº 2 janeiro-fevereiro de 1973). Compreende numerosos artigos do Ir. Balko. Interrompe em maio-junho de 1985 com o nº 60, nas páginas 896-909 da coleção. De certo modo completa o Boletim.

O fato de as duas revistas terminarem, praticamente no mesmo tempo, parece traduzir uma hesitação do Instituto sobre a linha editorial a seguir e sobre a política patrimonial a praticar.

O aparecimento do primeiro *Cadernos Maristas*, em junho de 1990, parece encerrar essa fase de hesitação. Em sua apresentação, datada de 6 de junho de 1990 (CM nº 1 p. II), o Conselho geral confere à revista a missão de “tornar conhecida a situação das pesquisas sobre nossas origens e sobre o que nos caracteriza como Irmãos Maristas”. É, pois, a clara afirmação de um novo espírito, relativo ao nosso passado e à nossa identidade que começara a manifestar-se em 1955.

¹ A primeira e a segunda parte comentam os relatórios do inspetor Guillard, em suas visitas de 1820 e 1822. A terceira evoca a situação da Sociedade de Maria, em torno de 1824.

2/ INÍCIO DE UMA PESQUISA COORDENADA

Os pioneiros da pesquisa marista, num primeiro tempo, parece trabalharem isoladamente e sem um mandato especial. É sob o generalato do Ir. Basílio, e sendo secretário do Ir. Gabriel Michel, que o Ir. Alexandre Balko é nomeado oficialmente pesquisador². Depois do verão de 1971, ele foi convidado pelo Conselho geral a colaborar numa tese com o Pe. Coste, s.m.. Para preparar-se, conclui uma licenciatura em Teologia, na Faculdade de Lyon e, no outono de 1972, apresenta uma memória: “O Bem-aventurado Marcelino Champagnat em suas instruções e sermões inéditos”³. Pôde aproveitar esse tempo para definir seu projeto: «extrair a quinta-essência dos escritos do Pe. Champagnat para construir uma doutrina fiel e original sobre o carisma e a pessoa do Fundador⁴».

Outro acontecimento importante: a criação de uma equipe de pesquisadores em l’Hermitage da qual o Ir. A. Brambila recorda a origem. O provincial de l’Hermitage tendo exposto, na Conferência dos provinciais de 1974, as dificuldades para manter sua casa provincial, leva o Ir. Basílio a confiar sua manutenção à administração geral, com o propósito de convertê-la em lugar de estudos do patrimônio marista e centro de peregrinação. A equipe é constituída em 1976. O Ir. Bruno Cortez Ramirez, da Província do México Ocidental, é nomeado como primeiro diretor. O Ir. Owen, australiano, se consagra especialmente ao estudo do patrimônio. O próprio Ir. Brambila, enviado a l’Hermitage, entre 1982 a 1984, encontra ali os Irmãos Gabriel Michel, Juan Maria (S. Merino), Alexandre Balko, Jordan (da Nova Zelândia)... encarregados pelo Conselho geral do trabalho referente ao patrimônio espiritual e intelectual do Instituto. Mas a função de acolher e mais as tarefas de tradução parecem, pouco a pouco, levar vantagem sobre uma pesquisa que sofre para organizar-se.

A criação dessa estrutura, aliás, não impede a continuidade das iniciativas provinciais ou individuais, mais ou menos reconhecidas e difusas. Um bom número de irmãos estudantes, em Roma, também produz, nessa época, teses por demais esquecidas hoje, e das quais algumas como “*A Regra*

² Parece que contatos precedentes entre o Ir. Gabriel Michel e o Ir. Pierre Zind não tiveram resultado.

³ « A. Balko: « Ma vocation de chercheur », pequeno texto enviado ao Ir. Henri Réocreux, em setembro de 2008.

⁴ Ibid.

do Fundador”, do Ir. Pedro Herreros, merecem figurar como trabalhos maiores do patrimônio... Há também os pesquisadores que trabalham nas diversas Províncias e cujos trabalhos puderam ser mais ou menos conhecidos ou mesmo desconhecidos (F. Anibal Canon Presa⁵, Farrell⁶, Lanfrey⁷...).

Um dos resultados desse novo ambiente e dessas tentativas bastante dispersas é a criação do CEPAM porque, retornado ao México em 1988, o Irmão A. Brambila, a pedido do Ir. José G. Romero, seu provincial, começa a constituir esse organismo de difusão das fontes maristas. A partir de junho de 1989, o CEPAM organiza cursos de várias semanas com a participação, até hoje, de mais de 250 irmãos. Cursos mais rápidos são dados pelo Ir. Brambila, um pouco em toda parte, menos na Oceania, a Irmãos, formadores, professores leigos, pais de família, membros das fraternidades maristas... Um site web do CEPAM⁸ existe, desde 1995 mais ou menos. Recolhe uma quantidade impressionante de documentos, sobretudo em francês e espanhol.

Então, simplificando, sem dúvida, em torno de 1990 os trabalhos do patrimônio são garantidos por alguns irmãos, de modo oficial ou semi-oficial, através de três pólos principais:

O primeiro, constituído pelo complexo Secretariado geral e arquivos, tem por animadores:

- O Ir. Gabriel Michel, antigo Secretário geral, autor de numerosos artigos e volumes; grande colecionador de arquivos..
- O Ir. Paul Sester, antigo Conselheiro geral e antigo Secretário geral, depois arquivista da Casa geral, criador e redator chefe dos *Cadernos Maristas* (nº 1, em junho de 1990), assegura a publicação das fontes (Cartas de Champagnat, em 1985 e 1987); dirige um grupo relativamente informal, mas eficaz, de colaboradores encarregados da informatização das fontes maristas.

O segundo pólo aparece mais ligado à política patrimonial da Congregação. Entre seus principais animadores, o Ir. Alexandre Balko intervém frequentemente em numerosas sessões de reciclagem marista, em diversas línguas, e procura renovar a imagem do fundador veiculada pelo Ir. Jean-Bap-

⁵ Crónicas Maristas, I El Fundador; II Biografias, Editorial Luis Vives, Madrid, 1979.

⁶ Keith B. Farrell (Br. Stephen F.M.S.), *Achievement form the depths*, 1984

⁷ Une congrégation enseignante : les Frères Maristes de 1850 à 1904, Lyon, 1979.

⁸ www.geocities.com/athens/oracle/3630

tiste. Residindo em Roma, até 1983, continua seu trabalho de pesquisa e de animação em l'Hermitage. Coleções de suas conferências e artigos foram publicadas no Brasil e na Espanha. Mas, prejudicado por problemas de saúde, não poderá concluir a tese que se propôs, em 1972.

O CEPAM, organizado pelo Ir. Aureliano Brambila, irradia a partir do México, centrado mais sobre a difusão e a iniciação à pesquisa do que sobre a pesquisa fundamental.

3/ FORTALECIMENTO DA POLÍTICA PATRIMONIAL

A realização de uma sessão de seis meses sobre o patrimônio marista, de janeiro a junho de 1993, dirigida pelo Ir. A. Brambila para uns trinta Irmãos, parece ser uma etapa marcante na história do patrimônio, mesmo se não despertou um grande número de pesquisadores.

No começo do generalato do Ir. Benito Arbués, o interesse pelo patrimônio não é desmentido. O Ir. André Lanfrey⁹ é colocado à frente das pesquisas pelo Conselho geral. Em Roma, nos dias 20 a 27 de novembro de 1997, é organizado um seminário pelos Irmãos Henri Vignau e Gaston Robert, sobre a reflexão e a prática educativa de Champagnat e dos primeiros Irmãos. Participam onze Irmãos e o *Cabiers Maristes* nº 13 (julho de 1998) registra as atas do encontro.

Um segundo seminário sobre a espiritualidade apostólica marista é realizado em Roma, de 24 de agosto a 02 de setembro de 2002, sobre fontes, até então desconhecidas, da espiritualidade marista: os manuscritos do Irs. Francisco e Jean-Baptiste. Foi organizado pelo Ir. Henri Vignau e animado pelo Ir. André Lanfrey. Participaram 10 irmãos da América, 07 da Europa, um da África e um da Oceania, além de um Padre marista.

4/ INFORMATIZAÇÃO DAS FONTES E PUBLICAÇÕES

Nessa época, um esforço de edição e reedição particularmente impor-

⁹ Contatado pela administração geral precedente.

tante foi realizado sob a direção do Ir. Henri Vignau, com a colaboração do Ir. Henri Réocreux.

Obras do Ir. Gabriel Michel:

- « Pour mieux connaître Marcellin Champagnat », abril de 2001, 292 pp., em formato A4, prefácio do Ir. H. Vignau. Compreende três partes: Contexto sócio-político de Marcelino Champagnat; contexto religioso de Marcelino Champagnat; uma coletânea de oito artigos mais antigos.
- « Champagnat au jour le jour », abril de 2001, 370 pp., prefácio do Ir. Henri Vignau, vasta cronologia de 1789 a 1840.
- « Les années obscures de Marcellin Champagnat ou la Révolution à Marlhès, Loire, 1789-1800 », 180 pp., no ano de 2000.

Obras do Ir. Pierre Zind:

- « Sur les traces de Marcellin Champagnat, t. 1, fevereiro de 2001, 265 pp., prefácio do Ir. Henri Vignau, indicando que a coletânea compreende os artigos do Ir. Zind, redigidos entre 1955 e 1988.
- « Sur les traces de Marcellin Champagnat, t. 2, fevereiro de 2001, 236 pp. : Extraits de « Les nouvelles congrégations de Frères Enseignants en France de 1800 à 1830 ».

Obras do Ir. Alexandre Balko:

- « Repensons à nos origines », coletânea de 43 artigos, 249 pp.

Obras do Ir. André Lanfrey:

- « Une congrégation enseignante : Les Frères Maristes de 1850 à 1904 », 1997, 210 pp. + XXV anexos.
- “Elaboration de la pensée éducative mariste, ses sources, son influence (1824-1868)”, 2000, 61 pp. servindo de introdução para « Apostolat d’un Frère Mariste », tratado de educação redigido pelo Ir. Jean-Baptiste Furet, depois de 1850, a partir das instruções do Fundador e de diversos autores de pedagogia (Roma, 2000, 259 pp.).

Este esforço editorial parece ter sido acompanhado de outras iniciativas nascidas na Casa geral. Assim, aparecem:

- As « Miscellanées Champagnat », antologia de textos do Ir. Louis-Laurent (Zind Pierre), 278 pp., sob a responsabilidade da comissão de publicações, janeiro de 1996.

- A duas obras do Ir. Gabriel Michel : « Marcellin Champagnat et la reconnaissance légale des Frères Maristes », 269 pp., seguida de « F. François et la reconnaissance légale des Frères Maristes (1840-1851) » (112 pp.)¹⁰ « L’Apostolat d’un Frère Mariste » sem data e apresentada pelo Ir. Paul Sester (268 pp. + apêndice) foi publicado antes da edição produzida pelo Ir. Vignau. Existe ainda uma 3ª versão da obra com introdução do Ir. André Lanfrey (Roma, fevereiro de 1998, 285 pp.).
- O Ir. Agustin Carazo, antigo postulador geral, publicou em Roma, em 1991 « Témoignages sur Marcellin Champagnat » extraídos do inquérito diocesano para o processo de beatificação de M. Champagnat (271 p. + 140 p.).

Além destas reedições - que permitem uma consulta fácil dos trabalhos, às vezes dispersos no tempo e em revistas de difícil acesso - trabalhos novos foram publicados:

Ir. André Lanfrey:

- “Introduction à la Vie de M.J.B. Champagnat”, publicada em caderno A4 , em 1998, 176 pp.; reeditada em formato de livro, em 2000, em Roma, 126 pp.
- « Un chaînon manquant de la spiritualité mariste. Les manuscrits d’instructions des F. François et Jean-Baptiste», Roma, 2000, 158 pp.
- « Essai sur les origines de la spiritualité mariste », Roma, setembro de 2001, 188 pp. Tradução inglesa do Ir. Jeff. Crowe.

O esforço de informatização das fontes, iniciada pelo Ir. Paul Sester, provocou também a publicação de um grande número de cadernos:

Do Ir. Francisco:

Três Cadernos de instruções das quais um bom número remonta ao Pe. Champagnat:

- nº 1 (AFM 5101.307) 204 pp., com apresentação provável do Ir. Paul Sester, sem data.
- nº 2 (AFM. 5101.308), 342 pp., sem apresentação nem data.
- nº 3 (AFM. 5101.309), 165 pp., apresentação pelo Ir. Paul Sester, março de 1998.

¹⁰ Sem data e sem menção do editor, parece terem sido publicadas, um pouco mais cedo.

Cartas pessoais do Ir Francisco:

- Tomo 1 : « Lettres personnelles 1841-1852 », Roma, 1996, 308 pp. + sumário; apresentação do Ir. P. Sester;
- Tomo 2 : « Lettres personnelles », Roma, 1996, 369 pp. + sumário, apresentação do Ir. P. Sester.

« Lettres administratives » volume 1 (1837-1845), 263 pp. sem data nem índice, nem apresentação.

« Carnets de retraite »: na realidade, as anotações espirituais feitas pelo Ir. Francisco.

- nº 1 (AFM 5101.302) (1819- 1831), 90 pp. com sumário; sem apresentação nem data de publicação.
- nº 2 (AFM 5101.303) (1832-1850), 158 pp. com índices; sem apresentação nem data.
- nº 3 (AFM. 5101.304) (1850-1871), 282 pp. com índices; sem apresentação nem data.

« *Notas* »

- nº 1 (AFM 5101.310), (1852-1880) 243 pp., apresentação pelo Ir. P. Sester, janeiro de 1998. (O Ir. Francisco intitula este caderno como « Comparaisons »).
- nº 2 (AFM 5101.311), (1860-1880) 101 pp. com sumário e índice, apresentação pelo Ir. P. Sester, sem data.

Outros Cadernos:

- « Projets d'instructions », (AFM 5101.306), 172 pp. com sumário, sem apresentação nem data de publicação.
- « Citations » (5101.312), 97 pp. com sumário, apresentação pelo Ir. P. Sester, Roma, maio de 1998.
- « Ecrits divers. Règles de bienséance et catéchisme marial » (AFM 5101.313), 85 pp. apresentação pelo Ir. Paul Sester.

Do Ir. Jean-Baptiste:

Já falamos de « L'Apostolat d'un Frère Mariste ». Também foram publicados:

- « Ecrits 3 » conjunto de instruções (AFM 5201.23) 152 pp., apresentação pelo Ir. Paul Sester, abril de 1998.
- « Ecrits 4 » segundo conjunto de instruções (AFM 5201.24), 185 pp., apresentação pelo Ir. Paul Sester, Roma, maio de 1998.

- « Sujets d'examen (de conscience) » (AFM 5201.22), 94 pp. apresentação pelo Ir. Paul Sester, Roma, 28 de janeiro de 1998.
- « Méditations sur les grandes vérités » (AFM. 5201.21), 207 pp., sem apresentação nem data.

Do Irmão Avit:

Foram publicados, em Roma em 1993, três volumes dos « Annales de l'institut ». Quanto aos « Annales des maisons », eles foram publicados, desde então, sob os cuidados do Ir. P. Sester e de sua equipe de redatores, em 12 volumes.

Outras fontes:

- « Guide des écoles », Roma, junho de 2001, apresentação pelo Ir. Henri Vignau.
- « Deuxième chapitre général des Petits Frères de Marie (1852-1854) », Roma, setembro de 2001, apresentação pelo Ir. Henri Vignau.
- « Constitutions et règles du gouvernement... », Roma, outubro de 2001, sem apresentação.
- « Manuel des Frères Directeurs », conjunto anônimo de conferências de retiro dos Irs. Jean-Baptiste e Louis-Marie , 83 pp.

Outras fontes foram publicadas fora de Roma. Citemos, para memória, a excelente edição das regras de 1837 e 1952, em francês e espanhol, pela Editora Edelvives; as “Crônicas Maristas” (Vida do fundador e biografias dos primeiros Irmãos) em espanhol, pelo Ir. Aníbal Canon Presa (1979), assim como as « Cartas recebidas » (Cartas recebidas por Champagnat), no Brasil, sob os cuidados do Ir. Ivo Antonio Strobino¹¹.

É preciso mencionar também “*Espiritualidad de San Marcellino Champagnat a partir del estudio critico de su biografia*”, do Ir. Manuel Mesonero Sanchez (Madrid, junho de 2003) redigida em colaboração com o Ir. A. Balko¹².

Essas publicações impressas dão apenas uma idéia parcial do trabalho de informatização das fontes das quais o Ir. Paul Sester faz um balanço, no número 20 dos *Cadernos Maristas* (junho de 2004), sob o título “Informatização das fontes” lembrando o trabalho dos Irs. Jean-Marie Girard, Jean

¹¹ Edição bilingue francês-português

¹² « Ma vocation de chercheur », op. cit.

Rousson, Louis Richard... graças aos quais dispomos de um ‘corpus’ enorme de documentos, sem cessar aumentado. Estão, hoje, à nossa disposição em versão informatizada as “Origines Maristes” dos Padres Costa e Lessard, escaneados pelo Ir. Louis Richard, as Circulares dos superiores, as Atas dos Capítulos gerais, as estatísticas do Instituto... Enfim, em 2007, o secretariado geral, sob os cuidados do Ir. Joseph De Meyer, gravou um CD dos “Documentos maristas” procurando dar uma visão de conjunto das fontes e dos trabalhos sobre o Instituto.

5/ COMISSÃO E EQUIPE DO PATRIMÔNIO

Por causa mesmo de seus resultados o trabalho sobre o patrimônio mostrou necessitar de melhor coordenação. Eis porque, na sessão de 08/01/2004, o Conselho geral aprovou a criação de uma equipe internacional do patrimônio composta de seis membros e delimitou suas funções:

- Organizar o trabalho do patrimônio: coordenação, animadores, pesquisadores, recursos...
- Organismo de consulta do Conselho geral para decisões a tomar, relativas ao patrimônio;
- Produção dos *Cadernos Maristas* ;
- Promover e coordenar a pesquisa;
- Publicar as obras completas de Champagnat e as fontes provenientes dos Irs. Francisco e Jean-Baptiste;
- Coordenar as traduções ;
- Fazer uma edição informatizada de nossas fontes;
- Atualizar a cronologia e a história marista.

Desde 2004, a equipe do patrimônio, reforçada com um secretário em 2006, realiza, em junho, uma reunião anual de 05 ou 06 dias, em coordenação com o Conselho geral. Desde 2006, meio-dia é consagrado, durante a reunião, a um encontro dos diversos ramos maristas sobre o patrimônio. Entre fevereiro e junho de 2008, um curso sobre o patrimônio, dirigida pelos Irmãos Aureliano Brambila e Michael Green, permitiu que 19 Irmãos fossem iniciados ao estudo de nossas fontes.

Depois de cinquenta anos de pesquisas sobre o patrimônio marista, os

resultados são, pois, consideráveis: o Instituto dispõe agora de fontes abundantes e facilmente acessíveis; trabalhos de grande valor foram publicados; uma política patrimonial foi aprovada. O nº 25 dos *Cadernos Maristas* acaba de ser publicado, em junho de 2008.

6/ PROBLEMAS CONCEITUAIS

Entretanto, subsistem dificuldades, em primeiro lugar, em nível conceitual:

Patrimônio espiritual

A palavra « patrimônio », para designar as pesquisas sobre nossa identidade, permite confusão a menos que se acrescente o adjetivo « espiritual » e significando com esse adjetivo tudo o que se relaciona às coisas do espírito: pedagogia, psicologia, teologia... e mesmo, economia. O trabalho feito desde 1955 dá, aliás, uma idéia do conteúdo dessa missão: dar a conhecer as fontes do Instituto e dar-lhes uma interpretação renovada, em diversos domínios disciplinares.

Fontes e origens

O trabalho sobre patrimônio se bate, frequentemente, com a confusão entre fontes e origens, porque é grande a tentação de considerar que as únicas fontes dignas de interesse são os documentos vindos de Champagnat e dos primeiros irmãos. De fato: **é fonte tudo o que é produzido pelo Instituto, em qualquer época.** Por exemplo, “Água da Rocha” ou as Circulares do Ir. Seán Sammon são fontes.

Ainda que o estudo das fontes antigas esteja longe de estar concluído, negligenciamos demais as fontes mais recentes, sabendo que, mesmo se o Instituto tem uma origem absoluta em 1817, na França, a chegada dos Irmãos em tal ou qual país não deixa de ser uma origem dele e merece ser estudada. É preciso, pois, abandonar uma visão por demais arqueológica e geocêntrica do Instituto e vê-lo como uma realidade viva que, através da história e do tempo, se desenvolve segundo as diversas culturas. Aliás, um certo número de histórias do Instituto, nesse ou naquele país, ou a história de tal ou tal Província já abrem caminho nesse sentido.

Bibliografia

O que é **documento sobre o Instituto** não é uma fonte, mas entra na bibliografia. Esta pode ser muito diversificada. É constituída, primeiramente, de todas as obras que podem iluminar nossas fontes, não importa quem seja o autor: dicionários, atlas, livros de história geral... também livros de espiritualidade ou de devoção com os quais o Instituto se nutriu: por exemplo, “A perfeição cristã” do jesuíta Rodriguez que serviu de base para a formação dos irmãos, no tempo de Champagnat e bem mais tarde. Esses livros são “instrumentos de trabalho” do pesquisador.

Quanto à bibliografia mais especificamente marista, ela compreende, primeiro, os trabalhos eruditos como « Les Origines Maristes » ou as « Lettres » do Fundador que, não apenas ordenaram as fontes mas envolveram-nas num aparato crítico (introduções, índice, notas em pé de página, sumários...), permitindo ao pesquisador de localizar-se, no labirinto dos documentos e de interpretá-los corretamente.

Mas esse trabalho não basta: é preciso, em seguida, explorar esses dados com trabalhos de envergadura científica, isto é, preocupados com um procedimento racional e fundado sobre fontes, em qualquer disciplina que seja: história, teologia, sociologia... Hoje, um número bastante significativo de trabalhos maristas corresponde a essa definição e constitui, pois, uma bibliografia científica.

Além dessa bibliografia, há uma quantidade de trabalhos com objetivos diversos: literário, comemorativo, edificante, artístico... de interesse secundário mas, nem por isso, negligenciável. Por exemplo, quase todas as múltiplas Vidas do Pe. Champagnat, escritas em diversas línguas e em diferentes épocas, pertencem a essa categoria. Há também numerosas revistas maristas provinciais, pedagógicas, devocionais...

Classificar para conhecer

Um esforço, então, deve ser feito no trabalho relativo ao patrimônio para saber como ordenar os documentos maristas. E todo pesquisador digno desse nome deve, quando inicia um trabalho, examinar cuidadosamente o que os autores precedentes já escreveram sobre o assunto a ser tratado, a fim de não recomençar um trabalho já feito (isso já foi visto) e também levar em conta o que os predecessores já demonstraram.

7/ SUPORTE INFORMÁTICO E EDIÇÃO

A informatização das fontes originais cria novos problemas porque, se agora, é fácil transcrever e difundir coleções de fontes, no entanto, com frequência a gente se encontra diante de edições comprometidas ou de diversas versões da mesma fonte das quais não se conhece, muitas vezes, o transcritor nem a data de transcrição, nem o grau de fidelidade ao original.

A prática da informática gera, pois, « uma literatura cinzenta » com grau de fiabilidade aleatória. Além disso, a durabilidade de um caderno fotocopiado é pequena porque não se lhe dá grande atenção. É, no máximo, um documento de trabalho. Recoloca-se, pois - a respeito dos suportes informáticos e dos documentos impressos que deles fazemos - o antigo problema dos manuscritos medievais que exigem um paciente estudo comparativo, para determinar qual é o mais fiel ao original. Se, pois, os CDs de fontes têm um uso legítimo, não podem, porém, substituir inteiramente o suporte impresso, porque apenas o livro pode dar garantias, depois de ter sido escrupulosamente comparado ao original e, em se tratando de fontes, acompanhado de procedimento crítico.

O coroamento da informatização não é, pois, a « literatura cinzenta », mas a publicação impressa das fontes e das principais obras de bibliografia. O trabalho já foi começado: os volumes de “Lettres” de Champagnat foram integrados na coleção “Fontes Historici Societatis Mariae”. O conjunto dos documentos de Champagnat está sendo publicado na mesma coleção, sob o título “Origines des Frères Maristes”. Os “Annales de l’Institut” do Irmão Avit e as “Mémoires du F. Sylvestre” foram igualmente publicados. Mas, faltamos uma coleção de livros intermediária entre “Cahiers Maristes” e as “Fontes Historici”, semelhante à coleção “Maristica” dos Padres Maristas que publica os trabalhos importantes de seus pesquisadores.

8/ COORDENAR A PESQUISA COM OS OUTROS RAMOS DA SM

Não podemos esquecer tudo o que a pesquisa dos Irmãos Maristas deve ao trabalho pioneiro dos Padres Coste e Lessard, autores das “*Origines Maristes*”. Entretanto, é difícil livrar-nos de uma visão muito estreita de nossas origens, o que nos impede de perceber que não podemos estudar seria-

mente os cinquenta primeiros anos de nosso Instituto nem nossa espiritualidade, sem conhecer bem a história do conjunto da Sociedade. É preciso também ter em conta a sincera aproximação, entre os vários ramos tradicionais da SM, o que nos leva a redescobrir nosso espírito comum. É por isso que devemos estar atentos a encontros regulares com os outros ramos da SM que permitem de iluminar-nos mutuamente sobre o espírito marista, com suas diferenças e convergências.

9/ O PROBLEMA LINGUÍSTICO

Praticamente, todas as fontes do XIX século e a maioria das fontes do XX século do Instituto são escritas em francês.

Um número importante delas foi traduzido ao espanhol, particularmente pelo CEPAM. Para o inglês o trabalho de tradução parece menos adiantado, mas progride rapidamente. A situação do português e de outras línguas nos é menos conhecida. Em todo caso, o desaparecimento rápido do francês como língua internacional e o imperialismo do inglês, como língua de comunicação universal, põem um problema sério, porque um pesquisador marista não francófono corre o risco de encontrar dificuldades com um grande número de fontes.

As traduções resolvem apenas parcialmente o problema, porque sua qualidade é muitas vezes aleatória e não se pode traduzir tudo. A solução menos comprometedora é evidentemente a edição bilíngue, opção feita pelo CEPAM, porque permite comparar imediatamente o texto original e sua tradução.

A África, onde um considerável número de jovens irmãos é bilíngue, inglês e francês, teria talvez a vocação de servir de ponte entre a língua original do Instituto e o inglês, com a condição de que o lugar central de formação não negligencie demais o francês.

10/ CENTROS DE FORMAÇÃO COMO ESCOLAS DE ESPIRITUALIDADE

Nem todo Irmão é chamado a tornar-se um pesquisador do patrimônio

marista, mas todo Irmão deve, hoje, dispor de um pensamento estruturado sobre a identidade marista. Isso significa que o conhecimento suficiente do patrimônio marista e do método, permitindo ler com discernimento, deveriam constituir parte da formação inicial.

Com efeito, essa formação não pode ser como era uma vez, assimilação do um pensamento acabado, mas preferentemente participação consciente numa tradição em permanente construção: uma escola de espiritualidade.

CONCLUSÃO

Em síntese, até 1955, mais ou menos, o Instituto funcionou essencialmente com um método de memorização: tudo tendo sido dito nas origens, era preciso, sem cessar, recordar e ilustrar “o espírito do Instituto”. Não é exagerado dizer que, entre 1955 e 2008, o Instituto empreendeu uma revolução cultural: não repetir mais, mas reinterpretar a herança.

Em sua Circular de 25 de dezembro de 1975, sobre o espírito do Instituto, o Ir. Basílio já formulava distinções esclarecedoras para este trabalho de longo fôlego:

«... é preciso distinguir duas noções que confundimos um pouco: o espírito e o carisma. **O espírito é mais uma maneira de ser, um ar de família, uma atmosfera que cria entre pessoas um parentesco de alma. O carisma, este diz relação ao mesmo tempo ao ser e ao agir**¹³. [...] « **Nossa espiritualidade [...] é a sistematização de nosso espírito [...] Pode-se identificar suas linhas fundamentais e pode-se delimitá-lo num certo corpo de doutrina. O espírito se transmite vivendo-o; a espiritualidade pode ser explicitada e mesmo, ensinada** ».

Mesmo se, desde o Ir. Charles Raphaël - que introduziu a noção de espiritualidade em nosso vocabulário - foram feitos esforços importantes, especialmente pelos Irmãos que trabalharam no patrimônio e na formação, para desenvolver essa “sistematização de nosso espírito”; podemos perguntar-nos se o Instituto ainda não ‘funciona’ muito segundo o espírito e o

¹³ Em particular a educação.

carisma, a espiritualidade desempenhando mais a função de ornamento do edifício do que seu fundamento? Em que medida também a palavra “espiritualidade”, atualmente de moda, foi simplesmente substituída pelos termos “espírito” ou “carisma”, como se se tratasse de uma vestimenta nova para noções antigas? E ainda, nossa tradição - mais afetiva e pragmática do que intelectual - não resiste ela a aceitar que a espiritualidade seja uma “sistematização de nosso espírito”, isto é, uma construção intelectual considerada enfadonha?

Para nós, as distinções propostas pelo Ir. Basílio definem, pelo contrário, um programa de ação global: não há formação marista séria, mesmo inicial, sem uma clara distinção entre as três noções de espírito, de carisma e de espiritualidade; e é função de nossa comissão “do patrimônio espiritual” ocupar-nos mais precisamente da espiritualidade em sentido amplo, seja revelando suas fontes, seja explorando-as racionalmente.

Novas tendas também

Ir. Michael GREEN, fms

O futuro Capítulo geral está tomando como tema “Corações novos para um mundo novo”, o que é saudável. A vitalidade e a eficácia do nosso modo de vida marista, por quase duzentos anos, têm tido como sua fonte perene a abertura para o novo, mas um novo que discerne. De igual modo, as palavras *coração* e *mundo* estão profundamente encarnadas nas suas alusões: o seu chamado nos convoca e compele à espiritualidade e à missão herdadas de São Marcelino. Mas em que proporção, estamos dispostos a ser *novos*? Em que grau de radicalidade, estamos preparados a lograr que os nossos corações mudem a natureza do Instituto, para que ele possa tomar o seu lugar nesse tal mundo novo? Este papel propõe que cumpre abraçar o lema do XXI Capítulo geral, de maneira tal que seja fiel às intuições carismáticas de Marcelino e autenticamente responsável, no concernente às necessidades de hoje; para tanto vamos necessitar de imaginar, de novo e a fundo, aquilo a que a *tenda* do Instituto dos Irmãos Maristas pode e deve assemelhar-se.

A NOVA TENDA

As imaginadas tendas da Escritura enquadram-se na rica e elevada metáfora joanina de Encarnação, como se Jesus estivesse montando a tenda em nosso meio. A tenda é símbolo da presença de Deus entre nós, lugar de graça e santidade, onde o povo se reúne para encontrar a Deus. Na Escritura hebraica, a tenda é simultaneamente lugar de encontro, assembléia,

oração, hospitalidade, refúgio e segurança, no deserto da viagem, e a casa simbólica da aliança de Deus com a humanidade. Durante gerações de Irmãos Maristas, o nosso querido Instituto também tem sido tudo isso para nós: a nossa tenda.

Nos últimos vinte anos, e especialmente depois do último Capítulo, o Instituto foi desafiado com a apropriada alusão bíblica de “alargar o espaço da nossa tenda”¹⁴. A convocação veio em resposta ao crescente desejo das pessoas leigas de serem incorporadas na missão, espiritualidade e até mesmo, em alguma forma, na estrutura dos Irmãos Maristas, o que confere com o contexto pós-conciliar em que a Igreja convoca todos os batizados para que assumam, de pleno direito, o seu papel e missão.¹⁵ A realidade vivida em diferentes partes do mundo marista é que muitas pessoas, além dos Irmãos, estão hoje procurando identificar-se como “maristas”, na tradição de Champagnat. Elas são atraídas por essa face do Evangelho, visto que encontram a Deus nesse caminho. Estão procurando desenvolver a sua própria espiritualidade nele, pautando-lhes inclusive a prática profissional de educadores e apóstolos da juventude que os cerca. Em algumas Províncias, a missão marista está quase por inteiro nas mãos de pessoas que não são Irmãos Maristas. Escolas, universidades, serviços de assistência e outros ministérios vão-se identificando como *maristas*, sem nenhum Irmão Marista à vista. Embora se haja escrito e prometido muito, acerca do emergir da convocação do “laicato marista”, qual é a relação dessas pessoas e dos ministérios que desenvolvem com o Instituto, na prática cotidiana? O que é que assegura a conexão com o corpo e com a missão abraçada pelo Instituto? Quais são as linhas de comprometimento e responsabilidade? Como são mantidos e corroborados os laços de família? Como fica enriquecida a espiritualidade marista dessas pessoas? Quais são os seus meios de compartilhar o di-

¹⁴ Cf. Isaías, 54:2 & *Message of the XX General Chapter*, 2001 #15. Nos anos anteriores ao Capítulo XIX, o Movimento *Champagnat da Família Marista* tomou forma ao responder ao mesmo imperativo. Quando apresentou o *Movimento Champagnat* na sua circular paradigmática de 15-10-1991 (Volume XXIX), o Irmão Charles Howard, S.G, lançou um fundamento lógico de grande alcance para a crescente participação do laicato na espiritualidade e missão do Instituto e, em termos mais gerais, da Igreja.

¹⁵ Vinte e dois anos após o término do Concílio, o Sínodo do laicato (1987) avançou na definição dessa convocação; o papa João Paulo II escreveu com vigor em prol do laicato na sua exortação apostólica *Christifideles Laici*, no ano subsequente. Os movimentos dentro do Instituto, no decênio seguinte, entraram em sintonia perfeita com essa vontade do Magistério da Igreja. Por ocasião da edição de *Vita Consecrata* em 1996, a Igreja estava explicitamente apoiando a integração da missão e espiritualidade do laicato com os Institutos religiosos. Ver VC, #54.

reito de participação no futuro desenvolvimento do caminho marista no mundo? Como vão participar em dar forma a esse futuro e tomar parte no discernimento e na tomada de decisão sobre ele? Como eles vão, de certo modo, formalizar a sua pertença? Nesse mundo novo - em que há apreciação mais profunda da Igreja como *communio* ou comunhão - que estruturas vão dar formato, proteção e encarecimento a tal eclesiologia entre os discípulos de Marcelino Champagnat?

A despeito de muita boa vontade e mesmo de considerável progresso, o Instituto prossegue em fervorosa busca de respostas satisfatórias e adequadas para essas perguntas e outras similares que se formulam. Tem havido e continua havendo muitas iniciativas de valor no Instituto, pelo menos desde o generalato do Irmão Charles Howard. Hoje estas são supervisionadas pelo Departamento do Laicato, muito operoso e criativo; este trabalha ativamente em definir, dar forma e base espiritual aos leigos maristas. Ainda assim, o questionamento e a dificuldade permanecem. É bom o que está sendo feito, porque eles nos levam à essência do que está sendo procurado. Talvez esteja ficando claro que a questão essencial não é o espaço diminuto da tenda, mas que há equívoco de tenda. Talvez todos nós tenhamos de desenhar nova tenda; talvez diversas tendas, algumas que devamos armar juntos.

QUEM SÃO OS MARISTAS DE HOJE?

Quem quer estar na tenda marista?¹⁶ Obviamente, são os Irmãos Maristas. Quem mais? Antes dos outros, naturalmente, aqueles que, profissional ou diretamente, estão envolvidos na missão marista: professores, juventude trabalhadora, catequistas, administradores, além de outros que labutam em várias especialidades e ministérios das escolas maristas. São pessoas que foram atraídas pelas oportunidades que lhes foram oferecidas, de modo especial nos últimos quinze ou mais anos, para serem formados na espiritualidade e na missão marista. Não são todos os que labutam no apostolado

¹⁶ Mesmo com formulação diferente, o termo *marista* se reporta à tradição de Champagnat e do seu caminho espiritual. Usa-se como economia de expressão. Não significa que esta via seja a única expressão da espiritualidade e missão marista. Pelo contrário, é evidente, pelo argumento acima, que há várias tradições autênticas de “espiritualidade marista” que têm aspectos comuns, como há outras que os têm diferentes.

marista que sentiram o atrativo de se prenderem à espiritualidade da nossa missão. Sempre haverá aqueles que visam somente a serem funcionários ou colegas de trabalho. Pretextar outra coisa seria optar pelo vazio. Assim, em algumas Províncias, onde não houve a promoção estratégica da espiritualidade marista entre o pessoal leigo, hoje há expressão pouco clara desse pensar ou apropriação, além dos próprios Irmãos; tampouco não passa pela cabeça de ninguém que esta escola ou aquela instituição possa ser marista, se não há Irmãos presentes. Além disso, a experiência sugere que, nas Províncias onde houve oportunidade e liberdade de recrutar equipes dispostas a se abrirem ao caminho marista e onde estratégias condizentes lhes ofereceram alimento para tal maturação na espiritualidade marista e na prática profissional, aí, sim, esse espírito floresceu entre eles e até se estendeu.

É da própria natureza da espiritualidade de Marcelino que o anzol que fisgou tais pessoas é a **missão**. A espiritualidade marista de Marcelino não pode ser compreendida ou vivida afastada deste contexto de missão, especificamente no trato da educação cristã da juventude. Aqueles que abraçaram este particular atrativo da espiritualidade marista, que lhes foi apresentado na vida da Igreja por Marcelino e pelos primeiros Irmãos, esses sentiram a necessidade de unir-se a eles na missão, seja diretamente seja subestabelecidos ou terceirizados. A nossa espiritualidade não se destina a membros de um grupo de oração particular ou individual, cuja principal preocupação não inclua a tarefa da evangelização da juventude. É natural, pois, que haja tanto interesse na espiritualidade de Marcelino naqueles que colaboram com a missão do Instituto na educação da juventude e a apóiam em todas as suas diversificadas formas

Além do corpo administrativo geral dos apostolados maristas, há outros que procuram identificar-se como maristas na espiritualidade, tanto como na sua missão. Neste grupo, estão muitas fraternidades do *Movimento Champanat da Família Marista*, que floresceu em algumas, mas não em todas as Províncias. Há pessoas considerando-se apoiadores da missão nesta ou naquela modalidade, como aposentados, ex-professores, pais, ex-estudantes e amigos, mas que não estão formalmente conectados com algum serviço ou grupo marista.

Cumpramos assinalar também que não todos são “leigos”; há aqueles que saíram da categoria de *irmãos* ou *leigos* do mundo marista. Não raro, esquecemos os sacerdotes e as religiosas. Que dizer, então, dos capelães e dos nossos colegas sacerdotes? Não teriam eles direito a um lugar na nossa tenda ma-

rista, por não serem nem leigos nem irmãos, como João Maria Vianney, proeminente membro da Ordem Terceira de Maria nos primórdios da fundação? Como acomodar as religiosas? Devem elas pertencer a outro Instituto, porque não há forma de viverem a vida consagrada como mulheres na tenda de Champagnat?¹⁷ Parece que a coisa vai ficando um pouco complexa.

OUTRA TENDA

Como forma de nos enfronhar nessa matéria, vamos a um artigo de provocação recentemente publicado pelo confrade perito e historiador marista André Lanfrey.¹⁸ A idéia proposta por Lanfrey é que, na realidade, houve dois centros de desenvolvimento da Sociedade de Maria: o de 1820 e o de 1830, um em Belley e o outro em l’Hermitage. As duas diferentes expressões da Sociedade começaram a emergir desde o começo fundacional. Em que pesem os protestos de Marcelino em sentido contrário, em favor da *unidade* e, pelo menos, da *uniformidade* destas duas expressões do “projeto marista”, dado que este existia mais em palavras que na prática. Seja na *estrutura* seja no *espírito*, ambos eram qualitativamente diferentes.¹⁹ Provavelmente Colin estava mais alerta, quanto a isso, do que Champagnat; com o tempo, teve a sabedoria de encorajar os Irmãos de Champagnat a seguirem a sua via.²⁰ Embora cada lugar, falando de Belley e l’Hermitage, es-

¹⁷ Um exemplo de como isso aconteceu tem sido a fundação do pequeno grupo de *Hermitas* na América Central, como religiosas que se consideram participantes do carisma de São Marcelino, mas diferentes das Irmãs dos dois Institutos Maristas existentes. A conexão delas com os Irmãos Maristas se dá apenas por associação informal e por relacionamento pessoal.

¹⁸ Lanfrey, A. (2008) *Unidade e Diversidade na Sociedade de Maria: misticismo, história e direito canônico*. (Marist Notebooks, #24, pp27-34).

¹⁹ Na causa da sua canonização, Marcelino foi promovido a “co-fundador” da Sociedade de Maria e, depois, formalmente reconhecido como tal. O seu recrutamento de sacerdotes para a Sociedade, na diocese de Lyon, a sua formação, a sua pertença a uma das metades da primeira geração de sacerdotes maristas, em l’Hermitage e na mesma casa dos Irmãos, e ainda a sua designação como superior tanto dos sacerdotes como dos Irmãos, em Lyon, deu-lhe uma função e influência só igualadas por Colin.

²⁰ Foi iniciativa de Colin que precipitou a eleição do Irmão Francisco como Diretor Geral em 1939. Colin foi quem encorajou Cholleton – como sacerdote encarregado dos Irmãos no começo de 1840 – a exercer, a título provisório, as suas responsabilidades. Colin falou em termos definitivos no Capítulo geral de 1852 (4 junho, *Chronologie d’Institut*) sobre a questão da separação formal. A sua visita ao Capítulo dos Irmãos foi muito breve, apenas dois dias. Dois meses depois, contudo, ele confirmou que tinha tomado a presidência do Capítulo Geral das Irmãs, como para indicar um relacionamento e compreensão de todo diversos.

tivesse envolvido na formação e no ministério tanto de sacerdotes como de irmãos, a compreensão dos respectivos múnus de sacerdotes e de irmãos, no projeto marista maior, o formato em cada um desses lugares foi diferenciando-se, desenhado por diferentes intuições de Colin e Champagnat.²¹ A maioria dos leitores deve estar familiarizada com o desacordo dos dois Fundadores, no concernente ao lugar que deveria caber aos Irmãos. Colin os via como meros auxiliares do ramo principal dos sacerdotes, eles como atores precípuos da Sociedade, ao passo que Champagnat considerava que os Irmãos tinham o seu papel próprio e importante no ensino e tal ministério era similar em valor àquele dos sacerdotes.²² Com o tempo, em 1839, como reivindicação especial da ala jovem dos sacerdotes, acordou-se que haveria dois grupos de Irmãos.

A divergência e o resultado final são bem conhecidos. O que é menos sabido é que havia diferentes práticas entre l'Hermitage e Belley quanto à função e ao estado dos sacerdotes. Ao passo que Belley focalizava a sua atenção principalmente na missão dos sacerdotes, seja na estrutura seja na finalidade, tendo os irmãos como auxiliares e elemento de apoio, em l'Hermitage eram os sacerdotes que constituíam a força de apoio aos Irmãos, como capelães e diretores espirituais. Como havia aqueles sacerdotes que tomavam um partido ou outro, no debate sobre o lugar adequado dos Irmãos, havia também sacerdotes que tomavam alternados partidos, no concernente à posição dos sacerdotes na Sociedade. Já em 1826, Etienne Terraillon ha-

²¹ Quicá a mais notável evidência da diferente concepção da Sociedade de Maria que se estava desenvolvendo em l'Hermitage, na segundo parte do decênio de 1820, e a sua exposição, seja a recente descoberta dos *Estatutos da Sociedade de Maria* que Champagnat enviou ao bispo Devie, em dezembro de 1836, documento escrito provavelmente em julho de 1830. André Lanfrey recebeu este documento do arquivista dos Irmãos da Sagrada Família de Belley. Preparou um comentário dele (Ver Lanfrey, 2005; *A New Document, the Statutes of Mary of the Hermitage*, in *Marist Notebooks* #20, pp.76-93). Os estatutos consideram que a Sociedade consiste num pequeno número sacerdotes capelães, vivendo com grande número de Irmãos professores, os sacerdotes com o múnus espiritual e a função de capelães, enquanto os Irmãos são encarregados da administração temporal e do apostolado externo nas escolas. Lanfrey pondera que o documento é consistente com outros do período 1825-1830, refletindo a diferença de opinião entre os sacerdotes maristas, representados por Champagnat e Pompallier por um lado e, por outro, por Colin. Colin prevaleceu desde 1830, com a sua eleição como Superior Central, quando houve a mudança dos sacerdotes para Valbenoite. Ressalte-se, portanto, o fato de Champagnat enviar os "estatutos" a Devie apenas em 1836.

²² Ver *Avis, Leçons, Sentences*, Capítulo 41 ; Circular de 1837, linha 20. Ao adotar esta visão, presume-se que Marcellino foi influenciado por Jean-Baptiste de la Salle; este defendeu que a função docente merecia ser valorizada como ministério da Igreja.

via manifestado a sua opinião; abandonou Champagnat e foi dedicar-se à pregação, visto que a sua visão de sacerdote marista não era ser capelão de comunidades de Irmãos. Optou por tornar-se um sacerdote missionário do interior. No começo do decênio de 1830, havia ainda desconforto entre os capelães em l'Hermitage, deflagrado por Colin²³ e apoiado por Séon; este instou os seus colegas sacerdotes a abandonar uma situação onde viviam enredados por inteiro na comunidade dos Irmãos, numa como minoridade; saiu para formar uma comunidade apenas de sacerdotes, em Valbenoîte. No outro lado do debate, sacerdotes tais como Servant e Forest, que haviam sido formados por Champagnat, tinham em alta conta o padrão de experiência comunitária que l'Hermitage representava, e o modelo de sacerdócio que Champagnat personificava.²⁴ Outro, de nome Matricon, foi por longo tempo capelão de l'Hermitage, sem nenhuma função de autoridade ou direção. Eis por que Lanfrey argumenta que deve ser mais que legítimo asseverar: houve duas Sociedades de Maria em desenvolvimento; duas autênticas, mas diferentes realizações da visão de Fourvière.

Na visão do Pe. Colin, o Pe. Champagnat *nunca compreendeu* o lugar dos Irmãos na Sociedade de Maria.²⁵ São palavras fortes, sem dúvida, mas com base na verdade. O que elas declaram, no entanto, é que Marcelino nunca compreendeu o lugar dos Irmãos na Sociedade de Maria que foi fundada em Belley, isto é, a fundação de Colin. É de igual modo certo dizer que Colin nunca entendeu a função dos Irmãos na Sociedade de Maria, va-

²³ Ver cartas de Colin a Champagnat de novembro e dezembro de 1831, O.M., Docs 239, 241, 242, 246

²⁴ Ver cartas de Servant a Champagnat, 15 dez. de 1836 (AFM, Letters OCE 622.51, p.236); 29 May 1841 (APM Z203)

²⁵ Isso consta explicitamente na sua carta a Champagnat, de 22-2-1839, no concernente à instrução de Colin a Champagnat para enviar Irmãos a Bordeaux como sacristães do santuário mariano. O desagrado de Champagnat com a proposta de Bordeaux fica evidente naquilo que Colin escreve na carta, porque é a visão dele quanto ao papel essencialmente coadjuvante dos Irmãos na Sociedade. Ver também *Memoir of Brother Sylvestre* (final do cap. 6^o), onde este descreve a visão de Colin de que sacerdotes e Irmãos tinham “fins completamente diferentes”; necessitariam “diferente Regra” e “Superiores diferentes”, o que Colin teria dito a Champagnat em meados do decênio de 1830: os Irmãos não seriam incluídos na Sociedade depois da morte de Marcelino. De Mayet (*Origines Maristes* #844), aprendemos que Colin mais tarde asseverou que os Irmãos das Escolas nunca haviam sido parte dos seus planos. “Os Irmãos das Escolas nunca existiram diante de Deus, no meu plano original da Sociedade. Se foram admitidos mais tarde, foi por pura bondade e como gratidão pelos serviços que nos prestaram e especialmente a pedido do Pe. Champagnat e dos Irmãos. Os sacerdotes, as Irmãs e a ordem Terceira foram parte do plano original, como igualmente os Irmãos José.”

le dizer, na modalidade fundada em l'Hermitage. Os dois fundadores discordavam igualmente no que se reporta ao lugar dos sacerdotes.²⁶

As atitudes concernentes aos Irmãos que, com o tempo, prevaleceram na Sociedade de Maria são compreensíveis. A maioria dos sacerdotes e dos Irmãos haviam tido um lastro cultural muito diferente; haja vista que, naqueles primórdios, os sacerdotes contavam uma educação muito superior e, assim, eram intelectualmente mais capacitados. Até o começo do decênio de 1850, pelo menos, os Irmãos tinham pouca formação acadêmica; eram até ativamente desencorajados de algum preparo além do mínimo necessário para o ensino primário das crianças.²⁷ Por certo a sua educação teológica era primitiva e, na maioria dos casos, não era menor a sua carência de ensino secular superior. Não é surpreendente, pois, que algo de humano e social dividisse sacerdotes e Irmãos. Inelutavelmente, certa cultura clerical foi emergindo na sociedade de Maria que, na segunda geração de sacerdotes maristas, já estava firmemente estabelecida.²⁸

Descrevendo essas diferenças de intuição e visão entre Champagnat e Colin, deve-se dizer, simultaneamente,

que os dois Fundadores e também Jeanne-Marie Chavoïn e o próprio Courveille, antes de sair de cena em 1826, nunca imaginaram o Projeto Marista sem todos os seus ramos. Cada um deles está vivamente interessado no trabalho de todos os ramos; eles ativamente contribuíram para isso e profundamente participaram.²⁹ Se incluímos as diversas fundações de Courveille, houve bom número de sementeiras maristas nos primeiros quinze anos. Em 1840, três estavam enraizadas e florescia: Colin, Champagnat e Chavoïn. Também em Lyon a ordem terceira estava dando sinais de vida.

²⁶ Alois Greiler SM, historiador atual, pensa que Colin e Champagnat tinham concepção diversa quanto à congregação religiosa antes que eles entrassem no Projeto Marista de Courveille. Foi só depois do eclipse de Courveille e da maturação das suas respectivas idéias pelo fluir do tempo, que as diferenças dos modelos de Colin e Champagnat ficaram claras. A hipótese do Pe. Greiler é por certo apoiada pelas opiniões de Colin expressadas a respeito dos Irmãos em 1840 e 1850, depois da morte de Champagnat. Interessante conjectura seria ponderar o que Marcelino teria escolhido para os seus Irmãos, houvesse ele vivido nesses dois decênios.

²⁷ Até mesmo o Irmão João Batista, bem lido e bem instruído, a quem Champagnat chamava estudioso obsessivo, sabia desencorajar os Irmãos para avançar nos estudos. Nisso ele se assemelhava ao Irmão Francisco e ao Irmão Luís Maria.

²⁸ Isso evidenciou-se no debate sobre o lugar dos Irmãos, num retiro dos sacerdotes em 1839. Os dois decênios seguintes apenas cimentaram isso.

²⁹ O Ir. Frederick McMahon em livro de 1993, *Travellers in Hope*, faz a crônica de como estava entrelaçada a história da fundação marista, especialmente de 1820 a 1850.

Pelo menos até a morte de Champagnat, todos os fundadores consideravam-se mutuamente comprometidos em largo escopo comum. Embora, no fluir do tempo e sob vários aspectos, eles divergissem quanto ao papel e interação dos ramos, eles todos permaneceram comprometidos nesses primeiros decênios com uma visão marista que a todos envolvia, em qualquer diocese do mundo, em todo o mundo marista. O projeto marista era maior do que a mera soma das suas partes. Teria sido inconcebível para Champagnat, por exemplo, imaginar uma comunidade como a de l'Hermitage sem a presença de capelães ordenados como parte integral dela,³⁰ ou sem o trabalho das Irmãs como complemento daquele dos Irmãos. Seria também impossível compreender os matizes diferenciadores dos diversos ramos, sem compreender a comunhão marista unificada.

Como os dados da história estavam lançados, os Maristas tiveram de desenvolver-se em Institutos separados e tomar a sua própria rota. Tem havido algum grau de associação e colaboração na sucessão do tempo, mais especialmente entre os Padres Maristas e as Irmãs Maristas, mas houve mais independência que interdependência. Desde o decênio de 1960, o conceito de “família marista”, tão favorecido pelo Irmão Basílio Rueda,³¹ vem contemplando maior caminhada conjunta, até mesmo com certas tentativas de compartilhar comunidade, formação e ministério. Admitiu-se, contudo, que embora as relações mútuas dos ramos sejam hoje mais cordiais que nunca, e que a maioria das feridas e incompreensões tenham sido muito bem curadas, nunca tem havido, desde 1840, plena realização do sonho marista que envolvesse todos os ramos em sustentado e genuíno modo de colaboração. Mesmo reportando-nos às missões da Oceania, entre 1836 e 1870, houve problemas, desentendimentos, erros de julgamento e exclusão entre os ramos.

Ainda assim, formulada em diferentes escalões organizativos, tem havido a esperança de que certo tipo de unidade estrutural ou associação mais

³⁰ As cartas de Champagnat a Cattet, Gardette, Barou e de Pins em 1827 e 1828, pleiteando que fossem indicados sacerdotes para l'Hermitage, exemplifica isso com força. Não era sem razão que o Fundador esperava que alguns sacerdotes fossem designados. Em 1828, houve acima de 3000 ordenandos na França: A falta de sacerdotes do período posterior à Revolução havia passado. A mais urgente necessidade com que Marcelino se preocupava era a falta de professores cristãos comprometidos.

³¹ Ainda assim, o Ir. Basílio era prudente no apontar as diferenças distintivas das intuições carismáticas de Colin e Champagnat. Ver, por exemplo, a sua distinção entre a ênfase de Colin nas *intenções apostólicas* de Maria, em contraste com a atração de Champagnat para a *pessoa de Maria*. Circular Vol XXVI, #3, “O espírito do Instituto”, 25.12.1975.

jurídica e formal pode ser revisitado. A melhor resposta a isso talvez tenha sido feita por Craig Larkin, SM, em 2001, quando ele comentou a possibilidade de uma assembléia dos Capítulos Gerais dos quatro Institutos Maristas que deveriam ter nascido da mesma família, mas agora eles se assemelham a filhos adultos, cada qual com a sua família.³² Enquanto eles sempre compartilham uma herança comum e um laço familiar bastante caloroso, cada ramo agora tem o seu próprio espírito, o seu próprio pessoal e a sua própria e bem desenvolvida expressão de espiritualidade marista.

A atual situação é o desenvolvimento lógico e inevitável do passado. Desde os primórdios, não houve versão monocromática da Sociedade de Maria. Mesmo o emprego da mesma linguagem e frases, por exemplo “o trabalho de Maria”, ou a própria palavra *marista* não comportava sempre o mesmo significado.³³ É de auto-evidente peso o argumento de que, de fato, havia mais de uma *tenda marista*.

Nada temos que temer de tal expressão plural da espiritualidade marista, ou mesmo da múltipla apropriação deste nome. Muitos grupos reivindicam a “camisa franciscana, beneditina ou inaciana”, por exemplo, sem presumir que é somente sua, ou que a sua é a mais autêntica versão. Diferentes tempos, culturas e estados de vida têm criado várias expressões das grandes espiritualidades da Igreja. Nem o nome nem a experiência vivida da tradição espiritual é propriedade de apenas um grupo singular, mas é compartilhada por muitos, em caminhos que se adaptam às circunstâncias particulares e sempre em prol de um único Evangelho.

REDESENHANDO A TENDA FMS

Muito da história marista e desses primeiros movimentos intuitivos de Marcelino resultaram na expressão diferenciada da Sociedade de Maria em l’Hermitage. Como essas intuições carismáticas dos decênios de 1820 e 1830 podem influenciar a nossa tomada de decisão agora, uma vez que visamos a

³² Larkin, C. *Mary in the Church, a Marist Insight: How can the intuitions of the first Marists be a source of inspiration for us today?* Discussão não publicada, dirigida a uma assembléia do Capítulo Geral dos Padres Maristas, Irmãos Maristas, Irmãs Maristas e Irmãs Maristas Missionárias, Roma, 12-9-2001, p.12.

³³ Circular do Irmão Basílio (*op.cit.*); é instrutiva nesse ponto.

ser criativos e fiéis ao carisma e a responder às necessidades do mundo contemporâneo? Retomemos o pensamento do Irmão André. Com base na análise histórica dele, como na leitura que ele faz da situação hodierna, Lanfrey propõe a intrigante idéia de que, quiçá, haja amadurecido o tempo para que a Sociedade de Maria de l'Hermitage cresça além dos seus parâmetros atuais, isto é, para que inclua na sua órbita jurídica todos os estados de vida da Igreja: homens, mulheres, religiosos e leigos, sacerdotes e seculares.

A proposta de Lanfrey é profunda e condiz com o tempo presente. É profunda, porque convoca à visão marista original: uma árvore de três ramos. Para ser legítima expressão da intuição fundacional da Sociedade de Maria, pode objetar-se, um grupo deve ter lugar para sacerdotes, Irmãs, Irmãos e leigos. Já ultrapassamos o tempo, se, em verdade, existiu dito tempo para além de 1825, quando podíamos, justificadamente, falar em sacerdotes maristas, Irmãs maristas, Irmãos maristas, Irmãs Missionárias maristas e mesmo os diversos grupos leigos maristas, todos compondo uma única árvore. Eles agora são ramos de diferentes árvores. O *gênero* é um, mas as *espécies* são várias. As árvores se diferenciaram porque, por duzentos anos, milhares de pessoas foram desenvolvendo diferente identidade e diferente espiritualidade, como ocorreu nas muitas e variadas expressões de espiritualidade beneditina, dominicana, agostiniana e franciscana; agora temos diferentes escolas de espiritualidade marista. Em que pese a herança comum, existem subteis, mas reais diferenças. Nem todo o mundo, que se identifica como marista, iria sentir-se em casa em cada um dos institutos maristas, ou em cada um dos vários movimentos associados com eles. E a espiritualidade pessoal, a tenda do indivíduo, é muito mais definida como aquela em que a pessoa se sente em casa.

Conclui-se do exposto que nos cabe a incumbência de tornar a visitar a conclamação de Marcelino aos seus colegas do seminário de Santo Ireneu: “Precisamos de Irmãos”. Marcelino expressou esta visão no contexto de um projeto mais abrangente, já que ele assumia a inclusão de sacerdotes, Irmãs e leigos. A razão da sua intervenção era primariamente missionária, porque contemplava a necessidade de bons professores cristãos para as crianças da zona rural empobrecida. Agora, como a fundação de Champagnat, com a sua específica missão da educação cristã das crianças, tem desenvolvido a sua própria espiritualidade, cumpre somar às palavras dele de 1814 o seguinte: “*mas não precisamos apenas de Irmãos*”. Na verdade, ter apenas Irmãos não seria a fiel interpretação da visão alargada de Marcelino no leito

de morte.³⁴ Nisso, as intuições de Marcelino não estavam apenas alinhadas com o sonho marista original, mas eram condizentes com as maiores tradições espirituais da Igreja que, por séculos, haviam tido tipicamente vias e estruturas espirituais para incluir homens e mulheres, leigos e religiosos, seculares e clérigos. Sem tais estruturas, é impossível que eles exerçam as suas funções na vida institucional da Igreja tão de pleno como, aliás, eles devem cumprir. O carisma apenas não é suficiente para sustentar um movimento. As estruturas jurídicas devem ser montadas ao redor da intuição carismática para a sua salvaguarda, e igualmente para regular a sua canônica interconexão com as demais entidades eclesiais. Exemplo da importância desse ponto pode ser visto no relacionamento problemático ou ambíguo que existe entre dioceses e Irmãos Maristas, em alguns países, quando a presença de membros professos do Instituto escasseia para certas atividades apostólicas. Assim, certa diocese pode reconhecer o direito de o Instituto designar algum Irmão como diretor de uma escola diocesana confiada ao Instituto, mas a diocese não reconheceria o direito de que apontemos para o cargo uma pessoa leiga, arguindo que no Código Canônico não consta disposição que autorize isso. Similarmente, o Instituto não tem direito de designar um sacerdote que se identifique como ligado à espiritualidade de Marcelino. Isso levanta questões no consentâneo às limitações das Constituições e dos Estatutos e, mais fundamentalmente, quanto à possível necessidade de novas categorias de associação ou de incorporação de membros.

Uma segunda resposta à proposição de Lanfrey é que ela consulta o nosso tempo: abre novo e genuinamente radical caminho de comprometimento com as convocações do Vaticano II para todos os batizados cooperarem na missão. Para o nosso Instituto, isso está sendo sentido pelas vias em que os leigos vão procurando crescente identificação com a missão marista na educação da juventude. Ademais, mesmo que os leigos estejam em posi-

³⁴ O desproporcional grau de atenção, no Testamento Espiritual de Marcelino, que é dado à unidade dos Pequenos Irmãos de Maria com a grande Sociedade de Maria atesta a sua visão no tema. Ainda assim, Colin e outros sacerdotes da Sociedade já estavam endurecendo no sentido de que “os Irmãos Maristas de l’Hermitage” eram um braço dispensável dos seus futuros planos para a Sociedade de Maria. Colin havia encorajado Marcelino a considerar a perspectiva do redesenho dos seus Irmãos, para passarem sob o controle diocesano, após a sua morte. Quando, no retiro dos sacerdotes maristas de 1839, contra os desejos de Marcelino, se fez a separação formal entre os Irmãos coadjutores e os Irmãos professores, percebe-se nela, pelo retrovisor histórico, o *divortium aquarum* do desenvolvimento da missão e espiritualidade maristas.

ções de muita responsabilidade, na direção das obras apostólicas maristas, e talvez muito bem conectados com a causa marista, o fato de serem leigos significa, nas presentes estruturas canônicas do Instituto, que eles podem somente lograr a condição de associados. Tal situação apresenta-se, de forma crescente, como viés e anacrônica expressão de Igreja. Cumpre ressaltar que a grande maioria dos movimentos eclesiais que atualmente experimentam crescimento e impulso são predominantemente leigos. Mas raramente eles são exclusivamente leigos. Este é ponto chave. Eles são mais incluídos na incorporação de membros: (1) com boas vindas e abraços em pessoal leigo; (2) mas de costume optam por quem tenha alguns meios de comprometer-se com mais seriedade e perseverança para dinamizar os condutores; (3) são servidos, pastoral e sacramentalmente, pelos sacerdotes. Este é o espírito contemporâneo de *communio* ou comunhão: não é um estado de vida, senão uma união ampla, cada qual desempenhando o seu papel no serviço da vida espiritual e evangelizando em missão da Igreja, em conexão e interação com os demais.

O último ponto se refere ao novo crescimento na Igreja, que é considerável, mas não exclusivamente leigo; eis o aspecto importante da adequação aos nossos tempos da proposta de Lanfrey. A possibilidade de inclusão dos sacerdotes, de uma forma ou outra, deve-se a uma maior necessidade hodierna, pelo menos em muitos países, onde a missão marista está sendo empreendida. A necessidade, em termos simples, é a seguinte: quase não há mais sacerdotes. Ora não os há suficientes e disponíveis ou que sejam condizentes para uma efetiva capelania nas comunidades e ministérios maristas. Uma comunidade autenticamente católica é sacramental na sua oração e na sua adoração, e esses sacramentos são celebrados mediante o ministério de sacerdote ordenado. A realidade de muitas comunidades maristas é que a eucaristia diária, ou mesmo semanal, sumiu do horário da comunidade, enquanto a presença de sacerdotes nas escolas e na celebração dos sacramentos para estudantes vai ficando cada vez mais rara em muitos países, não apenas nos países ocidentais desenvolvidos, onde as vocações clericais escasseiam. Há necessidade de sacerdotes, necessidade muito mais concreta do que a falta de profissionais, porque há muitos professores maristas comprometidos.

O sacerdócio tem sido uma questão espinhosa para os Irmãos Maristas. O tema da ordenação foi muito discutido no Instituto, em considerável parte do último século, de tal modo que se tornou tópico para debate em vá-

rios e sucessivos Capítulos gerais. Em 1946, 1958 e 1967³⁵ foi levantado, mas foi deixado em banho-maria, para que fosse examinado pelo Capítulo subsequente, sendo rejeitado pelo Capítulo de 1976.³⁶ Com a decisão final contra a ordenação dos Maristas, mesmo em número limitado de Províncias, os capitulares livraram o Instituto de complicações canônicas que tal mudança poderia criar, para nada dizer da cultura clerical que teria arriscado de introduzir, pelo menos em algumas partes do mundo. Muitos capitulares, contudo, tinham uma razão mais importante para não avançar na decisão contra a ordenação no Instituto: era a opinião de muitos no sentido de que o entendimento da Igreja no concernente ao sacerdócio e ao ministério da ordenação tinha de mudar. Entre as questões que os capitulares tinham com a atual doutrina estava a “mudança ontológica” que a ordenação produzia num homem, o seu caráter irrevogável e o fato de situá-lo na hierarquia da Igreja. Por todas essas razões, reputava-se a ordenação como inconsistente com a natureza da vida dos Irmãos Maristas ou, pelo menos, era o tempo errado de fazer a mudança. Desde então, tem havido a esperança, expressada em algumas partes da Igreja, de que um novo paradigma de sacerdócio pudesse emergir; ou, pelo menos, o reconhecimento de que a es-

³⁵ As deliberações sobre este tema pelo Capítulo de 1967 tiveram grande significação, porquanto podiam basear-se em explícita declaração da *Perfectae Caritatis*: muito influente decreto sobre a adaptação e renovação da vida religiosa, promulgado no fim da terceira sessão do Vaticano II, em 28-10-1965. Ei-lo. O sagrado sínodo declara que nada obsta a que alguns membros de comunidades religiosas de Irmãos possam ser admitidos às santas ordens, por provisão do seu Capítulo Geral para atender à necessidade de ministério sacerdotal nas suas próprias casas, com a condição de que o caráter laical da comunidade não fique alterado. (§ 10) Não poucos capitulares tomaram o texto como feito exatamente para os Irmãos Maristas; o decreto lhes oferecia a senha clara com que atender à necessidade que experimentavam, sem mudar o caráter essencial do Instituto.

³⁶ Na sessão IX do Capítulo XIV, de 1946, a comissão que estudou a matéria rejeitou o sacerdócio como contrário às Constituições. O Capítulo Geral XV, de 1958, recebeu inúmeras sugestões em favor da introdução do sacerdócio ou outros modelos, como o estabelecimento de um Instituto separado, cujo escopo fosse a capelania dos Irmãos Maristas. Na sessão XXIX do Capítulo, o tema foi discutido mais extensamente; remeteram, porém, a solução ao próximo Capítulo. Durante esse mandato, naturalmente, ocorreu o Concílio Vaticano II. No Capítulo XVI, de 1967-1968, o tema foi levantado na sexta sessão plenária, em 14-9-1967; de novo várias opções foram consideradas pela subcomissão. Extenso e sério debate ocupou diversas sessões plenárias, como nas destes números: 49, 50, 60, 67, 68 e 71. Houve profunda análise das questões; tratou-se do batismo, da identidade do Irmão e do próprio sacerdócio. Este Capítulo também remeteu a decisão ao futuro Capítulo. Tal estudo foi apresentado no Capítulo XVII, em 1976. Houve novo e sério debate em algumas semanas sobre a natureza do sacerdócio e o caráter e carisma do Instituto. No lado positivo, havia as necessidades da missão; no negativo havia as implicações que a introdução do sacerdócio geraria, como se percebe no relatório de 29 de setembro e a discussão e decisão de 15 de outubro. Novamente o tema foi remetido ao Capítulo futuro; isso ainda não ocorreu.

cassez de sacerdotes e o escândalo de negar a Eucaristia ao povo de Deus pudessem levar a Igreja a dar licença temporária para presidir ao sacramento da Eucaristia, na ausência do sacerdote, a pessoas leigas, bem selecionadas em nível episcopal. Isso ocorreria da mesma maneira em que uma pessoa leiga pode administrar o sacramento do Batismo, ou um homem ou mulher pode casar sacramentalmente, quando não pode estar presente o sacerdote ordenado. A oportunidade de esta mudança ocorrer, contudo, é cada vez menor. Meio século depois que o Concílio, como reflexo de que empalideceram as erupções vulcânicas das reformas, é mais claro que a fria realidade passa a ser esta: há um modelo de sacerdócio que a Igreja ocidental e a Igreja oriental tomaram e desenvolveram em dezenove séculos; isso não vai mudar dramática e intempestivamente. Não vai haver nem cisma nem reforma precipitosa; aliás, seria inconcebível que Marcelino sorrisse no céu aos seus discípulos que pleiteassem tais opções.

Com mais realismo e consistência quanto à lealdade à Igreja, que também era parte do nosso carisma fundacional, compete ao movimento marista aceitar que a ordem do sacerdócio é a ordem do sacerdócio. Cumpre olhar antes para caminhos em que os sacerdotes possam ser incluídos na nossa tenda marista como capelães e guias espirituais das comunidades maristas e ministérios. Levando em consideração as legítimas reservas acerca de não destruir a natureza da irmandade laical, podemos nós olhar para outras vias canônicas ou estruturais que encarem esse problema? A razão de assim tentar fazer radica primariamente no fato de que há urgente necessidade de sacerdotes na missão marista de evangelização e educação cristã da juventude e, de igual modo, para as comunidades maristas que se dedicam a essa missão.

COMO ISSO VAI SER POSSÍVEL?

Porventura seria um Instituto Marista que de algum modo incluísse Irmãos, sacerdotes, Irmãs e leigos, em relacionamento mútuo não hierárquico, interdependente e complementar? Como funcionaria? A reação instintiva de certa gente pode retornar a uma “resposta à Castracane”. Rejeitando a proposta de Colin, em 1833, o Cardeal riu-se da idéia de que todos os estados de vida, como sacerdotes, religiosos masculinos e femininos e o os leigos, poderiam ser governados juntos, no que ele via como um carretão

de múltiplos eixos. “Não vai funcionar”, disse ele.³⁷ Os Maristas, no entanto, pensavam diferentemente, visto que contavam com diferente intuição sobre a Igreja, visão fundamentalmente mariana: não hierárquica, incluída, desprezível, complementar e simples, formada pelo espírito de família.³⁸ Desse modo, mesmo hoje, o desafio se apresenta.

Porventura não haveria questões e obstáculos a serem superados? Sem dúvida; mas isso não impediria a nossa tentativa de lutar contra eles, pensar com originalidade e inovação acerca dos meios de transformar o sonho em realidade. Em todas as partes do mundo marista, haveria o mesmo grau de prontidão ou de sentimento de carência? Por certo não. Por exemplo, o exercício do sacerdócio, com o seu status e cultura, varia enormemente entre as três irmandades em que a missão de Champagnat é levada a cabo hoje. Ocorre outro tanto nos níveis e estilos de comprometimento dos leigos na missão marista, especialmente na lista dos modos como as pessoas leigas se identificam com o centro da missão de Marcelino e com o senso de participar nele. Em outro caso, a vida religiosa feminina parece haver morrido em alguns lugares; em outros, porém, há uma como plenitude de vocações. Na verdade, no mundo de hoje, há diferenciados papéis para os religiosos e para as religiosas, dependendo da parte da Igreja em que estão situados. A modalidade com que os religiosos vão atender às necessidades das Igrejas mais novas, por exemplo, difere daquela com que eles vão contribuir em Igrejas tradicionais.

IDENTIDADE, INTEGRIDADE E COMPLEMENTARIDADE

Em qualquer parte da Igreja em que ocorra, no entanto, a questão de incluir estruturalmente diversos estados de vida na tenda Marista, de certa for-

³⁷ Ver See *Rapport du Cardinal Castracane sur le projet de Société de Marie*, 31-1-1834. *Origines Maristes*, Doc.304.

³⁸ A original intuição marista do século XIX se alinha muito bem com o conceito da “Igreja Mariana” do século XX, conceito desenvolvido por Hans von Balthasar, aliás muito favorecido João Paulo II. Maria é proposta como arquétipo da Igreja. Craig Larkin, SM, desenvolveu as idéias de Balthasar, considerando-as em contexto marista moderno. Tomou a sua motivação do ícone tradicional da Ascensão, com a sua eclesiologia patrística. Importa assinalar, como fez o Pe. Larkin, que a “Igreja Mariana” não é conceptualmente oposta à Igreja institucional e hierárquica, dita Igreja Petrina; mas, em verdade, ela a assinala. Tampouco se diferencia da Igreja evangelizadora de dimensão paulina, ou da mística dimensão joanina. Esses quatro pólos da Igreja, representados no ícone da Ascensão, são todos indispensáveis para uma completa eclesiologia. A contribuição marista, opina Larkin, se pauta pelo papel de Maria.

ma vai implicar outra questão que foi menosprezada, sem receber uma resposta bem assentada no nosso Instituto, há bastante tempo: trata-se da identidade do *Irmão* dentro da missão marista ampliada. Com a chegada dos leigos, em larga escala, aos nossos campos de apostolado marista e, mais especialmente, a partir de quando foram habilitados a se considerar praticamente maristas, com base na Circular de 1991 e do Capítulo Geral de 1993, a velha indefinição de *identidade* tomou a conotação de enigma para muitos Irmãos. A questão foi aberta pela iniciativa de algumas Províncias, nas quais os leigos e Irmãos começaram a compartilhar não apenas o ministério profissional, mas também a compartilhar a comunidade. Em semelhante situação, há quem pergunta: “Onde está a integridade da vida marista? Onde está a sua identidade distintiva na missão?” Litros de tinta se gastaram na resposta a tais questões em decênios recentes.

Um ponto de vista se vale do conceito de “comunidade mista”, de pessoas leigas vivendo com religiosos, vale dizer o paradoxo, o oxímoro de “clareza obscura”, nem peixe nem ave. Ou o leigo vai ficar quase religioso, ou o religioso, de tanto aquiescer ao seu estilo, norma de vida e escala de atividades, ele se torna indistinguível, exceto em sua vida particular e individual. Ocorre que a vida religiosa marista é vivida em contexto comunitário, não privado nem individual. Questões podem emergir em ditas comunidades mescladas, quanto à frequência e formato da oração comunitária cotidiana, da eucaristia, refeições e recreio, presença mútua, exigências de acomodação e estilo de vida, além do modo como cada um dos votos é vivido fora da comunidade. Se o leigo de tal comunidade é casado ou em relacionamento pessoal estreito, questões e questões se levantam no concernente à espaciotemporalidade, tempo exclusivo e espaço próprio. Sem votos de castidade, pobreza e obediência, o leigo vai ter a liberdade de viver genuína vida laical em tal situação? Seu estatuto laical implica que esta não é a única, nem mesmo a primeira, opção de vida (e nem sempre é o que desejam suas esposas e famílias); por sinal, esta situação não é essencialmente permanente. Em contraste, os religiosos se comprometem de modo a envolver suas vontades, seus bens e a sua sexualidade, tudo entregue pela vida toda e em comunidade.

Talvez seja instrutivo, nessa consideração, recordar que a identidade distintiva dos Irmãos sendo simultaneamente leiga e religiosa, foi também uma questão que ocupou a mente de Marcelino e, depois dele, preocupou a liderança de Francisco, Luís Maria e João Batista. Para Marcelino, a questão

surgiu na segunda metade do decênio de 1820, quando iniciou os seus esforços para ter o reconhecimento legal dos Irmãos. Um fator crítico, no seu primeiro fracasso para consegui-lo, segundo o perito marista Irmão Stephen Farrell, foi a insistência em que os Irmãos emitissem votos formais.³⁹ Se ele se houvesse contentado com promessas ou outro tipo de compromisso de associação, o proposto reconhecimento legal poderia ter sido aceitável, como parece, para as libertárias sensibilidades dos políticos franceses do tempo. Marcelino insistiu em que os Irmãos não se comprometessem apenas como catequistas leigos, mas que levassem uma vida religiosa em plenitude. A introdução do hábito religioso nesse tempo e a sua insistência em que o portassem no próprio período perturbado de 1830-1831 confirmam tal princípio de Marcelino. Embora consumado homem pragmático como era, não quis compromisso quanto ao hábito, mesmo sabendo que poderia prejudicar o tão almejado reconhecimento. Similarmente, o objetivo chave de João Batista, na escrita da *Vida* em 1856, foi mostrar que os Irmãos eram uma congregação religiosa de pleno, situada na constelação da tradição monástica da Igreja.⁴⁰ Isso foi feito primariamente em reação aos movimentos de Colin de 1840 e 1850, além de outros, propondo que os Irmãos fossem considerados uma irmandade leiga de religiosos professores, certo tipo de ordem terceira de leigos ligados à Sociedade de Maria e que professavam administrar escolas. De forma alguma, responderam os Irmãos: eles se consideravam estabelecidos e fundados como plenamente religiosos, como ordem religiosa em sentido clássico. O caráter leigo do Instituto não deveria ser confundido com o sentido secular, ou “vivendo no mundo”, para usar expressão daquele tempo. No período posterior ao Vaticano II, as pessoas podem ter justificados motivos de perguntar em que grau as distintivas características da vida consagrada, como expostas em *Vita Consecrata*, por exemplo, se têm tornado invisíveis, a ponto de se terem perdido ou terem sido esquecidas.

A conclusão lógica do que se argumenta acima é que as comunidades dos Irmãos devem ser realmente *comunidades de Irmãos*, com vida de acordo com os ideais e exigências das Constituições e Estatutos dos Irmãos Maristas, sem mais nem menos, ao passo que as pessoas leigas devem ser *pe-soas leigas*. Estas podem ser hóspedes, mesmo hóspedes de alguma dura-

³⁹ Ver Farrell, S. (1984) *Achievement from the Depths*. Sydney: Irmãos Maristas, p.106

⁴⁰ Esta idéia é extensamente desenvolvida pelo Irmão André Lanfrey em diversos artigos, ms principalmente no seu livro, que é comentário crítico da *Vida*: Lanfrey, A. (2000) *Introduction a la Vie de M.J.B. Champagnat*. Roma: Irmãos Maristas.

ção, da comunidade dos Irmãos; mas isso é uma coisa muito diferente, algo onde as regras básicas e as expectativas recíprocas são fáceis de determinar. Cumpre afirmar, nestes casos, a identidade da comunidade religiosa. Isso não significa que as comunidades dos Irmãos não devam ser abertas, hospitaleiras; mas, espera-se que sejam lugares onde a vida religiosa se viva integralmente, com estruturas e obrigações que a facilitem. Tal visão não deve impedir uma disposição ou acordo em que várias pessoas - como uma comunidade religiosa ou um casal e alguma pessoa solteira, por exemplo - possam viver um tipo de vida, entendida como “comunidade” em termos gerais. Mas essa não é uma comunidade tal como a descrevem nossas Constituições.

O mesmo se diga das comunidades de Irmãs religiosas. No caso dos sacerdotes é diferente, dependendo do seu estado religioso ou secular; mas cumpre lembrar que, no tempo de l’Hermitage, a inclusão de sacerdotes religiosos como membros plenos de uma comunidade, mas como capelães, estava bem estabelecida. E assim também para leigos: a sua vocação como leigos maristas precisa ter a sua própria integridade, e não ser vista como mero adjunto ou pálida imitação da vocação religiosa e sacerdotal marista.

Para cada um dos estados da vida Marista, *communio* de nenhum modo implica amorfa uniformidade do estilo de vida. *Communio* é conceito teológico e eclesiológico, não sociológico.⁴¹ Para qualquer estado de vida deve de haver um honorável caráter diferenciador.⁴² Somente então pode a sua contribuição ao todo ocorrer com o máximo efeito e testemunho. Para leigos, religiosos e sacerdotes maristas trabalharem juntos na missão é uma coisa; para eles tentarem também os mesmos padrões de vida e viverem em comunidade, com o mesmo nível de mútua expectativa, eis algo inteira-

⁴¹ Instrutiva sinopse de tal visão foi fornecida pelo então cardeal Ratzinger, na alocução do vigésimo aniversário de *Communio*, movimento internacional de ponderação teológica, que o atual Papa ajudou a fundar com Hans Urs von Balthasar e Henri de Lubac em 1972. Ver Ratzinger, J. *Communio: A Program*, in *Communio*, outono de 1992 (edição norte-americana).

⁴² A declaração final da Assembléia da missão Marista de Mendes, Brasil, em 12-9-2007, identifica esta partilha, mas com nota diferenciadora na convocação: *Queremos promover formas de associação e modos de pertencer ao carisma marista, para que leigos e Irmãos possam escutar a convocação para viver a própria identidade.* (#2.3). A citada Assembléia, constitui um momento decisivo na história do Instituto, em que leigos e Irmãos estão ligados algo inescrutavelmente quanto ao futuro da missão marista. A sua convocação deixa o Instituto com o desafio de bem levar a termo essas novas formas de associação; no contexto destas páginas, não se excluem as religiosas e os membros do clero.

mente diferente. O grande poeta norte-americano Robert Frost, em *Mending Wall* (Consertando o muro), com plena visão interior, explorou o irônico relacionamento entre “as boas cercas e os bons vizinhos”. O poema reconhece a boa vontade e até mesmo as forças que derrubam, que querem demolir as coisas que dividem.⁴³ Simultaneamente, porém, ele observa que as pessoas tornam a reerguer a paliçada, voltam a implantar a demarcação, como por instinto. Embora haja a razão de derrubar, não faltam motivos da autopreservação e integridade que jogam o seu papel. Frost deixa-nos com o irônico paradoxo de que “a boa paliçada faz o bom vizinho”. Imaginando como a nova tenda há de ser desenhada, os Maristas de São Marcelino agirão bem, se tomarem cuidado.

CONCLUSÃO

O discernimento tempestivo e necessário ao Instituto de como ele deve postar-se no novo mundo e na nova Igreja reivindica que se olhe criativa e abrangentemente, para bem avaliar quem há de ter lugar na tenda hoje. Em algumas partes do mundo, as vocações para a vida consagrada escasseiam e muitos questionam se haverá continuidade. Parte da resposta a isso é a seguinte: “Não, por si, não espontaneamente”. Em outros lugares, o movimento de leigos maristas é frágil e o seu crescimento parece furtivo e inconsistente. As pessoas se questionam se ele tem substância e raízes para crescer. De novo a resposta é: “Não, por si, não espontaneamente”. Em ambos os grupos, a ausência de sacerdotes ordenados diminui a capacidade de eles formarem autêntica e sacramentalmente uma comunidade católica eclesial.

A trama particular do sonho Marista que Marcelino começou a realizar em Lavalla, e então a desenvolver em l’Hermitage, espalhou-se por várias encarnações. O tempo presente convoca para o prosseguimento. A missão continua urgente e importante, no caso da educação crista da juventude. Todos quantos respondem ao apelo de participar nessa missão necessitam de dois elementos conjuntos, *carisma e estrutura*, para viver a sua espiritualidade marista, como Marcelino inspirou que se faça, e levá-lo a termo

⁴³ Frost, R. *Mending Wall*, in Untermeyer, I (Ed.) (1919) *Modern American Poetry*. New York: Harcourt, Brace and Howe.

conjuntamente. A sua tenda, como foi para os antigos israelitas, deve ser lugar de graça e de santidade para eles, lugar de união e de segurança, onde todos possam encontrar o Deus que com eles mora, e com Ele caminhar juntos, deslocando a nova tenda. A trama desse conto moderno é que, de todos os grupos sob a lona, o maior será o grupo laical. Como Marcelino vai lidar com tudo isso?

REFERÊNCIAS

Abbot, W.M. (Ed.) (1966), *Perfectae Caritas, The Documents of Vatican II*. London: Geoffrey Chapman.

Clisby, E. (1993) *Letters from Oceania*. Unpublished letters from the Brothers in Oceania 1836-1875. Held in Marist Brothers General Archives, Rome.

Coste, J and Lessard, G (1967) *Origines Maristes*. Rome: Société de Marie.

Farrell, S (1984) *Achievement from the Depths, a critical historical survey of the life of Marcellin Champagnat 1789-1840*. Sydney: Marist Brothers, Drummoyne NSW

Frost, R. *Mending Wall*, in Untermeyer, L (Ed.) (1919) *Modern American Poetry*. New York: Harcourt, Brace and Howe

Furet, J-B (1956; 1989) *The Life of Blessed Marcellin Joseph Benedict Champagnat, 1789-1840, Marist Priest, Founder of the Congregation of the Little brothers of Mary*. Bicentenary edition (in English). Rome: Marist Brothers.

Furet, J-B (1868; 1927; 1999) *Avis, Leçons, Sentences*. (Translated by Voegtli, L. as *Listen to the Words of your Father, Opinions, Conferences, Sayings and Instructions of Marcellin Champagnat*). Rome: Marist Brothers.

Howard, C (1991) The Champagnat Movement of the Marist Family, a grace for us all. *Circulars of the Superiors General*. Vol. XXIX. Rome: Institute of the Marist Brothers.

John Paul II, Pope, (1988) *Christifideles Laici, Post Synodal Apostolic Exhortation*. Promulgated 30 December. Libreria Editrice Vaticana.

John Paul II, Pope, (1996) *Vita Consecrata, Post-Synodal Apostolic Exhortation*. Promulgated 25 March. Libreria Editrice Vaticana.

Lanfrey, A. (1999) *Marcellin Champagnat et Les Frères Maristes, Instituteurs congrégationnistes au XIXe siècle*. Paris : Editions Don Bosco

Lanfrey, A. (2000) *Introduction a la Vie de M.J.B. Champagnat*. Rome: Frères Maristes.

Lanfrey, A. (2005) A New Document, the Statutes of Mary of the Hermitage. *Marist Notebooks* 20, 76-93.

Lanfrey, A. (2008) Unity and Diversity in the Society of Mary: mysticism, history and canon law. *Marist Notebooks*. 24, 27-34

Larkin, C. *Mary in the Church, a Marist Insight: How can the intuitions of the first Marists be a source of inspiration for us today?* Unpublished address to an assembly of the General Chapters of the Marist Fathers, Marist Brothers, Marist Sisters, and Marist Missionary Sisters. Rome, 12 September 2001,

Marist Brothers (1946; 1958; 1967; 1968; 1975; 1993) *Actes du Chapitre Général (XIV, XV, XVI, XVII, XIX)*. General Archives of the Marist Brothers, Rome.

Marist Brothers (1975) *Chronologie d'Institut* Rome; Marist Brothers

Marist Brothers (2001) *Message of the XX General Chapter*. Rome: Institute of the Marist Brothers.

Marist Brothers (2007) Message of the Marist Mission Assembly held in Mendes, Brazil (12 September). Rome: Marist Brothers.

McMahon, F. (1993) *Travellers in Hope, the story of Blessed Marcellin Champagnat and his fellow founders of the Society of Mary*. Rome: Marist Brothers.

McMahon, F. (2006) *Marists in the Making: A study of the personal and spiritual development of Jean-Claude Colin SM and Marcellin Champagnat SM and the relationship of these Marists*. Unpublished paper submitted to *Marist Notebooks*.

Ratzinger, J Communio: A Program, in *Communio*, Fall 1992 (American edition).

Rueda, B (1975) The Spirit of the Institute. *Circulars of the Superiors General*, Vol XXVI. Rome: Marist Brothers.

Sester, P and Borne, R (1991; 1992) (Trans. Voegtle, L.) *The Letters of Marcellin J.B. Champagnat, Founder of the Institute of the Little Brothers of Mary (Vols I and II)*. Rome: Marist Brothers

Tamet, F. (Brother Sylvestre) (1887; 2008) (Green, M. – Ed.) *The Memoirs of Little Brother Sylvestre. (New edition)* Sydney; Marist Brothers.

Von Balthasar, H.U. (1989) *Explorations in Theology I: The Word Made Flesh*. San Francisco: Ignatius Press.

Von Balthasar, H.U. (1991) Who is the Church? in *Explorations in Theology II: Spouse of the Word*. San Francisco: Ignatius Press.

Marcelino Champagnat, da Sociedade De Maria, em face da Missão “Ad Gentes”

Ir. Aureliano BRAMBILA, fms

Quando Colin apresentou em Roma o pedido de aprovação da Sociedade de Maria, com todos os seus ramos, relacionou a dimensão missionária “ad gentes” como a sua finalidade apostólica.

Em 23 de agosto de 1833. SÚPLICA DOS ASPIRANTES MARISTAS⁴⁴ ao Papa Gregório XVI, destinada a acompanhar as regras da Sociedade. *Original escrito à mão por Cláudio Bret e assinado pelos interessados. ACR.; editada em “Ant. Textus”, fasc. 1, pp. 59-61.*

Santíssimo Padre em Cristo e Sumo Pontífice Gregório XVI.

Beatissime Pater

Santíssimo Padre,

[1] Novæ Societatis Religiosorum sub nomine B. Mariæ instituendæ initia et progressus, jam breviter per litteras die decima quinta Aprilis anni currentis datas, Sanctitati Vestræ exponere ausi sumus. Nunc per divinam misericordiam ad pedes Sanctitatis Vestræ feliciter adducti, illius judicio humiliter submittimus has quidem adhuc inconditas regulas, ejusdem

[1] Ousamos expor a Vossa Santidade os primórdios e o desenvolvimento da nova Sociedade dos religiosos chamados de Maria, que vai ser instituída, como já informamos pela carta de quinze de abril deste ano. Agora, guiados felizmente pela misericórdia divina, prostrados aos pés de Vossa Santidade, submetemos humildemente à sua decisão estas regras ainda desordenadas: o seu fim é alimentar entre os fiéis a confiança na

⁴⁴ OM, 282

<p>Societatis: cujus finis est fiduciam in Mariam Virginem inter fideles fovere, ejusdem Dei Genitricis cultum undique propagare, et pro viribus concurrere, ut homines cognoscant et diligant hanc augustissimam Cœlorum Reginam, per quam, ut ait B. Bernardus, Deus totum nos habere voluit: ille est scopus, quo tendit minima illa institutio, de qua loquimur. Sub auspiciis B. Mariæ auxiliantis cupimus nos et omnia nostra impendere modis omnibus in salutem animarum ad majorem Dei gloriam.</p>	<p>Virgem Maria, propagar por toda a parte o culto à Mãe de Deus e contribuir com os seus esforços para que os homens conheçam e amem esta soberana Rainha dos céus, pela qual, como diz são Bernardo, <i>Deus quis que tudo obtenhamos</i>: este é o fim a que visa essa pequena instituição de que falamos. Sob a proteção de Maria auxiliadora, para a maior glória de Deus, anelamos dedicar as nossas pessoas e tudo o que é nosso à salvação das almas.</p>
<p>[2] Ut hunc finem assequi possimus, nos peccatores, omni humano auxilio destitutos, eodem animi consilio conjunxit misericors Deus, et jam in diocesis Lugdunensi et Bellicensi, faventibus locorum Ordinariis, divina miseratione coadunavit consocios, ut huic operi incumbere incipiamus, modo societatem benigne aspiciat et approbet Sedes Apostolica, cui in perpetuum totis visceribus adhæremus, obedientiamque promittimus, et sine cujus beneplacito ultra progredi nolumus.</p>	<p>[2] Para que possamos alcançar esse fim, Deus misericordioso nos uniu no mesmo sentir a nós, pecadores, privados de todo o auxílio humano e, com divina compaixão, já nos colocou juntos nas dioceses de Lyon e de Belley com o beneplácito dos Ordinários do lugar, para que comecemos a nos dedicar a esta obra, de modo que a Sede Apostólica, à qual aderimos para sempre com toda a alma, à qual prometemos obediência e sem cujo beneplácito não queremos seguir adiante, contemple benignamente a Sociedade e a approve.</p>
<p>[3] Ideo, Beatissime Pater, ad pedes Sanctitatis Vestræ humiliter provoluti, supplices deprecamur, ut in nos licet indignos et in hanc societatem omnium ejusmodi institutorum minimum, oculos benevolos inclinare dignetur Sanctitas Vestra, et nobis paterno affectu indicare, an illud animi nostri propositum placeat,</p>	<p>[3] Santíssimo Padre, para que Vossa Santidade se digne ver-nos com olhar benigno, embora sejamos indignos, e a esta Sociedade, o menor de todos os Institutos, prostrados humildemente aos seus pés, suplicamos-lhe que nos indique, com afeto paternal, se este propósito nosso lhe parece bom, de maneira que, fortalecidos assim com a sua Autoridade Apostólica, possamos per-</p>

<p>ut sic auctoritate Apostolica roborati, possimus in voto tutius permanere.</p>	<p>manecer na promessa com maior firmeza.</p>
<p>[4] Non quidem existimamus nos pares aliis Religiosis, qui virtute et scientia præfulgent, et tam fauste et laudabiliter se impendunt in animarum utilitatem: nos vero minimi operarii rogamus tantum, ut nobis liceat matri nostræ Sanctæ Ecclesiæ Romanæ inservire in novissimis locis, et nostra studia primum transferre per Missiones ad pauperes ruris incolas, usquedum divina Providentia ad alia officia præparati, aucto sociorum numero, juvenilem ætatem in collegiis ad scientias et virtutes informare possimus, et salutis evangelium prædicare in quavis mundi plaga, ad quam voluerit nos mittere Sedes Apostolica. Nam ad omnia Apostolorum ministeria paratus esse debet religiosorum sacerdotum ordo, aliorum ejusdem Societatis ordinum Caput, a quo pendent alii inferiores religiosorum ordines, quasi varii rami a suo stipite, ut in regulis indicatum est.</p>	<p>[4] Não nos consideramos iguais a outros religiosos que brilham pela sua virtude e saber, dedicando-se tão gozosa e louvavelmente ao bem das almas; mas, obreiros pequenos que somos, pedimos apenas que se nos permita servir à nossa Santa Mãe Igreja Romana nos últimos lugares, e levar os nossos conhecimentos principalmente aos pobres do campo, mediante as Missões, até que, por estarem preparados pela divina Providência para outras tarefas, e com o aumento dos membros, possamos formar a juventude dos colégios, no saber e na virtude e pregar o evangelho em qualquer parte do mundo onde a Sé Apostólica quiser enviar-nos, pois a ordem dos religiosos sacerdotes, cabeça de outras ordens inferiores de religiosos, como ramos diferentes de um mesmo tronco, como se indica nas regras, deve estar preparada para todos os ministérios apostólicos.</p>
<p>[5] Duplicem enim alium religiosorum ordinem amplectitur eadem B. Mariæ Societas: ordinem scilicet Fratrum, qui in regula alii nuncupantur fratres Sancti Josephi, ad illius Patriarchæ officia implenda, nempe opera manualia; alii Fratres Maristæ, qui bini vel tres aut plures in parochias mittuntur ad infantes</p>	<p>[5] Com efeito, a mesma Sociedade de Maria abarca outra classe de religiosos: a ordem dos Irmãos que na regra se chamam Irmãos São José, porque realizam as tarefas daquele Patriarca, isto é, tarefas manuais; outros Irmãos Maristas que, em número de dois ou três ou mais, são enviados às paróquias para educar as crianças, em especial os pobres, nos elementos básicos da</p>

<p>præsertim pauperes prima sacræ doctrinæ et scientiæ elementa edocendos; et ordinem Sororum religiosarum, quæ intra septa pariter se devovent ad eadem pia officia erga sexum fæmineum. Varii illi tres Religiosorum ordines jam ab annis plurimis existere inceperunt, et proximorum utilitati incumbunt in diocesis Bellicensi, Lugdunensi, Gratianopolitano et Vivariensi, faventibus locorum Episcopis.</p>	<p>doutrina sagrada e do saber; a ordem das Irmãs religiosas que, em clausura, se dedicam igualmente, em missão análoga, à infância feminina. As três ordens de religiosos começaram a existir nos primeiros anos e se dedicam ao bem do próximo nas dioceses de Belley, Lyon, Grenoble e Viviers, com o favor dos bispos do lugar.</p>
<p>[6] Nec etiam laicis in seculo viventibus intercluditur societatis janua: nam non tantum, quas in usu habent aliæ societates in honorem B. Mariæ, pias exercitationes studiose servavimus; sed etiam addidimus Tertii Ordinis exercitia in favorem laicorum utriusque sexus: ut sicut Maria omnium mater est, sic etiam, si favent tempora, illius societatis gratiarum participes evadere, et augmentum pietatis in B. Mariam percipere possint.</p>	<p>[6] Na Sociedade tampouco se fecha a porta aos leigos que vivem no mundo: mas não apenas observamos fielmente as práticas religiosas, como costumam fazer outras associações em honra da Virgem Maria, mas acrescentamos os exercícios da Ordem Terceira a favor dos leigos de ambos os sexos, para que, se os tempos o permitirem e como Maria é Mãe de todos, possam participar e usufruir do aumento da devoção a Maria Santíssima.</p>
<p>[7] Summum Pastorem Dominum nostrum Jesum Christum obsecramus, ut per infinitam misericordiam suam benedictionis suæ rorem effundat super hanc societatem sub nomine et auspiciis Virginis Immaculatæ nascentem; illamque foveat, augeat, spiritu suo roboret, ut societas non solum fidelibus prosit, sed etiam in ovile reducere valeat tot oves a via salutis miserabiliter errantes.</p>	<p>[7] Pedimos ardentemente ao nosso Sumo Pastor Jesus Cristo que, pela sua infinita misericórdia, derrame o orvalho da sua bênção sobre esta Sociedade que nasce com o nome de Maria Imaculada e sob sua proteção; que a favoreça, a faça crescer e a fortaleça com o seu espírito, de modo que a Sociedade seja útil não apenas aos fiéis, mas também para conduzir ao redil todas as ovelhas que por desventura se apartaram do caminho da salvação.</p>

<p>[8] Post tot tempestates et temporum difficultates jam <i>messis quidem multa est</i>; et calamitatibus fatigatæ, in <i>via perditionis</i> lassatæ, <i>regiones albæ</i> videntur <i>jam ad messem</i>; quapropter enixe rogamus <i>Dominum messis ut mittat operarios</i> virtute et Apostolorum spiritu repletos, qui a semetipsis omnino vacui, auspice Maria, has regiones Christo metant, et aliqua consolatione Ecclesiam Romanam post tot procellas recreent.</p>	<p>[8] Depois de tantas tempestades e dificuldades dos tempos, a messe é já abundante; e abatidas pelas calamidades, cansadas de andar pelas sendas da perdição, as pradarias que branquejam estão prontas para a ceifa; por isso rogamos com empenho ao Senhor da messe que envie operários, cheios da força e do espírito dos Apóstolos, e vazios de si mesmos, com a proteção de Maria, colham esses campos para Cristo e animem a Igreja Romana com algum consolo depois de tantas calamidades.</p>
<p>[9] O nos felices! si per misericordiam divinam et Dei Genitricis auxilium, illa minima Mariæ Societas ad hoc aliqua ex parte concurrere possit; si Cælorum Regina nos peccatores in servorum devotissimorum numero adscribere velit, et omnipotenti suo apud Deum suffragio corda nostra caritate et studio accendere ad peccatorum conversionem, et puerilem ætatem a communi vitiis gurgite avertendam. In Domino unice confidentes, hanc gratiam speramus a summa Dei misericordia: nam Deus <i>esurientes implevit bonis</i>, et gratis dantibus gratis abundanter concedit</p>	<p>[9] Quão felizes seríamos se, com a misericórdia divina e o auxílio da Mãe de Deus, esta pequena Sociedade de Maria pudesse contribuir para isso, de algum modo; se a Rainha dos céus quisesse inscrever-nos, a nós pecadores, no número dos seus devotos servos; se com a sua onipotente intercessão ante Deus, fizesses com que os nossos corações ardessem no amor e no trabalho pela conversão dos pecadores e no afã de apartar a juventude do torvelinho dos vícios. Confiando somente no Senhor, esperamos alcançar essa graça da grande misericórdia de Deus, porque o Senhor <i>enche de bens os famintos</i> e aqueles que dão de graça receberão de graça e com abundância.</p>
<p>[10] Nihil erroris timendum putamus, dum populorum pietatem in B. Mariam excitamus; sanctorum enim omnium vestigiis insistimus, cum illam privilegiis cumulatam, inter electos primogenitam laudibus extollamus quam ipse Dei filius Matrem habere voluit, et unanimi consensu</p>	<p>[10] Pensamos que, se alimentamos entre as pessoas a devoção a Maria, não há que temer o erro; seguimos os passos de todos os santos, quando honramos com louvor aquela que, repleta de privilégios, o próprio Filho de Deus quis chamar de Mãe; todos os Padres louvaram unânimes e cuja <i>onipotência suplicante</i> sempre proclamava</p>

<p>omnes Patres certatim collaudarunt, et cujus potestatem apud Deum omnipotentiam supplicem prædicarunt. Palam igitur dicimus B. Mariam esse Dei Genitricem, omnium creaturarum excellentissimam, gratis et virtutibus ornatissimam, Cæli scalam, peccatorum refugium, spem fidelium, Christianorum auxilium, omnium advocatam et adjutricem apud dilectum filium suum Jesum Christum, a quo tenet quidquid habet, et in quem refunditur quidquid in laudibus Matris proferimus, et qui illam thesaurariam et gratiarum dispensatricem constituit. Hæc sancti Patres dixerunt; hæc proclamat sancta Dei Ecclesia, <i>columna et firmamentum veritatis.</i></p>	<p>ram. Dizemos abertamente que a bem-aventurada Maria é Mãe de Deus, a mais excelsa de todas as criaturas, adornada de graça e de virtudes, escada para subir ao céu, advogada e apoio de todos, perante o Filho querido, Jesus Cristo, de quem recebe quanto tem, em quem se funde quanto proferimos em louvor da sua Mãe e é quem a faz dispensadora da graça. Anunciaram-na os Padres; a Santa Igreja de Deus a proclama <i>coluna e firmamento da verdade.</i></p>
<p>[11] Tandem, Beatissime Pater, summe omnium pastor, per Orbem vices gerens Christi, a quo Virgo virginum repulsam nunquam sustinuit, supplices deprecamur per eandem Virginem Dei Genitricem, ut nos, non ponderatis meritis, ad exauditionis gratiam admittat Sanctitas Vestra, divinam voluntatem nobis ostendat, Benedictionemque Apostolicam impertiri dignetur.</p>	<p>[11] Finalmente, Santíssimo Padre, sumo pastor de todos, Vigário de Cristo na terra, do qual nunca recebeu repulsa a Virgem das virgens, suplicamos humildemente a Vossa Santidade, por mediação da mesma Virgem Mãe de Deus que, sem considerar os nossos méritos, nos conceda a graça de mostrar-nos a vontade de Deus e se digne dar-nos a Bênção Apostólica.</p>
<p>Bellicii, Die 23a Augusti 1833.</p>	<p>Belley, dia 23 de agosto de 1833</p>
<p>Sanctitatis Vestræ Humillimi et obsequentissimi servi, J(oannes) Cl(audius) Colin, Sacerdos; E(tienne) Séon, Sacerdos; Colin, Sacerdos; Bret, Sacerdos; Déclas, Sacerdos; Maîtrepierre, Sacerdos; Forest, Sa-</p>	<p>De Vossa Santidade, humildes e obedientes servidores. João Cláudio Colin, sacerdote; Estêvão Séon, sacerdote; Colin, sacerdote; Bret, sacerdote; Déclas, sacerdote; Maîtrepierre, sacerdote; Forest, sacerdote; Jallon, sacerdote; Deschamps, sacerdote;</p>

<p>cerdos; Jallon, Sacerdos; Deschamps, Sacerdos; J(oannes) Humbert, Sacerdos; A(ntonius) Séon, Sacerdos; Convers, Sacerdos; J(oannes) A(ntonius) Bourdin, Sacerdos; Terraillon, Sacerdos; Chanel, Sacerdos; J(oannes) B(aptista) Fr(anciscus) Pompallier, Sacerdos; Champagnat, Sacerdos.</p>	<p>João Humbert, sacerdote; Antônio Séon, sacerdote; Convers, sacerdote; João Antônio Bourdin, sacerdote; Terraillon, sacerdote; Chanel, sacerdote; João Batista Francisco Pompallier, sacerdote; Champagnat, sacerdote.</p>
	<p>[12] Atestamos que todos os signatários acima são acerdotes e pertencem à Sociedade da bem-aventurada Virgem Maria. Belley, 26 de agosto de 1833.</p> <p style="text-align: right;">Depery, Vigário geral</p> <p style="text-align: center;">[Carimbo em relevo do Bishop Devie]</p>

Em 28 de Janeiro de 1836. CARTA DO CARD. SALA⁴⁵ a S. Exa. de Pins: os esforços do senhor Colin para lograr a aprovação da sua Sociedade fracassaram, porque incluía quatro ramos; reduzida ao único grupo dos sacerdotes, a Sociedade de Maria poderia ser aprovada, e cumpre animar o superior para que aceite a missão projetada. *Despacho não assinado mn AAL, documento 12, sobre a aprovação dos Maristas; minuta em ACPF, Escrita original, t. 950 (1835). ff. 660 – 661; cópia da expedição ibid., Congressi, Oceania, t. 1 (1816-1841), ff. 306-307 (texto B).*

<p>D(omino) Archiepiscopo Amaseno Administratori Apostolico Ecclesiae Lugdunensis. Lugdunum.</p>	<p>Ao senhor Arcebispo, Administrador Apostólico da Igreja de Lyon. Lyon.</p>
<p>Ill(ustrissi)me et R(everendissi)me D(omi)ne,</p>	<p>Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor,</p>

⁴⁵ OM, 365

[1] Quae datis die 20. Novembris anni proxime elapsi litteris ad Eminentissimum Sacrae Congregationis Propagandae Fidei Praefectum nunciavit Amplitudo Tua, grata admodum extitere, cum inde certa spes effulserit de Missionibus pro Occidentali Polynesiæ regione apprime accurandis. Ad eas enim designari utiliter posse arbitraris non-nullos ex Sacerdotibus, qui titulo Coetus Marialium coaluere, operamque isthic impendunt in Populis erudiendis, conformandisque plane salutarem. Iudicium quidem pendet adhuc de illius Coetus legibus, quæ per Sacram hanc meam Congregationem Negotiis, et Consultationibus Episcoporum, et Regularium praepositam examinandæ sunt. Verum Te latere haud arbitror, Presbyterum Collinium qua potuit maxima contentione adnissum fuisse, ut Coetus ille titulo, juribusque Congregationis ab Apostolica Sede donaretur, sed ejus vota in irritum cessere, quod minime opportunum visum fuerit, quatuor diversos, et in diversa officia excogitatos Coetus ea in Societate uno sub Moderatore coalescere. Quod si Societas ab Apostolica Sede adprobanda proponatur ex Ecclesiasticis tantum Viris, qui ad praestitutam per regulas disciplinam in Sacris Missionibus, in Spiritualibus Exercitiis, in Concionibus, et in ceteris Divini Ministerii muneribus obeundis rite collaborent, sententiam Sacrae Congregationis postulatis eorumdem favere nullus dubito.

[1] O que Vossa Alteza comunicou, na carta de 20 de novembro do ano recém-terminado, ao Eminentíssimo Prefeito da Sagrada Congregação da Propagação da Fé foi moi grato, já que se desprendia certa esperança de cuidar com especial esmero das Missões da Polinésia Ocidental. Com efeito, a elas podem ser enviados proveitosamente alguns dos sacerdotes que se congregaram sob o nome de Sociedade dos Maristas e que se dedicam a instruir as pessoas e a prepará-las claramente para a salvação. Ainda está pendente a resolução sobre as regras desta Sociedade, que têm de ser examinadas por esta minha Congregação de Arcebispos e Regulares, a cujo parecer se submetem esses assuntos. Não quero ocultar-lhe que o sacerdote Colin procurou com todo o seu afã que a Santa Sé desse à Sociedade o título e os direitos de Congregação; mas os seus desejos ficaram sem efeito, porque não se viu minimamente oportuno que quatro sociedades distintas e pensadas para obras diferentes se desenvolvessem juntas nessa Sociedade, sob a autoridade de um único Superior. Se for proposto que seja aprovada apenas a Sociedade dos sacerdotes que colaboram devidamente nas santas missões, exercícios espirituais, assembléias e demais tarefas do santo ministério, não duvido de que a resolução da Sagrada Congregação será favorável ao seu pedido.

<p>[2] Ceterum SS. mus Dominus Noster perlubenter adprobavit propositum a Te consilium de memoratis Sacerdotibus in eas plagas mittendis, tuæque in tantam Catholicæ rei utilitatem curæ, et sollicitudini vehementer commendatum voluit, ut licet Pontificium de Coetus illius legibus placitum nondum editum fuerit, eos tamen pro incenso, quo flagrant Christiani nominis ubique propagandi studio, ad saluberrimam illam expeditionem inflammas, remque, e qua æterna tot Populorum salus prope-ratur, cum Coetus Moderatore rite conciliare connitaris.</p>	<p>[2] Quanto ao mais, o Santo Padre aprovou com sumo gozo o propósito de enviar a esses lugares, embora ainda não haja decisão pontifícia sobre as regras da Sociedade, os mencionados sacerdotes; e quis encomendar encarecidamente ao seu cuidado e solicitude pessoas tão beneficentes no serviço da Igreja, insistindo em que os anime para que acudam com ardor a essa mui salutar expedição de propagar por todo o mundo, com ardente fervor, o nome de Cristo e que se empenhe ante o Superior da Sociedade, a fim de que prospere a idéia e, com ela, a salvação eterna de todos os povos...</p>
<p>[3] Hæc habui, quæ pro delato mihi munere Tibi significarem, meamque erga Amplitudinem Tuam singularem observantiam testatus fausta omnia, ac felicia Tibi adprecior ex animo.</p>	<p>[3] Pelo cargo a mim confiado, é o que devia comunicar-lhe, pedindo a Vossa Excelência que o cumpra com particular fidelidade; de todo o coração almejo-lhe o melhor bem.</p>
<p>Amplitudinis Tuæ Romæ 28. Januarii 1836 Addic-tis(sim)us Servus J(osephus) A(ntonius) Card(inal)is Sala Præfectus S(acræ) Cong(regatio)nis Episco-porum et Regularium.</p>	<p>De Vossa Excelência, em Roma, 28 de janeiro de 1836, mui dedicado servidor, Giuseppe Antonio, Cardeal Sala, Prefeito da Sagrada Congregação de Bispos e Regulares.</p>

Em 29 abril 1836. BREVE “OMNIUM GENTIUM”⁴⁶: aprovação “in perpetuum” dos sacerdotes da Sociedade de Maria, com faculdade para eleger Superior General e emitir os votos simples, que o Superior poderá dispensar. *Expedição oficial em pergaminho em APM 411.1; minuta em arch. vat., Brevi, a. 1836, Gregorii XVI, Aprilis pars 1^a, t. 4907, n. 8.*

⁴⁶ OM, 384

GREGORIUS PP. XVI	GREGÓRIO PP. XVI
<p>[1] Omnium gentium salus, cujus causa a Principe Pastorum, et Episcopo animarum accepimus, nos continenter vigiles esse compellit, ut nihil in expertum relinquamus, quo a solis ortu usque ad occasum laudetur nomen Domini, ac Sanctissima Catholica Fides, sine qua impossibile est placere Deo, ubique terrarum vigeat, atque refulgeat. Quocirca singulari sane paterni Nostri animi benevolentia eos potissimum ecclesiasticos viros prosequimur, qui in societatem coacti memores institutionis, et vocationis eorum divini verbi præconio, et multiformis gratiæ Dei dispensatione, non desinunt populos exhortari in doctrina sana, atque omni cura, et contentione uberes in vinea Domini fructus virtutis, et honestatis afferre conantur.</p>	<p>[1] A salvação de todos os povos, cuja causa recebemos do Príncipe dos pastores e bispos das almas, nos obriga a estar constantemente vigilantes, para que não omitamos nenhuma experiência pela qual, do Oriente ao Ocidente, seja louvado o nome do Senhor e brilhe com vigor, em toda a parte, a santíssima Fé Católica, sem a qual é impossível agradar a Deus. Assim, vemos com benevolência singular do nosso coração paternal esses varões eclesiásticos que, reunidos em Sociedade, recordando o seu estado e vocação, não deixam de exortar os povos na santa doutrina com o anúncio da palavra divina e com a dispensação da multiforme graça de Deus e, com sumo esmero e esforço, tratam de colher abundantes frutos de virtude e honradez na vinha do Senhor.</p>
<p>[2] Non mediocri certe voluptate affecti fuimus, ubi accepimus, dilectum filium Claudium Collin, et aliquot Presbyteros Diocesis Bellicen(sis) in Gallia multis ab hinc annis novæ religiosorum hominum societatis fundamenta posuisse titulo Societatis Mariæ. Quæ quidem societas eo potissimum spectat, ut Dei gloria, ac Sanctissimæ illius Genitricis honor augeatur, ac Romana Ecclesia propagetur tum christiana puerorum institutione, tum etiam Missionibus usque in ultimas terrarum Orbis oras.</p>	<p>[2] Não pouco nos alegramos, quando soubermos que o nosso querido filho Cláudio Colin e alguns sacerdotes da diocese de Belley, na França, há muitos anos, lançaram os fundamentos de nova Sociedade de Maria. A dita Sociedade tem como fim principal aumentar a glória de Deus e a honra da sua Santíssima Mãe e que se propague a Igreja Romana, tanto pela formação cristã das crianças como pelas missões, até os últimos confins da terra.</p>

<p>[3] Jam vero cum ejusmodi Societas in Diocesis præsertim Bellicensi, Lugdunensi, et Gratianopolitana divino favente numine fuerit propagata, et aliquot ipsius Societatis Presbyteri ad Catholicam religionem in Insulas Indiæ Australes promovendam a Congregatione de Propaganda Fide missi fuerint, iccirco ejusdem Societatis Presbyteri, quo ilia magis, magisque vigeat, et floreat, supplici cum prece a Nobis efflagitarunt, ut non solum Societatem ipsam Auctoritate Nostra Apostolica confirmare velimus, verum etiam veniam tribuamus, qua ejusdem Societatis presbyteri Supremum Moderatorem, seu Præsidem Generalem, a quo regantur, adlegere, et simplicia vota emittere possint.</p>	<p>[3] E como a dita Sociedade, com o favor de Deus, já se encontra propagada, principalmente na diocese de Belley, de Lyon e de Grenoble; e como alguns sacerdotes dessa Sociedade hajam sido enviados pela Congregação da Propagação da Fé a promover a religião Católica nas ilhas austrais da Índia, os sacerdotes dessa Sociedade nos pediram, com humilde súplica, que, para que floresça e se robusteça cada dia mais, tenhamos por bem não só confirmá-la com a nossa Autoridade Apostólica, mas também que lhes concedamos eleger um Superior Geral e emitir os votos simples.</p>
<p>[4] nos igitur, quibus nihil potius, nihilque optabilius quam Dei gloriam amplificare, et spirituali omnium populorum bono summopere prospicere, gravissimis Venerabilium Fratrum Archiepiscopi Administratoris Ecclesiæ Lugdunensis, et Episcoporum Bellicensis, et Gratianopolitan(i) acceptis testimoniis, ex quibus perspeximus ex hac Societate plurima bona, et comoda in christianam rempublicam posse redundare, de V(enerabilium) F(ratrum) N(ostorum) S(anctæ) R(omanæ) E(cclesiæ) Cardinalium negotiis, et consultationibus Episcoporum, et Regularium Præpositorum consilio, hujusmodi supplicationibus alacri, libentique animo annuendum censuimus.</p>	<p>[4] Assim, pois, Nós, para quem não há nada melhor nem mais desejável que acrescentar a glória de Deus e promover o bem espiritual de todos os povos, havendo recebido os testemunhos fidedignos dos nossos Veneráveis Irmãos, o Arcebispo Administrador da Igreja de Lyon e os Bispos de Belley e de Grenoble, pelos quais vemos que dessa Sociedade podem redundar muitos bens para o povo cristão, com o conselho dos nossos Veneráveis Irmãos os Eminentíssimos Cardeais de negócios e consultas de Bispos e Regulares, com alegria determinamos assentir a ditas súplicas.</p>

<p>[5] Quare omnes, et singulos, quibus hæ Litteræ favent, peculiari beneficentia prosequi volentes, et a quibusvis excommunicationis, suspensionis, et interdicti, aliisque ecclesiasticis sententiis, censuris, ac pœnis quovis modo, vel quavis de causa latis, si quas forte incurrerint, hujus tantum rei gratia, absolventes, ac absolutos fore censentes, Societatem, seu Congregationem Presbyterorum Societatis, de qua habita mentio est, Auctoritate Nostra Apostolica hisce Litteris approbamus, et confirmamus, eademque Auctoritate ejusdem Societatis Presbyteris potestatem facimus, cujus vi Supremum moderatorem, seu Præsidem Generalem eligere, et simplicia vota emitte- re libere, ac licite possint, et valeant. Eidem vero Supremo Moderatori facultatem tribuimus, cujus ope, illius Societatis Presbyteros a commemoratis simplicibus votis solvere queat. Denique eidem Congregationi negotiis, et consultationibus Episcoporum, et Regularium præpositæ examen regularum ejusdem Societatis reservamus.</p>	<p>[5] Portanto, querendo beneficiar a todos e a cada um dos favorecidos com este documento e, por tal motivo, absolvendo-os e declarando-os absolvidos de qualquer excomunhão, suspensão, interdito e demais sentenças, censuras e penas eclesiásticas dadas por qualquer causa, se nelas estiverem incursos, aprovamos e confirmamos com Nossa Autoridade Apostólica a Sociedade ou Congregação dos sacerdotes da Sociedade mencionada, e com a mesma Autoridade lhes concedemos a faculdade de eleger um Moderador ou Superior Geral e de emitir livre e licitamente os votos simples. Concedemos ao mesmo Moderador supremo a faculdade de dispensar os ditos votos aos sacerdotes dessa Sociedade. Finalmente, reservamos à Congregação de negócios e consultas de Bispos e Regulares o exame das Regras de dita Sociedade.</p>
<p>[6] Hæc volumus, concedimus, statuimus, atque mandamus, decernentes, has præsentis Litteras firmas, validas, et efficaces existere, et fore, suosque plenarios, et integros effectus sortiri, et obtinere, et omnibus, ac singulis ad quos spectat, et spectabit in posterum hoc, futurisque temporibus plenissime suffragari, sicque in præmissis per quoscumque Judices Ordinarios, et Delega-</p>	<p>[6] Isto quer, concedemos, estatuímos e mandamos; declarando que o presente documento é e será firme, válido e eficaz e obtêm os seus efeitos plenos e íntegros e favorece plenamente, no tempo presente e futuro, a todos e a cada um daqueles a quem se refere agora ou no futuro que assim deve ser julgado e interpretado por quaisquer chefes e delegados, mesmo pelos Auditores do Palácio Apostólico e pelas suas Eminências Reverendíssimas os Cardeais, ne-</p>

<p>tos etiam Causarum Palatii Apostolici Auditores, ac S(anctæ) R(omanæ) E(cclesiæ) Cardinales, sublata eis, et eorum cuilibet quavis aliter judicandi, et interpretandi facultate, et auctoritate judicari, et definiri debere, irritumque, et inane, si secus super his a quoquam quavis auctoritate scienter, vel ignoranter contigerit attentari. Non obstantibus, quoties opus fuerit, fel(icis) rec(ordinationis) Benedicti XIV., Prædecessoris nostri super Divisione Materialiarum, aliisque Apostolicis, ac in Universalibus, Provincialibusque, et Synodalibus Conciliis editis generalibus, vel specialibus Constitutionibus, et Ordinationibus, ceterisque contrariis quibuscumque.</p>	<p>gada a eles toda a faculdade de julgá-lo e interpretá-lo de outra maneira, e que será inválido e vão todo o atentado contra tudo isso, com ciência ou por ignorância, por qualquer pessoa de qualquer autoridade. Não obstante as Constituições e Ordenações gerais ou especiais que hajam sido dadas sobre isso por Nosso Predecessor, de feliz memória, Bento XIV, e por outras pessoas Apostólicas, e nos Concílios universais, provinciais ou sinodais e qualquer outra coisa contrária.</p>
<p>[7] Datum Romæ apud S. Petrum sub Annulo Piscatoris die XXIX Aprilis MDCCCXXXVI. Pontificatus Nostri Anno Sexto. Pro Domino Card(inal)i De Gregorio. A(ngelus) Picchioni Substitutus.</p>	<p>[7] Dado em Roma, em São Pedro, sob o anel do Pescador, no dia 29 de abril de 1836, ano sexto do Nosso Pontificado. Pelo Senhor Cardeal De Gregorio. A(nge)lo) Picchioni, substituto.</p>
	<p>[Em continuação da minuta]</p>
<p>[8] Pro Societate Mariana in Gallia. Approbatio in perpetuum Societatis Marianæ in Gallia cum facultate Presbyteris ejusdem Societatis adligendi Moderatorem Generalem, emittendi vota simplicia cum potestate eidem Moderatori solvendi vota. Est ex decreto Congregationis Episcoporum et Regularium. Placet M(auro).</p>	<p>[8] Para a Sociedade de Maria na França. Aprovação à perpetuidade da Sociedade de Maria, na França, com a faculdade para os sacerdotes da mesma Sociedade de eleger Superior Geral e emitir votos simples, e faculdade para o Moderador de dispensar os votos. Por decreto da Congregação de Bispos e Regulares. Placet, Mauro.</p>

CRONOLOGIA DO ENVIO DE MISSIONÁRIOS MARISTAS À OCEANIA

1836

Em 24 de dezembro. Os missionários embarcam no Havre no «Delphine». São os seguintes Maristas: Prelado Pompallier⁴⁷, os padres Chanel⁴⁸, Bataillon⁴⁹, Bret⁵⁰ e Servant⁵¹; os Irmãos Marie-Nizier (Delorme)⁵², Michel (Columbon)⁵³ e Joseph-Xavier (Luzy)⁵⁴.

⁴⁷ POMPALLIER João Batista. Primeiro bispo de Auckland, Nova Zelândia. Nasceu em 11-9-1801, em Lyon. O pai morreu em 1802. A mãe contraiu novas núpcias com Jean-Marie Solichon. De 1816 a 1826, a família mora em Vourles. Em 1826, ele ingressou no Seminário Maior de S. Ireneu, em Lyon. É ordenado em 13-6-1829. Em setembro do mesmo ano está em l'Hermitage. É homem muito ativo. Dedicar-se a muitas coisas, além da ajuda que dá ao Pe. Champagnat. Em 1833, é nomeado por Colin capelão dos terciários maristas de Lyon. Na diocese atua como representante da Sociedade de Maria. Cholleton propõe na diocese que Pompallier seja chefe da missão na Oceania Ocidental em vez do Pe. Pastre, como solicitava a Santa Sé. A proposta foi aceita. Em 1836, em Roma, Pompallier é sagrado bispo. De volta à França, faz os preparativos da missão que lhe foi confiada. Visita l'Hermitage e benze a nova capela. Em companhia de 4 padres maristas e três Irmãos Maristas parte para a Oceania em 24-12-1836 e chega em 10-1-1838. Em 1860, é o primeiro bispo de Auckland. Regressa à França em 1868. Em Roma, apresenta a sua demissão de bispo. Volta à França e morre em 21-12-1871. As suas relações com Colin foram tensas, dados os diferentes pontos de vista, em relação à missão e ao pessoal dela. (Nota do Ir. Aureliano Brambila)

⁴⁸ CHANEL PEDRO. Nasceu em 12-7-1803, em La Potière, Montrevel, Ain. Ingressa no seminário menor de Meximieux em 1819. Ingressa no seminário maior de Brou em 1824. Em 15-7-1827, o seu bispo Devie o ordena. É enviado à paróquia de Crozet. Em 1831, é aspirante marista. Foi diretor espiritual do Colégio de Belley. Em 24-9-1836, professa como religioso marista. Vai à Oceania com quatro padres e três Irmãos. Chega a Futuna com o Ir. Marie-Nizier em 12-11-1837. É martirizado em 28-4-1841. Em 1888, é reconhecido como mártir por Leão XIII e em 1889 é declarado beato. Em 12-6-1954, é canonizado em Roma. É uma vida mariana extraordinária. (Cfr. RB 122), (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

⁴⁹ BATAILLON PEDRO. sm (1810-1877). Vigário apostólico da Oceania central. Nasceu em 6-1-1810, em Saint-Cyr-les-Vignes. Estudou na escola clerical de São Policarpo em Lyon. Ingressou no seminário de S. Ireneu em 1832. Em 19-12-1835, ordenou-se. Foi vigário de Saint-Laurent-de-Chamousset. Comunicou o seu desejo missionário a Cholleton. Em 10-3-1838, o Arcebispo o convoca para as missões da Oceania ocidental. Com isso entrou na Sociedade de Maria. Em 1836, em Valbenoîte, ele se considerava membro do primeiro grupo missionário. Em 1-11-1837, chega à ilha Wallis. Teve êxito apostólico aí; em 3-12-1843 é sagrado bispo pelo bispo Douarre. Foi grande figura de missionário. Teve dificuldades sérias com Colin. Morreu em Wallis, em 11-4-1877. O Pe. Claude Rozier, no livro «Marie-Françoise Perrotton, «Une figure de proue de la mission mariste» lhe retrata vieses autoritários: « Bataillon é homem autoritário e pouco inclinado à consulta ». (Nota do Ir. Hugo E. Jiménez Solar, fms)

⁵⁰ BRET CLAUDIO. Sacerdote marista. Nasceu em Lyon em 180, filho único, ordenou-se sacerdote em 22-12-1832, em Belley. Vigário, vai a Valbenoîte, aspirante à vida marista. Faz os votos com os dezenove primeiros maristas em 24-9-1836. Aceitou o convite de Pompallier e

1837

Chegada a Valparaíso: 29 de junho de 1837.

Nova saída em outro barco, rumo à Polinésia: 10 de agosto de 1837.

Em 13 de setembro: chegada às ilhas do arquipélago Gambier.

Em 22 de setembro: chegada a Taiti (Polinésia).

Em 23 de outubro: chegada a Vavau (Ilhas Tonga).

O Prelado Pompallier descobre que as ilhas Wallis ainda não foram missio-

embarcou em 24-12-1836, contra a opinião da mãe. Dois meses depois morreu no navio, em 20-3-1837. Conhecido o fato, a Sociedade auxiliou os pais de Bret. A mãe foi recebida com as Irmãs Maristas de La Boucle, Lyon, onde faleceu em 1-8-1850. O pai foi recebido pelos Padres Maristas, em Puylata, Lyon e vai falecer em 31-10-1851. . (Cfr. RB 105), (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

⁵¹ SERVANT CATHERIN: Sacerdote marista. Nasceu em 2-10-1808 em Grézieu-le-Marché, Rhône. Ingressou no Seminário maior de S. Ireneu de Lyon, em 1829. Foi ordenado sacerdote em 22-12-1832. Aspirante à vida marista, viveu em l’Hermitage de 1833 a 1836. Professou em 24-9-1836. Embarcou com o grupo inicial, em 24-12-1836. Em 1842, substituiu o Pe. Chanel em Futuna. Morreu em 18-1-1860. (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

⁵² IRMÃO MARIE-NIZIER. É o Ir. que escreve a carta incluída por Champagnat numa circular. O seu nome é Jean-Marie Delorme, nascido em 19-7-1817, em S. Laurent d’Agni. Ingressou em 1833, noviciado em 8-12-1833; votos temporários em 10-12-1834; votos perpétuos em 10-10-1836. Morreu em 3-2-1874. Embarcou no Havre. Desembarcou em Futuna, em 8-11-1837. Segundo o Ir. Filogônio, Nizier “cumpriu providencialmente a sua missão. Auxiliou os padres, participando do trabalho pastoral; administrou o batismo a adultos, ajudou os moribundos a bem morrer. Falava bem a língua dos nativos; foi catequista notável. Quando Chanel é martirizado, Matala salva o Ir. Nizier, opondo-se ao seu retorno. Em duas ocasiões ficou imobilizado pela doença: em maio de 1843 e em janeiro de 1845. Passou 26 anos em Futuna; depois foi a Samoa e em 1865 chega a Sydney. Morre em Londres, em 3-2-1874. “O sacrifício da sua vida fora feito de todo o coração. Ele morreu como um santo”, segundo o Pe. Rocher, que deu a notícia da sua morte. (Nota do Ir. Carlos Hidalgo).

⁵³ IRMÃO MIGUEL: Antônio Colombon nasceu em 31-1-1812, em Mottier, da jurisdição de Vienne (Isère). Ingressou em l’Hermitage em 30-8-1831. Tomou o hábito em 2-10-1831. Emitiu os primeiros votos em 1-1-1832 e a profissão perpétua em 17-4-1834. Embarcou no Havre em 24-12-1836. Em fins de 1839, chegou a Kororareka. Dedicou-se aos trabalhos manuais. Tinha uma decepção: teria preferido catequizar e evangelizar. Com quarenta anos, deixa o Instituto e vai à Nova Zelândia. Ficou horticultor famoso, “Jimmy the gardener”. Morreu em 14-3-1880 em Reefton, Nova Zelândia. (RB 400). (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

⁵⁴ IRMÃO JOSEPH XAVIER: Luzy Jean Marie nasceu em 2-3-1807. Veio de Marboz (Ain). Esteve com os Padres Maristas em Belley em 1831 ou 1833. Fez profissão religiosa em 26-9-1836. Ele tem boas recordações de l’Hermitage. Vai à Oceania em 24-12-1836. Adoeceu na viagem. Esteve em Wallis, primeira fundação marista na Oceania, com Bataillon. Em 1872, está em Sydney, gravemente enfermo. Em 16-2-1873, o Ir. Luzy morreu em Vila Maria. Um ano depois falecia em Londres o Ir. Marie-Nizier, 3-2-1874. REF: “Frère Marie-Nizier”, do Ir. Joseph Ronzon; “Frères et Pères de la Société de Marie sous le généralat de Frère François de 1840-1860”, de Bernard Bourtot. (Nota do Ir. Luigi di Giusto).

nadas e decide instalar uma missão; chega em primeiro de novembro; ficam aí Bataillon e o Ir. Joseph-Xavier.

Em 8 de novembro, a sua escuna chega à ilha Futuna, onde descem o Pe. Chanel e o Ir. Marie-Nizier. A partir daí, Pompallier, o Pe. Servant e o Ir. Michel partem para Sydney, para descarregar uma parte do seu equipamento e para estabelecer um depósito para as necessidades dos missionários. Celebram o Natal de 1837 em Sydney; depois partem para a Nova Zelândia, onde chegam em 10-1-1838, na desembocadura do rio Hokianga, nordeste da Nova Zelândia.

Recebem a hospitalidade de um colono irlandês, que os esperava com impaciência. Na sua casa em Totara, celebrou-se a primeira missa nesse país, em 13 de janeiro de 1838 (Ut Biografia de Pompallier).

1838

Em 2 de setembro: Está prevista nova saída de missionários para a Nova Zelândia. Formarão a equipe: os sacerdotes Epalle⁵⁵, Petit, com três Irmãos de l'Hermitage, Elie-Régis⁵⁶, Marie-Augustin⁵⁷ e Florentin⁵⁸. (APF I, 558).

⁵⁵ EPALLE JOÃO BATISTA: Padre Marista, Bispo, martirizado na Oceania. Na vida do Fundador do Ir. João Batista Furet, há uma nota ou narração sobre a catequese. Marcelino, com uma maçã na mão, mostra as antípodas da França, onde há selvagens necessitados de evangelização. Um dos alunos que assistem à aula é Epalle. A partir dessa catequese, ele teria sido chamado a ser missionário. O próprio Prelado Epalle gostava de recordar o fato, atribuindo a Champagnat a idéia primária da sua vocação. Vejamos o depoimento e testemunho do Ir. Avito: "Vamos mencionar o testemunho de um dos ouvintes do piedoso catequista, que mais tarde chegou a ser sacerdote marista e bispo "in partibus" e que foi massacrado pelos antropófagos da Oceania, Sua Excelência Epalle, que gostava de comentar que devia sua vocação ao Pe. Champagnat. Durante as férias, Champagnat, então seminarista, reunia os meninos da aldeia para dar-lhes o catecismo. Certo dia, para melhor interessá-los, teve a idéia de dar-lhes uma noção de geografia. Mostrou-lhes uma grande maçã vermelha, com que atraiu a atenção de todos. Meninos, imaginem que a terra é uma grande bola parecida com esta maçã. Se pudéssemos atravessar a terra pelo centro, como atravessamos esta maçã, poderíamos encontrar no lado oposto daquele em que habitamos, homens como nós, porém mais infelizes. Não conhecem o bom Deus, vivem como animais, comem-se uns aos outros. Chamamos missionários aqueles que amam tanto a Deus, que abandonam os pais e o país, para ir ensinar-lhes o catecismo e fazê-los bons cristãos. Para reforçar a lição, o Pe. Champagnat repartiu a maçã e deu um pedaço a cada um. Então Epalle tinha seis ou sete anos. Aula e maçã inspiraram-lhe a idéia de fazer-se missionário, idéia que nunca o abandonou". (Anais do Ir. Avit. Jaime Juaristi M. Primeira parte 1879-1840. (Nota do Ir. Joaquim Baron)

⁵⁶ IRMÃO ELIAS RÉGIS. Etienne Marin. Nasceu em 20-9-1809. Ingressou em 1-11-1835; ves-

1839

Em 15 de junho o Ir. Attale⁵⁹ parte para a Oceania, via Londres, em companhia dos Padres: Petit-Jean, Viard, J.B. Comte e Chevron. (APF XI, 464).

1840

Em 12 de fevereiro, saída para a Oceania dos Irs. Claude Marie⁶⁰ e Ammon⁶¹, em companhia dos Padres Tripe e Pezant. (APF XII, 267)

tição religiosa em 25-3-1836; profissão temporária em 10-10-1836; profissão perpétua em 9-10-1837. Estudou em l'Hermitage em 1837. Embarcou para a Oceania em 1838. Chegou a Wangaroa, Nova Zelândia, em 1839; aí morreu em 24-4-1872. (Referências: RB 211), (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

⁵⁷ Ver nota 9.

⁵⁸ IRMÃO FLORENTINO. Narra as peripécias da vocação de missionário forçado. “O que me faz sofrer, e sempre o fará, é ver-me privado do hábito marista, mesmo nos domingos, de sorte que, deixando a França, deixei-o para sempre. Aqui pensava dar catecismo, auxiliando os sacerdotes missionários; porém o meu trabalho se reduziu ao de um criado, enquanto logro fazer os exercícios de regra. Tal é a minha posição e a posição dos outros Irmãos. Isso teria feito, se houvesse sabido perfeitamente a situação antes de deixar a França, donde parti de má vontade, mais por obediência que por livre escolha. Se fosse a vontade de Deus que eu regressasse a l'Hermitage, apenas a morte ou a obediência me fixariam aqui”. (Nota do Ir. Sebastião A. Ferrarini)

⁵⁹ IRMÃO ATTALE: Jean Baptiste Grimaud, nasceu em 11-8-1809, em St. Cassien, Isère. Ingressou no Instituto em 30-5-1838. Vestição, em 15-8-1838; profissão perpétua, 15-5-1839; falecimento, 7-8-1847.

⁶⁰ IRMÃO CLÁUDIO MARIA. Jean- Claude Bertrand. Missionário abnegado, de grandes sofrimentos morais. Nasceu em St. Sauveur-en-Rue, Loire, em 1814. Ingressou em 11-5-1835; vestição em 27-7-1835; profissão temporária, em 24-9-1835; perpétua, em 10-10-1836. Foi à Oceania em 12-2-1840. Desembarcou na Nova Zelândia: Hokianga, 1840; Opotiki, 1845; Hokiakanga, 1849; Nelson, 1850, onde faleceu em 5-11-1893. Extrato de carta a Colin, como segue. “Acabo de experimentar algo que me causou muita desolação. Tinha uns dez livros de piedade, diversos cadernos trazidos da França. Aproveitava os momentos livres para alguma leitura. Não sei o motivo, mas o fato é que o Pe. Servant me sequestrou os livros e cadernos; só posso usá-los nos domingos, porém só com autorização dele. O Ir. Nizier demorou muito para entender que os Irs. fariam maior bem nas missões, se tivessem casas organizadas como na França em vez de estarem ao serviço dos Padres como coadjutores”. (J. Ronzon, De-lorme J. M. 196 121). O Ir. Claude-Marie narra que não estava habituado a manejar os instrumentos de trabalho manual. O seu sonho era catequizar os nativos, ensinando-lhes o amor a Jesus e Maria. (RB 137). (Nota do Ir. Sebastião Ferrarini)

⁶¹ IRMÃO AMMON: Claude Duperron, nasceu em 1811 em Chauffailles (Saône-et-Loire). Em 22-9-1837 ingressa no noviciado de l'Hermitage. Vestição em 1-1-1838. Profissão perpétua em 10-10-1838. Em 1839, está em Lyon. Prepara-se para as missões. Embarca em 12-2-1840. Não chega ao destino, desce em algum porto da travessia. (RB 041). (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

Envia-se aos Irmãos missionários da Oceania uma carta assinada pelos Irs. Francisco⁶², Luís Maria⁶³ e João Maria⁶⁴, dando-lhes notícias da Sociedade de Maria e os detalhes sobre a morte do venerado Fundador. (Avit, 233-234 - C 1, 333-337).

⁶² IRMÃO FRANCISCO (1808-1881). Gabriel Rivat nasceu em Maisonnettes em 12-3-1808 e morre em l'Hermitage, em 22-1-1881. Filho de Jean-Baptiste Rivat e Françoise Boiron, casados em Lavalla em 12-5-1789. Primeiro Superior Geral do Instituto e sucessor de Champagnat. Ele escreve: "Entregue por minha mãe a Maria, ao pé do altar da capela do rosário, em Lavalla, saí do mundo em 6-5-1818". Acabava de fazer a primeira comunhão em 19 de abril. Em 8-9-1819, vestição primitiva. Champagnat lhe ensina latim e o impulsiona a estudar rudimentos de medicina e ervas medicinais. Dá aula em Lavalla, cozinheiro em Marlhes em 1820. Encarregado da primeira série em Vanosc, depois em Boulieu, até as férias de 1826. Em 11-10-1826, profissão perpétua. É associado ao governo de Champagnat, de quem nunca vai separar-se. Em 1831 é secretário do Pe. Champagnat, implicando ser secretário do nascente Instituto. El 12-10-1839, é eleito "Diretor Geral" dos Irmãos. Superior Geral de 1840 a 1860. O Ir. Luís Maria o substitui. Atribui-se-lhe esta frase antológica: "Tive vinte anos de preparação; vinte anos de governo; terei vinte anos para reparar as minhas faltas e erros"? Foi considerado o retrato vivo do Fundador. Foi homem providencial para o momento da consolidação do Instituto depois da morte do Fundador. (RB 224), (Nota do Ir. Enrique Alfaro)

⁶³ IRMÃO LUÍS MARIA. Pierre-Alexis Labrosse, segundo Superior Geral, nasceu em 2-6-1810, em Labrosse, comuna de Ranchal, no noroeste do Departamento de Ródano, cap. Lyon. Os pais tiveram treze filhos, seis deles mortos em pouca idade. O irmão mais velho foi sacerdote. Ele o seguiu em Verrières, em 1824, depois em Argentière; em 1829, entrou no Seminário de Santo Ireneu para estudar Teologia. Teve crise vocacional em face da responsabilidade do sacerdócio. Foi aconselhado a escrever a Champagnat, "porque o atraía o caminho da vida religiosa". O Pe. Gardette, seu conselheiro, disse-lhe: "Escreva ao Pe. Champagnat, Superior dos Irmãos de Lavalla, perto de Saint-Chamond". Champagnat lhe escreveu em resposta, em 29-8-1831. Assim, entrou em l'Hermitage. O seu Mestre de noviços foi o Ir. Boaventura, longe do preparo intelectual de Labrosse. A sua vestição deu-se em 1-1-1832. Fez a sua profissão por três anos em 7-10-1832. No dia seguinte vai a Côte-St-André, como professor dos maiores. Foi diretor desta escola até 1839. Eleito Assistente Geral, junto com o Ir. João Batista, em 18-5-1840. O Fundador, gravemente enfermo, pede-lhe que redija o seu "Testamento Espiritual. No capítulo de 1860, foi eleito "Vigário Geral", mas de fato Superior Geral, título este que lhe foi outorgado no Capítulo de 1863. Fez cinco viagens a Roma, obtendo a aprovação do Instituto em 9-1-1863. Construiu St. Genis-Laval, escreveu 32 circulares. Diversas biografias se ocupam dele: "Vida do Ir. Luís Maria", por um coirmão; "Os nossos Superiores", por um anônimo; "A vida de um grande realizador", pelo Ir. Ignace. (Cfr. RB Répertoire pág. 344-48). (Nota do Ir. Agustín Carazo)

⁶⁴IRMÃO JOÃO MARIA. Jean Claude Bonnet nasceu em 14-9-1807, em St. Sauveur-en-Rue, Loire. Órfão de pai e mãe aos cinco anos. Entrou em l'Hermitage em 2-9-1826. Em 2-12-1826, vestição marista. A sua primeira profissão foi no retiro de 1827. Foi professor em Charlieu. A sua profissão perpétua foi em 8-10-1828. Em 1829 foi nomeado diretor de Boulieu. Em 1832, encontramo-lo em l'Hermitage como professor do Escolasticado. Em 1833 obteve o diploma de professor. Em 1836, Champagnat o nomeia Diretor de l'Hermitage e ecônomo do Instituto. Graças à sua maneira de ser judicioso, constante, compreensivo e amável, foi encarregado da difícil tarefa de governar o setor de St. Paul-Trois-Châteaux, no período imediato à sua fusão de 1842. Aí sofreu muito. O centralismo do nascente Instituto Marista ajuda-o em algumas coisas mas o vai estorvar em muitas outras. Tem pouco es-

Em 8 de dezembro os Irmãos Pierre-Marie⁶⁵, Justin⁶⁶, Basile⁶⁷, Emery⁶⁸, Colomb⁶⁹ e Euloge⁷⁰ de l’Hermitage saem de Londres para a Nova Zelândia, em companhia dos Padres Maristas. (APF XIII, 88 - C I, 50).

paço para tomar decisões, o que incomoda Mazelier, que preferia um regime de províncias autônomas, embora não independentes. Em 1849, foi chamado a l’Hermitage. Em 1852, é nomeado diretor de Gonfaron, início da terceira etapa da sua vida. A escola era pequena e em meio social hostil. Em face da laicização, teve de declará-la escola particular, em 1871. O ingresso, sobremaneira a partir de 1878, foi muito pobre. A comunidade e o diretor viveram em grande pobreza, mas não fecharam a escola. O avanço espiritual de Jean Marie era enorme: “ganhava em bondade o que ia perdendo em saúde”. Morreu em 23-11-1866. O ato fúnebre foi uma apoteose. Toda a população de Gonfaron esteve presente. Teve um mausoléu como demonstração de carinho e veneração. Um verdadeiro Irmão Marista entre eles. Muito bem se resgatou o nome Jean Maria, que Granjon não soube levar e honrar, como primeiro Irmão cronológico do Instituto de Marcelino. (RB 292), (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

⁶⁵IRMÃO PEDRO MARIA. Pedro Pérénon nasceu em Virville, Isère, em 3-10-1804. Estava no noviciado de l’Hermitage em 27-10-1832. Vestição, em 2-12-1832; primeira profissão, 12-5-1833, em Bourg Argental, o que implica a sua nomeação para o lugar. Em 1834, emite os votos perpétuos e é nomeado diretor de Saint Genest Malifaux. O Ir. Avito fala dele: “Pedro Maria havia feito boa parte dos estudos eclesiásticos. Mais zeloso que prudente no recrutamento de vocações, enviava postulantes de seis em seis, mas quase todos voltavam. Seis anos depois, foram doze os que vestiram o hábito marista ao mesmo tempo. Perseveraram os Irmãos Eutímios, Bassus, João e Bazin. A qualidade compensava a quantidade, mas os desertores fizeram muito estrago, o que se emendou, deixando-os em casa”. (AA, p. 96). Esta carta ele a escreve em abril de 1838, isto é, já levava quatro anos na comunidade. Nas férias de 1839, retira-se de Saint Genest, no aguardo de ir para a Oceania; é enviado a Lyon na hospedaria de Saint Nizier, de março a novembro de 1840. Em 8-12-1840, embarca em Londres, na quinta expedição à Oceania, rumo à Nova Zelândia. De 1840 a 1845 permanece em Bay Island, quando volta à França, por problemas de saúde. Foi destinado a diretor do orfanato de Lyon. Depois foi a Nantua, de 1846 a 1850; depois é nomeado diretor do orfanato de Bois-S. Marie, até 1860. De 1860 a 1862 foi diretor de Neronde. De 1862 a 1868, está em Noyant. Passa a Decize em 1869 e Valbenoîte, onde fica até 1873. Falece em l’Hermitage em 25-8-1873. Referências: ch110 306 e RB 424. (Nota do Ir. Jorge Muñoz)

⁶⁶IRMÃO JUSTINO. Perret Etienne nasceu em 29-1-1814, em Chamelet, Rhone. Ingressou no Instituto em 7-12-1837. Vestição em 15-8-1838. Em 11-10-1838, primeira profissão; perpétua, em 13-10-1839. Morreu em 8-5-1871, na França, depois de ter passado muitos anos nas missões da Oceania. (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

⁶⁷IRMÃO BASILE. Michel Monchalin nasceu em 3-12-1814, em St. Hostien, Haute-Loire. Ingressou no Instituto em 26-6-1835. Primeira profissão, em 10-10-1836; perpétua, em 9-10-1837. Faleceu em 23-4-1898.

⁶⁸IRMÃO EMERY. Pierre Roudet nasceu em 28-1-1819 em Bevenais, Isère. Ingressou em l’Hermitage em 2-6-1839; vestição, em 15-8-1839; faleceu em 27-11-1882.

⁶⁹IRMÃO COLOMB. Pierre Poncet nasceu em 12-4-1816, em St. Didier-sur-Chalaronne, Ain. Ingressou no Instituto em 28-1-1839. Vestição, em 9-5-1839; primeiros votos, em 13-10-1839; saiu do Instituto em 3-4-1845.

⁷⁰IRMÃO EULÓGIO. Antoine Chabany nasceu em 24-4-1812, em St. Jean Soleymieux, Loire. Ingressou em l’Hermitage, em 2-11-1839; iniciou o noviciado em 2-2-1840. Faleceu em 14-5-1864.

Mentalidade, atitudes e decisões de Marcelino em relação com as missões, com base na sua correspondência ativa e passiva

MENTALIDADE E ATITUDES MISSIONÁRIAS

A sua mentalidade eclesial universalista assim se expressa

“Posso assegurar-lhes que visamos a todas as dioceses do mundo e de que a Igreja universal constitui o objeto dos cuidados da nossa Sociedade de Maria. Os mui dignos bispos que desejem valer-se dos nossos préstimos vão encontrar-nos dispostos a realizar os maiores sacrifícios, tanto em pessoal como em meios econômicos”. (Carta de Champagnat a Férreol Douillet⁷¹, Núm. 070, em outubro de 1836)

“Todas as dioceses do mundo entram nos nossos planos. Quando os senhores bispos quiserem chamar-nos às suas dioceses, com presteza voaremos na sua ajuda e nos consideraremos sempre os seus humildes e mui submissos servidores.” (Carta de Champagnat a Dom Filberto De Bruillard⁷², Núm. 093, 15 de fevereiro de 1837)

⁷¹ DOUILLET FERREOL. Ele nasceu em 25-8-1786, em Belmont (Isère). Foi ordenado sacerdote em 13-6-1813. Pouco depois, é nomeado diretor do seminário menor de Côte-Saint-André, Isère. Em 1820, abriu uma escola para oferecer aos meninos educação cristã e atrair candidatos ao seminário. Em 1824, comprou uma casa para pensionato. Contratou a senhora Marta Cuzin para a administração material do todo. Os seminaristas ajudavam na vigilância e nos cursos. Douillet logrou que a sua escola se transformasse em escola normal para formar educadores religiosos. Em 24-4-1830, Douillet consegue autorização do Conselho Real da Educação Pública. Irrompeu a revolução de julho de 1830, o que levou Douillet a entrar em acordo com Champagnat. Enviaria a l'Hermitage os seus aspirantes e receberia Irmãos Maristas para a sua escola. Em fim de outubro quatro Irmãos foram à escola de Douillet. Chegou também o Ir. Luís Maria com Champagnat. Aí estreitam-se as relações entre ambos, mas não foi fácil. Douillet queria fazer o bem segundo as suas luzes. Douillet pôs à prova Champagnat e mesmo aos seus sucessores. Depois de deixar todos os assuntos regularizados, Douillet, homem de grande fé e piedade sincera, mas de caráter difícil e de mentalidade estreita, morreu em 13-1-1855, com 69 anos. (RB 190), (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

⁷² DE BRUILLARD FILIBERTO. Bispo de Grenoble. Nasceu em Dijon em 1765. Ingressou no seminário de São Sulpício com 16 anos. Foi ordenado sacerdote em 1789. Durante o Terror, clandestinamente dedicou-se a confessar os condenados à guilhotina. Em 1810, foi nomeado pároco de St. Nicolas-du-Chardonnet; em 1821, de St. Etienne-du-Mont. Em 28-12-1825, sagrou-se bispo. O seu zelo apostólico não tinha medida. Transformou deveras a diocese e deu-lhe boa organização. Muitas congregações religiosas foram convidadas a abrir comunidades

“Todas as dioceses do mundo entram nos nossos planos. Consideraremos um dever voar em auxílio dos nossos senhores bispos que nos honram com os seus apelos.” (Carta de Champagnat a Dom Benigno Troussel d’Hericourt⁷³, Núm. 112, em maio de 1837).

O seu entusiasmo pessoal pela missão ad gentes

“Acabamos de receber a autorização do Soberano Pontífice e nos carregamos da missão da parte norte da Polinésia, aonde enviamos cinco dos nossos sacerdotes e dois dos nossos Irmãos. Muito encomendamos esta missão às suas piedosas orações”. (Carta de Champagnat a Francisco Mazelier⁷⁴, Núm. 065, 8 de maio de 1836)

na sua diocese. Os Irs. Maristas chegaram em 1831. Em 1846, ocorreram as aparições de Nossa Senhora de la Salette. Em 1852, lançava a primeira pedra do grande santuário em honra de Maria, sob esta invocação. Em 1853, pela idade, renunciou ao governo da diocese. Morreu em 15-12-1860. Foi um modelo de bispo, muito estimado pelos seus diocesanos. O seu coração repousa no santuário de la Salette. (Cfr. RB 101), (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

⁷³ TROUSSET D’HERICOURT BENIGNO URBANO, bispo de Autun, Saône-et-Loire. Ele nasceu em 15-7-1797, em Questember, Morbihan. Dedicou-se de pleno a restaurar a diocese. Estava muito ligado aos seus sacerdotes. Deu força às comunidades religiosas na sua área. Teve relacionamento amistoso com Champagnat e com os Irmãos. Morreu em 8-7-1851. Foi muito chorado. (RB 501), (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

⁷⁴ MAZELIER, FRANCISCO. Nasceu em 13-1-1795, em Bourg-de-Pèage, Drome. Ordenado em 11-5-17. No Período 1819-1822, presume-se, segue cursos literários em Paris. De retorno de Paris, foi nomeado professor de retórica no seminário. Em 1824, o bispo Tourette lhe confia a pequena congregação dos Irmãos da Instrução Cristã. O pároco de Saint-Paul-Trois-Châteaux, M. Mazelier, preocupa-se em comprar antigo convento dominicano; por volta de 1824, ele havia comprado a maior parte. Assim, quinze jovens são instalados aí. Tomou muito a peito o assunto, consagrando-se a esta obra, ainda que não sinta o carisma de fundador nem se julgue suficientemente preparado. Informa-se sobre as regras de congregações similares; harmoniza-se com a obra de Lamennais, o qual havia fundado os Irmãos da Instrução Cristã da Bretanha. Adota o nome para a sua congregação. A diocese de Valence mantém relações estreitas com os de Viviers, dirigidos por M. Vernet e M. Gery. Mais tarde conheceu os Irmãos de l’Hermitage. Na correspondência de Mazelier se deixam entrever alguns princípios essenciais da sua espiritualidade. Em 26-3-1828, escreve a Lamennais: “A nossa casa de Irmãos vai assaz bem, graças a Deus; salvo que desejaria aumento do espírito de fé nos estudos diversos aos quais estão apegados com demasiado afeto, ou pelo menos não põem o mesmo empenho que convém, quando se trata da piedade. Temo que não gostem desta máxima: Buscar primeiro o Reino de Deus e o demais se obtém por acréscimo. Ainda assim, são assaz bons para que mereçam a confiança de que vão acatar as observações que se lhes faça, como quando começamos”. Em 1835, Champagnat entrou em conversa com Mazelier graças ao Pe. Colin, com o propósito de lograr uma possível fusão de ambas as congregações para escapar do serviço militar dos seus Pequenos Irmãos que estão nessa idade. Mazelier aceitou a vários Irmãos Maristas em St. Paul-Trois-Châteaux. Depois de superar mui-

A sua admiração pelos missionários em geral

“Estamos alojados no Seminário das Missões Estrangeiras. O digno superior desta casa nos recebeu com bondade admirável. Estamos alojados ao lado uns dos outros”. (Carta de P.Champagnat ao Ir. Francisco⁷⁵, Núm. 067, 28 de agosto de 1836)

“Os bons eclesiásticos das Missões Estrangeiras que nos dão hospitalidade muito nos edificam pelas suas virtudes e pela sua dedicação à expansão da Igreja entre os idólatras”. (Carta de Champagnat ao Ir. Francisco⁷⁶, Núm. 172, 04 de fevereiro de 1838)

“Desfruto de boa saúde em Paris. Estou alojado no Seminário das Missões Estrangeiras, onde estou muito bem. Asseguro-lhe que, se não soubesse que faço falta em algo em l’Hermitage, pediria licença para terminar aqui os meus dias. Sigo o regulamento da casa, tanto quanto as minhas saídas permitem. Levanto-me ao toque do sino, assisto à meditação e aos outros exercícios espirituais, às refeições e recreios. Estou edificado em extremo pela generosa abnegação às missões longínquas. Que amável caridade reina entre eles; são alegres, mas sem irreflexão e sem dissipação. Tudo o que tenda a retardar a sua partida os inquieta, mas não os desanima”. (Carta de Champagnat ao Ir. Antonio⁷⁷, Núm. 183, 24 de março de 1838)

“Durante a minha estada aqui, vi partir seis missionários do Seminário das Missões Estrangeiras e vejo outros que se preparam. Quantos motivos

tos problemas e regularizar as suas opiniões, a fusão projetada em vida de Champagnat se realiza, pouco depois da sua morte, em 31-3-1842. Mazelier ficou Vigário Geral de Valence e cônego honorário em 1847. Em 18-6-1853, dirigiu aos Irmãos Maristas uma carta em que expressa o seu desgosto por não se haverem cumprido alguns pontos convenientes no momento da fusão. Mazelier foi convidado pelo Capítulo Geral de 1854 a dirigir-se de viva voz à Assembléia. Tudo pôde acordar-se. Ele morreu em Valence, em 26-6-1856. Os seus restos mortais descansam na capela do Colégio dos Irmãos Maristas de Bourg-de-Péage. (RB 380), (Nota do Ir. Jorge Quirós Rivas)

⁷⁵ Ver nota 19

⁷⁶ Ver nota 19

⁷⁷ IRMÃO ANTONIO. Antonio Couturier nasceu em La Valla, Loire, em 18-6-1800. Ingressou em 1-1-1818. Vestição em 1818. Junto com o Ir. Luís foi fundar Marlhes, em 1818. Em 1823, esteve em St. Symphorien-sur-Coise. Em 1824 foi diretor daí. Em 1829, diretor de Millery; de Bourg Argental em 1831; de Millery em 1832; de Ampuis, 1840. Suspeita-se que acompanhou o Ir. Dominique na sua escapada para St. Antoine com o Pe. Courveille em 1827. Morreu em Ampuis, em 7-3-1851. Documentos: ch110 (16, 17, 20, 32, 33, 48, 53, 74, 183, 238) Referências: (RB 045), (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

de edificação encontro nessa casa. A religião não morrerá na França, ela tem muita vitalidade. A obra da propagação da fé se incrementa cada dia mais”. (Carta de Champagnat ao prelado João Batista Pompallier⁷⁸, Núm. 194, 27 de maio de 1838)

Caminhos Providenciais do encargo dos maristas na missão ad gentes

“O prefeito da Propaganda respondeu a S. Exa. o Administrador, em 27 último; porém a carta foi aberta há poucos dias. Deus permitiu que permanecesse ignorada no meio dos papéis do secretário; por fim tivemos conhecimento e eis aqui substancialmente o conteúdo: o Prefeito da Propaganda toma em grande consideração o assunto proposto, muito agradece a S. Exa. ter favorecido a oferta de obreiros à Sagrada Congregação e termina desejando muita felicidade ao digno Prelado e à diocese de Lyon”. (Carta de S. Exa. João Batista Pompallier⁷⁹ a Champagnat, Núm. 079, 13 de novembro de 1835)

“Note-se que esta resposta tem a data de 27 de setembro, o que indica com que prontidão o prefeito da Propaganda acolheu a oferta, já que a sua carta chegou a Lyon três semanas depois daquela que se lhe dirigiu. Mas na dita desposta não se fala ainda da Sociedade de Maria, embora o senhor Pastre, correspondente oficial, de comum acordo com S. Exa. haja feito menção expressa, pois Vossa Mercê não ignora o meu propósito nesse importante assunto, como se deu a entender muito bem ao senhor Colin de Belley; a missão em si mesma é, se assim posso falar, o acessório no meu espírito; e obter um breve de autorização ou, pelo menos, de centralização para a recente Sociedade de Maria, é o principal. Se isso se consegue, irei ao extremo do mundo com muita alegria, às tais ilhas do Oceano Pacífico, onde esses pobres selvagens não conhecem a Nosso Senhor, mas oferecem, como se diz, boas disposições para a fé. Imploramos ao bom Pastor que tudo se faça segundo a sua santa vontade. É necessário que sejam os meus superiores aqueles que me proponham para ser um dos que devem ir, a fim de que possa tranquilizar-me, pois me é custoso entender como o Senhor possa decidir-se a conceder-me graça tão grande”. (Carta de S. Exa.

⁷⁸ Ver nota 4

⁷⁹ Ver nota 4

João Batista Pompallier⁸⁰ a Champagnat, Núm. 079, 13 de novembro de 1835)

“O senhor Arcebispo acaba de receber outra carta de Roma, das mais tranquilizadoras e estimulantes. É do cardeal Sala, prefeito da Sagrada Congregação dos Regulares. Este cardeal não duvida em absoluto de que obtenhamos de Sua Santidade o breve tão desejado, mas só para os sacerdotes. Ademais, assegura que o Santo Padre nos exorta a prosseguir na obra da missão na Oceania. Muito me alegra diante de Deus ter aceitado os trabalhos dessa missão, de maneira especial desde o começo, e de haver induzido a toda a Sociedade a consagrar-se a essa obra que, como sempre pensei, é urgente, e talvez assegure a aprovação, objeto dos nossos anelos comuns. Dentro de pouco poderá conhecer esta interessante carta”. (Carta de João Batista Pompallier⁸¹ a Champagnat, Núm. 087, 17 de fevereiro de 1836)

“Não ignorará que o breve foi expedido; há de ter chegado à França, quando eu chegava a Roma. O motivo de tão pronta expedição é o grande desejo que eles têm de que os missionários partam quanto antes. É grande favor outorgado à Sociedade. Agradecimento eterno teremos para com a Santíssima Virgem e para com o seu divino Filho”. (Carta de João Batista Pompallier⁸² a Champagnat, Núm. 090, 10 de junho de 1836.)

A sua participação na missão ad gentes da Sociedade de Maria

“Rogo ao Sr. Servant que escreva ao Sr. Cholleton para que lhe manifeste os desejos da sua abnegação, sobre o qual posso contar de maneira segura. E digne-se também, respeitável coirmão, designar três ou quatro candidatos dos nossos Irmãos para que, de acodo com você, possamos escolher definitivamente dois. O Sr. Arcebispo se entenderá para isso com o Sr. Colin, superior de Belley, por mediação do Sr. Cholleton, segundo penso. Rogo a Nossa Senhora de Fourvière que alcance do seu divino Filho abundantes bênçãos sobre as nossas tentativas, sobre a empresa e sobre a Sociedade no seu todo. Rezem também, por favor, para que no cargo que os

⁸⁰ Ver nota 4

⁸¹ Ver nota 4

⁸² Ver nota 4

superiores querem impor-me eu não seja nunca “in ruinam”, mas “in resurrectionem multorum”. (Carta de João Batista Pompallier⁸³ a Champagnat, Núm. 087, 17 de fevereiro de 1836)

“Tenha cuidado de prever os Irmãos que poderá dar para a Polinésia; cumpra sejam bons sujeitos, de virtude segura, assaz instruídos na religião e em todo o tipo de pequenos trabalhos. Suponho que a saída será dentro de pouco, antes do que pensamos. Portanto tenha-os de prontidão”. (Carta de João Cláudio Colin⁸⁴, Núm. 089, 11 de abril de 1836)

“Envie-me quanto antes os dois Irmãos que nos faltam; cumpra que partam de Lyon, o mais tardar, em 16 deste mês para estarem no Havre em tempo para embarcar.” (Carta de João Batista Pompallier⁸⁵ a Champagnat, Núm. 096, 9 de outubro de 1836)

Animação dos seus coirmãos missionários

“A nossa nova capela foi benta por Pompallier antes da sua partida para a Polinésia. Confirmou nela aqueles dos nossos Irmãos que ainda não haviam recebido o sacramento. Você nem poderia crer a emulação que despertou no público o tema Polinésia. Havia uma como inveja dos escolhidos para serem as primícias da Sociedade nessas ilhas. Os nossos Irmãos lhes diziam adeus com a esperança de em breve unirem-se a eles”.

⁸³ Ver nota 4

⁸⁴ COLIN JOÃO CLÁUDIO. Sacerdote marista, fundador da Sociedade de Maria. Nasceu em 7-8-1790, em Barberies, Rhône. Órfão aos quatro anos. O tio Sebastião o educa. É de saúde frágil. Entra no seminário menor de St. Jodard em 1804, no de Alix em 1809 e no de Verrières em 1812. Entra no seminário maior de Santo Ireneu em 1813. Ordena-se em 22-7-1816. Vigário da paróquia de Cerdon, com seu irmão Pedro, pároco, em 1816. Juntos, ele, o irmão e Courveille escreveram uma carta a Pio VII, em 25-1-1822. Visitou ao Núncio Machi em Paris no mesmo ano, ao receber a resposta de Roma. Professor no seminário menor de Belley em 1825. Superior deste seminário em 1829. Eleito Superior Central da Sociedade de Maria em 1830. Realizou uma viagem a Roma para os trâmites da aprovação da Sociedade com todos os ramos em 1833. Superior Geral da Sociedade de Maria em 24-9-1836. Demitiu-se em 9-5-1854. Retirou-se a Neylière. Teve dificuldades com o sucessor Favre, 1863. Dificuldades com as Irmãs Maristas. Participou dos Capítulos de 1866 e de 1870. Regularizou as suas divergências com os superiores maiores dos Padres Maristas. Morreu em Neylière, em 15-11-1875. A sua causa de heroicidade das virtudes foi introduzida em Roma em 9-12-1908. (Cfr. RB 141) - (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

⁸⁵ Ver nota 4

(Carta de Champagnat a Jacques Fontbonne⁸⁶, Núm. 109, 16 de maio de 1837)

Ele possui uma idéia realista das missões

“Recebemos carta de um dos nossos missionários em rumo à Oceania. Enviaremos cópia dela em breve. O Pe. Bret morreu na travessia, em Valparaíso. Os demais estão bem e muito contentes na sua vocação de missionários”. (Carta de Champagnat ao Ir. Silvestre⁸⁷, Núm. 158, 25 de novembro de 1837)

“A nossa missão da Polinésia reclama novos operários e os vamos enviar imediatamente. Vários dos nossos estabelecimentos têm necessidade de reforços e também devemos fazer nova casa de noviciado, de modo que todos os nossos membros disponíveis vão estar bem ocupados. Não podemos aumentar o número dos nossos estabelecimentos sem expor-nos à triste necessidade de deixá-los desfalecer”. (Carta de Champagnat ao Pe. Abel Xavier Mege⁸⁸, Núm. 188, 11 de maio de 1838)

⁸⁶ FONTBONNE JACQUES. Nasceu em Bas-en-Basset, Haute-Loire, em 24-4-1803. Sobrinho de Jeanne Fontbonne (Madre St. Jean, quem organizou las Irmãs de São José de Lyon. Ingressou no Seminário Maior de Santo Ireneu em 1825. Ordenado em 5-4-1828. Vigário em St. Laurent d'Agny. Em 1-12-1830, autorizado a ir a l'Hermitage. Em 29-9-1831, vigário em Valbenoite. Em 31-7-1833, nomeado vigário em Allières; em 22-1-1834, vigário em St.-Martin d'Estreaux. Em dezembro de 1834, retorna a l'Hermitage. O Bispo de St. Louis Missouri, S. Exa. Rosati, chama à sua diocese as Irmãs de São José. Fontbonne as acompanha. No seu novo domicílio de Nouvelle Orléans, solicitou os Irmãos Maristas. Sendo impossível, apelou aos clérigos de São Viator. De 1848 a 1851 foi pároco de St. Martin, na diocese de N. Orléans. Retorna à França por motivos de saúde. Depois de descansar, é nomeado pároco de Lérigneux em 1852; de Chassagne, em 1875; de Parigny, em 1867. Retira-se a Chagny, onde morre, em 12-4-1887. (RB 221) - (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

⁸⁷ IRMÃO SILVESTRE. Jean Félix Tamet. Era estimado pelo Pe. Champagnat. Cheio de ocorrências. Nasceu em Valbenoite, St. Etienne, Loire, em 12-1-1819; ingressou em 12-3-1831; vestição, em 15-8-1831; profissão temporária, em 8-9-1832; cozinheiro em Ampuis, em 1833; em Marlihes, 1834; Vienne, em 1836; La Côte-St. André, em 1837; votos perpétuos, em 13-9-1843; l'Hermitage em 1843; Grange-Payre, 1848; St. Genis-Laval, 1855; bodas de ouro em 1881. Morreu em St. Genis-Laval, Rhône, em 16-12-1887. Documentos: ch110 (61, 158, 249) Referências: RB 476; Mémoires; AA 109 (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

⁸⁸ MEGE ABEL XAVIER, Sacerdote. Nasceu em 1797. Nomeado Arcipreste de Morestel em 1837, de Tullins em 1857. Morreu em 1887. Solicitou a Champagnat que lhe enviasse Irmãos quando estava em Morestel. Não pôde ser atendido. (RB 393), (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

“Ja terminamos a capela. Ficou muito bonita. Temo-la em grande apreço, pois foi benta pelo primeiro missionário e o primeiro bispo da Sociedade. E espero que a todos esses títulos se acrescente outro, como lógica consequência: o primeiro...”⁸⁹ (Carta de Champagnat a João Batista Pompallier⁹⁰, Núm. 194, 27 de maio de 1838)

“Com grande pesar nos encontramos na impossibilidade de responder favoravelmente à sua interessante carta. As enfermidades e a partida de vários dos nossos Irmãos para a Oceania não nos permitem atender a outros estabelecimentos até a próxima festa de Todos os Santos, além daqueles que havíamos prometido no ano passado”. (Carta de Champagnat ao Pe. Abel Xavier Mege⁹¹, Núm. 254, 04 de junho de 1839)

“Cinquenta estabelecimentos já foram formados e continuam prosperando nos nove departamentos: Ródano, Loire, Isère, Ardèche, Alto Loire, Saône e Loire, Drôme e Passo de Calais, ademais da missão da Oceania Oriental para onde onze dos nossos Irmãos partiram nos últimos três anos”. (Carta de Champagnat a S. Exa. Hugo J.C. Latour d’Auvergne⁹², Núm. 319, 11 de fevereiro de 1840)

Com os seus Irmãos sonha em abrir missões próprias ad gentes

“Temos o consolo de ver os nossos centros melhorando. São atualmente 33. Vários estão preparados para o próximo ano e não podemos dar atendimento às reiteradas petições que nos fazem por toda a parte para ter Ir-

⁸⁹ Mártir. De fato, sabemos que o protomártir da Oceania foi um do primeiro grupo missionário enviado à Polinésia: Pedro Maria Chanel, SM

⁹⁰ Ver nota 4

⁹¹ Ver nota 45

⁹² DE LATOUR D’AUVERGNE HUG. Também tem os nomes de Roberto, João e Carlos. Nasceu em Toulouse em 14-8-1768, em Lauraguais, no castelo de Auzeville. Era de família nobre. Ordenado em 24-6-1792. Passa por maus momentos na revolução. Tem de viver na clandestinidade. Aceita dirigir a nova diocese de Arras. Em 5-6-1802, toma posse como bispo. De formação sulpiciano, na vida eclesial toca no essencial. Adoração perpétua, mês de Maria, conferências de S. Vicente de Paulo. Várias congregações foram à diocese dele. Roma se fixou nele para melhorar outras dioceses, mas ele não aceitou. Recusou ser bispo de Avignon em 1830, de Lyon em 1839, de Paris em 1840, de Cambrai em 1841. Teve muitas condecorações. Tratado distinto. Teve a elegância de nobre. Para Napoleão ele “era o rei dos bispos franceses”. Morreu em Arras, em 20-7-1851, aos 83 anos. (Cfr. RB 314), (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

mãos. Enviariamos com gosto à América para secundar o zelo dos bons missionários, se nos fosse possível. Esperamos que a divina Providência nos aplaine as dificuldades e nos facilite os meios para chegar até vocês, quando vierem os tempos e os momentos que o Pai reservou ao seu poder”. (Carta de Champagnat ao Pe. Jacó Fontbonne⁹³, Núm. 109, 16 de maio de 1837)

Recebe convites diretos para fundar em terras de missão

“A sua carta, com data de 16 de maio, chegou a St. Louis no dia da Assunção da Virgem, nossa boa Mae, e me foi entregue no dia seguinte de tarde. Ao clarear da lua, havendo distinguido a boa Virgem no seu selo, o meu coração extremeceu de alegria. Maria, disse comigo, tua és a lua dos pecadores na noite das suas iniquidades, vem iluminá-los. Entro precipitadamente no quarto de um dos meus coirmãos, e lendo a sua carta até chegar ao lugar onde você manifesta o desejo de vir aqui, não pude moderar o meu entusiasmo; pulei para o pátio, onde o bispo se refresca, visto que, depois de suportar o calor do dia, nos sentimos muito à vontade tomando a brisa do entardecer. Ponho-lhe a carta nas mãos. Preciso dizer-lhe que, há poucos dias, escrevi ao sr. Cholleton para que lhe pedisse quatro dos seus Irmãos, e o bispo reforçou a minha carta. A noite passa em agitação de alegria. Porém estava inquieto sobre as reflexões do bispo, a quem nunca havia falado que estivera na Sociedade e que tenho ainda esses propósitos. De manhã, o mais cedo que pude, entrei no seu apartamento, lançando sobre mim um olhar demorado, falou estas palavras: Querido amigo, eu também sou religioso; diga aos seus padres que venham aqui para dirigir os Irmãos; há muito bem por fazer; dar-lhes-ei uma grande e formosa missão; mas não lhes faltarão penas, como você sabe”. (Carta do Pe. Jacques Fontbonne⁹⁴, Núm. 127, 19 de agosto de 1837)

Julga inoportuno ir a regiões missionárias em certos momentos

“Promessas para novos estabelecimentos já temos feito demasiadas; obtida de uma vez a nossa autorização, logo veremos o que podemos prometer. Temo que, se temos êxito, nos vejamos obrigados a enviar vários Irmãos

⁹³ Ver nota 43

⁹⁴ Ver nota 43

à África; isso é o que me pede um dos membros do Conselho de Estado. Não necessito dizer-lhe qual é a resposta que lhe tenho dado cada vez”. (Carta de Champagnat ao Ir. Francisco⁹⁵, Núm. 175, 7 de março de 1838)

COMPARTILHA A ESPIRITUALIDADE MISSIONÁRIA DA SOCIEDADE DE MARIA

Compartilha a opinião da Sociedade de Maria sobre a missão ad gentes

“Uma carta recente de Valparaíso, datada dos primeiros dias de agosto, nos diz que o prelado Pompallier e os outros coirmãos e os nossos Irmãos se encontram ainda em dita cidade, mas em ponto de novamente embarcar para o seu destino. Podemos, pois, razoavelmente supor que agora já estejam entre os seus pobres ilhéus; eles têm já sob os pés essa terra inculta dos seus mais ardentes desejos, essa terra que, nos desígnios da Providência, chegou a ser a herança dos filhos de Maria”. (Carta do Pe. João Cláudio Colin⁹⁶, Núm. 152, 10 de janeiro de 1838)

“O dever para nós, que nos vemos privados da dita insigne de participar nos honrosos trabalhos dos nossos digníssimos coirmãos, é pensar em proporcionar-lhes operários cheios do espírito de Deus que, sob os auspícios da mais terna e poderosa das mães, vão ao seu auxílio e se apressam em ajudá-los a desbravar essa terra estéril”. (Carta do Pe. João Cláudio Colin⁹⁷, Núm. 152, 10 de janeiro de 1838)

“Aqui é onde eu sinto, mais que em qualquer parte, todo o peso do meu cargo; agora é que necessito de que todos os membros da Sociedade se unam a mim para pedir com fervor a Jesus e Maria que venham na minha ajuda, me iluminem e me dêem a conhecer quais são os destinados à sublime vocação do apostolado missionário, pois tal vocação não pode vir senão do alto. Por isso peço a todos os membros da Sociedade, qualquer que seja o

⁹⁵ Ver nota 19

⁹⁶ Ver nota 41

⁹⁷ Ver nota 41.

ramo a que pertençam, queiram redobrar o seu fervor e oferecer a Deus, pela minha intenção, de hoje até a festa da Purificação: (1) uma hora de adoração diante do Santíssimo sacramento; (2) cada sacerdote, pelo menos uma missa; cada Irmão e Irmã, três comunhões; (3) todos, três Ave-Marias cada dia. Cada um poderá acrescentar a isso o que o seu zelo lhe inspire; por exemplo, o oferecimento do ofício e do rosário. Vocês podem também convidar as almas piedosas com que se relacionam a que unam as suas orações às nossas para este mesmo fim. Com os sentimentos do mais terno afeto, me atrevo a subscrever-me, amados coirmãos e Irmãos, humilde e obediente servidor”. (Carta do Pe. João Cláudio Colin⁹⁸, Núm. 152, 10 de janeiro de 1838)

“Não creio que o Irmão Régis tenha vocação para ir às missões da Oceania. Procure, quanto antes, designar um substituto e mande fazer batinas e sapatos para os Irmãos que partem para lá, de maneira que tudo esteja pronto, quando se apresente a primeira oportunidade”. (Carta de João Cláudio Colin⁹⁹, Núm. 161, 14 de julho de 1838)

“Disse ao Irmão João Francisco Régis que eu não decidia nada sobre a sua vocação ao estado eclesiástico, e que, se ele deixasse a comunidade dos Irmãos, seria dispensado dos seus votos; contudo, em tal caso, toda a responsabilidade da solicitação recairia exclusivamente sobre ele”. (Carta de João Cláudio Colin¹⁰⁰, Núm. 161, 14 de julho de 1838)

A espiritualidade marista missionária vê a Deus em tudo

“A Providência nos acompanha por toda a parte. Em Paris, fomos acolhidos no seminário das Missões Estrangeiras; no seminário maior de Rouen fomos recebidos de braços abertos; por fim, no Havre achamos alojamento em hospedaria moderna. Como não meditar nesta Providência que alimenta as aves do céu e que se ocupa dos lírios do campo? Não importa por onde andemos, a mão do Senhor sempre é benfeitora. Quando pertencerei por completo a este Deus de bondade?” (Carta do Pe. Catherin Servant¹⁰¹, Núm. 103, 15 de dezembro de 1836)

⁹⁸ Ver nota 41

⁹⁹ Ver nota 41

¹⁰⁰ Ver nota 41

¹⁰¹ Ver nota 8

“Ainda assim, tenho a impressão de que partiremos sem demora. A brisa de nordeste está anunciando que devemos estar preparados para zarpar. Caso se mantenha constante, não deixaremos passar a oportunidade. Quando chegar esse momento feliz, invocarei de todo o coração o doce Nome de Maria. Esta estrela do mar, esta esperança do marinheiro nos guiará, como espero, e nos protegerá”. (Carta do Pe. Catherin Servant¹⁰², Núm. 103, 15 de dezembro de 1836)

“Aproveito a presente ocasião para dar-lhe motivo de bendizer a divina Providência, que vela sobre nós de modo particular. São já seis meses que percorremos os mares, embora, de ordinário, três ou quatro meses bastem para a travessia do Havre a Valparaíso. Já se aproxima da nossa escala em Santa Cruz, Ilha Tenerife, Canárias. Os ventos contrários nos retiveram por muito tempo no Horn; finalmente nos aproximamos das ilhas desejadas; tal é o tema da nossa alegria. Suspira-se por essas ilhas que a vontade divina deve fazer-nos olhar como a nossa verdadeira pátria”. (Carta do Pe. Catherin Servant¹⁰³, Núm. 123, 14 de junho de 1837)

“É certo que, de vez em quando, nos deparamos com tribulações, doenças para alguns de nós, inclemências do tempo que nos atrasam no nosso trajeto, tempestades, acidentes que causam medo; porém, seguindo a vontade de Deus, esses males se tornam suaves e leves. As inclemências do tempo, por incômodas que sejam, são belos fenômenos, se considerados na ordem da Providência”. (Carta do Pe. Catherin Servant¹⁰⁴, Núm. 123, 14 de junho de 1837)

“Entre as cruces de que falo há uma cujo sacrifício nos custou muito. O Pe. Bret, que começou a ficar doente no término da escala em Santa Cruz, foi atacado de febre, quando abandonamos a enseada. Redobram-se com ele os cuidados e atividade; o mal parece diminuir durante alguns dias; porém a coisa ficou mais séria que nunca. Na segunda-feira santa de manhã, segundo o seu costume, levanta-se por um instante e diz ao Pe. Chanel¹⁰⁵: “Já vejo que é o meu fim”. Não se enganava. Pela tarde entra em doce agonia e às sete dorme na paz do Senhor. Que paciência admirável nos seus sofrimentos. Não queria dizer nada deles. Foi muito agradecido por todos os serviços que se lhe podiam prestar. Que exatidão em tomar os

¹⁰² Ver nota 8

¹⁰³ Ver nota 8

¹⁰⁴ Ver nota 8

¹⁰⁵ Ver nota 5

remédios, mesmo os mais amargos. Quantas graças Deus nos concede nas nossas provas. Como sabe consolar-nos e aliviar-nos nas nossas penas. De vez em quando temos a dita de celebrar os santos mistérios e receber a sagrada eucaristia, pão dos fortes. Como estou feliz na minha vocação. Como é consolador dedicar-se à conversão das almas que valem mais que todos os tesouros do mundo. Parece-me, querido Superior, ver os Irmãos de l'Hermitage, os quais pelas suas orações e atos de obediência fazem a Maria uma santa violência e contribuem desse modo ao serviço da missão". (Carta do Pe. Catherin Servant¹⁰⁶, Núm. 123, 14 de junho de 1837)

"No aguardo da partida de Valparaíso, que será quando Deus quiser, vivemos em casa da administração que pertence aos missionários da Congregação do Sagrado Coração de Jesus e de Maria. Esta casa me recorda o lugar de retiro desses Irmãos aos quais tanto quero, por terem inscrito o meu nome na lista que está na urna que representa o coração da melhor das mães, nessas festas da grande protetora da querida Sociedade de Maria". (Carta do Pe. Catherin Servant¹⁰⁷, Núm. 123, 14 de junho de 1837)

"Temos sido os filhos prediletos da divina Providência durante todo o trajeto do Havre a Valparaíso, e não deixamos de continuar favorecidos, quando entramos nesta cidade. Pompallier tem necessidade de informes sobre as nossas ilhas? Chega de Otaiti o vigário geral do prelado de Nilopolice. Quer alguém para ajudá-lo de imediato nos preparativos da saída? Chega da Califórnia o bom Irmão Colombano, da Congregação do Sagrado Coração de Jesus e de Maria, perito nessa categoria de negócios e pode ser-lhe de grande utilidade". (Carta do Pe. Catherin Servant¹⁰⁸, Núm. 123, 14 de junho de 1837)

"Aquilo que deveria dizer da terna Mãe ultrapassa toda a expressão. Uma coisa lhe rogo que observe e é que os sábados eram dias privilegiados, o vento nos era quase sempre favorável". (Carta do Pe. Catherin Servant¹⁰⁹, Núm. 123, 14 de junho de 1837)

"Os Irmãos que nos acompanham tiveram, durante o trajeto, alguns pequenos distúrbios na saúde: o Irmão Miguel sofreu dor de dentes; o Irmão Nizier, dor de cabeça; porém, quanto a doenças, foi um privilegiado. Ago-

¹⁰⁶ Ver nota 8

¹⁰⁷ Ver nota 8

¹⁰⁸ Ver nota 8

¹⁰⁹ Ver nota 8

ra todos vão muito bem. Encarregam-me de lhe dizer que estão muito contentes. Eles lhe manifestam o seu humilde respeito e renovam a sua amizade para cada um dos Irmãos”. (Carta do Pe. Catherin Servant¹¹⁰, Núm. 123, 14 de junho de 1837)

A espiritualidade marista missionária não confere a sensação de ser melhor

“Antes de abraçar a minha nova vocação, pensava que tudo favorecia a minha vida espiritual, quando abandonasse o meu país; porém, por desgraça, isso não foi assim. Tenho de queixar-me, quando me examino a mim mesmo. Peça ao bom Deus que se opere em mim uma ressurreição. As orações da nossa pequena Sociedade de Maria me dão muita esperança”. (Carta do Pe. Catherin Servant¹¹¹, Núm. 103, 15 de dezembro de 1836)

Embora os nossos nativos, graças à sua relação com os brancos, comecem a perder o seu estilo retrógrado, deixam entrever, ainda assim, rasgos de grande simplicidade. Um chefe me dizia outro dia para convencer-me da necessidade de visitá-lo com frequência para instruí-lo: Quando rezo não sei dizer outra coisa a Deus senão estas palavras: Meu Deus, não tenho nada que dizer-te, a não ser que te amo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. (Carta do Pe. Catherin Servant¹¹², Núm. 215, 29 de maio de 1841)

A espiritualidade marista missionária nasce do sacrifício, não da evasão

“Abraços cordiais ao Pe. Matricon e ao Pe. Besson. A recordação dos Irmãos me é sempre grata. Recomendo-me às suas orações. Por favor, dê as minhas lembranças e saudações aos sacerdotes de St. Martin e aos de La Valla e Izieux. Tenha a fineza de comunicar os meus sentimentos de amizade e respeito aos padres de Valbenoîte, a quem estimo de todo o coração. Tudo para a maior glória de Deus”. (Carta do Pe. Catherin Servant¹¹³, Núm. 103, 15 de dezembro de 1836)

¹¹⁰ Ver nota 8

¹¹¹ Ver nota 8

¹¹² Ver nota 8

¹¹³ Ver nota 8

Mística do trabalho missionário marista e os seus frutos

“Estou ainda na Baía das Ilhas, como informava alguns meses atrás. Não me encontro ocioso. Ademais do trabalho que me dou escrevendo na língua nativa, de que me encarrega o Prelado, todo dia faço uma pequena instrução aos nativos. E nos domingos prego em inglês”. (Carta do Pe. Catherin Servant¹¹⁴, Núm. 208, 14 de maio de 1840)

“Entre os neófitos e os catecúmenos deste centro, há os que levam uma vida de todo edificante, e que se distinguem pela simpleza da sua fé e inocência de costumes. Há pouco, uma neófita me contava que, encontrando-se enferma, se pôs em oração toda a noite, e que ao amanhecer estava totalmente curada”. (Carta do Pe. Catherin Servant¹¹⁵, Núm. 208, 14 de maio de 1840)

O trabalho missionário não faz esquecer a pertença comunitária; pelo contrário, constitui referência obrigatória

“Como membros da família de Maria, nos amamos sem ver-nos e ainda sem conhecer-nos; nem os cargos, nem os tempos, nem as distâncias poderiam constituir obstáculo para a caridade que nos une: Que belo é viver unidos como irmãos”. (Carta do Pe. Catherin Servant¹¹⁶, Núm. 215, 29 de maio de 1841)

“Recordo-me com Frazer de que o meu nome está inscrito no coração de Nossa Senhora de l’Hermitage. Este fato me poderá ser favorável para unir-me de coração às boas obras que se rezam entre vocês, para animar-nos nos nossos bons sentimentos recíprocos. Apraz-me contemplar, de vez em quando, espiritualmente, o coração da nossa Boa Mãe”. (Carta do Pe. Catherin Servant¹¹⁷, Núm. 103, 15 de dezembro de 1836)

“Não lbe dou um adeus para sempre. Querido Superior, tornaremos a ver-nos no céu. No aguardo de que a Deus agrade que isso ocorra, nos encontraremos com frequência no coração de Jesus. No oceano infinito des-

¹¹⁴ Ver nota 8

¹¹⁵ Ver nota 8

¹¹⁶ Ver nota 8

¹¹⁷ Ver nota 8

se coração nos buscaremos uns aos outros; e aí nos encontraremos”. (Carta do Pe. Catherin Servant¹¹⁸, Núm. 103, 15 de dezembro de 1836)

Os evangelizados se tornam evangelizadores

“Os nossos nativos, pelo menos a maioria, já escutaram várias explicações sobre os mandamentos da lei de Deus. Na primeira vez que se lhes fez um pequeno desenvolvimento dessas leis divinas, alguns diziam que as encontravam muito concordes com a razão. Não sei se será prudente problematizar a população de Hokinaga, Nova Zelândia, mas vários europeus que aí se encontram e os pobres maoris serão realmente os mais fiéis em obedecer aos mandamentos da lei de Deus?” (Carta do Pe. Catherin Servant¹¹⁹, Núm. 215, 29 de maio de 1841)

“O fato seguinte vai esclarecer o meu pensamento. Um europeu solicitava a um neófito que convencesse a uma das suas irmãs que caísse no mal. Então o neófito foi buscar o seu pequeno livro de orações e lho mostrou dizendo: Eu creio em Deus e embora tu me desses todos os bens do mundo, eu não consentiria em ofendê-lo”. (Carta do Pe. Catherin Servant¹²⁰, Núm. 215, 29 de maio de 1841)

“Faz algum tempo, vários nativos estavam reunidos, refletindo sobre a sua fragilidade, e não tendo ainda assaz instrução sobre o sacramento da reconciliação, perguntaram-me se não havia algum modo de sair de uma queda cometida depois do seu batismo. Respondi-lhes que Nosso Senhor Jesus Cristo instituiu o sacramento da reconciliação para perdoar os pecados depois do batismo; receberam a minha resposta com grande satisfação. Ademais, não parece que se lhes torne muito difícil a confissão. Não lhes custa maior problema declarar as suas faltas, tanto em público como em particular. Vários neófitos se aproximaram do sacramento da reconciliação”. (Carta do Pe. Catherin Servant¹²¹, Núm. 215, 29 de maio de 1841)

“Instruindo a um jovem sobre esse sacramento, como eu lhe dizia que tinha de declarar todas as faltas mortais, ele me respondeu com simplici-

¹¹⁸ Ver nota 8

¹¹⁹ Ver nota 8

¹²⁰ Ver nota 8

¹²¹ Ver nota 8

dade que não cometia faltas mortais. Depois me perguntou se a confissão era algo bom; ao ouvir a minha resposta afirmativa, quis de imediato confessar-se. Então eu lhe disse que era melhor depois de receber mais instrução sobre o sacramento. Os objetos de culto agradam aos nativos. As cruzes os encantam, como as medalhas e os rosários; com frequência instam conosco para que lhes proporcionemos. Certo dia, uma mulher pedia o meu rosário; ante a resposta negativa, me replicou: tu me pegas o despreendimento das coisas materiais; não estarás por acaso apegado ao teu rosário?”(Carta do Pe. Catherin Servant¹²², Núm. 215, 29 de maio de 1841)

“Fazem-nos todo o tipo de perguntas, mesmo sobre detalhes mínimos. Há quem nos pergunta se, em caso de guerra, não poderiam levar consigo os restos dos seus pais; outros, se é permitido cozinhar nos domingos (a heresia tacha de falta grave a preparação dos alimentos em tal dia); outros ainda quereriam que fôssemos ao cemitério, onde repousam os restos dos seus antepassados, convidando-nos a esse lugar para fazer orações que expulsem daí os seus antigos deuses, a que chamam satanás”. (Carta do Pe. Catherin Servant¹²³, Núm. 215, 29 de maio de 1841)

Há dificuldades na vida de missionário

“A minha viagem tem sido muito feliz, graças à proteção da Santíssima Virgem e à bondade de Deus. Somente durante a travessia de Marselha a Gênova, no Mediterrâneo, tivemos uma furiosa tempestade, das onze da noite às três da madrugada. Mas, o perigo não foi iminente. O Senhor manteve sempre o meu coração em calma. Pensando encontrar-me em perigo de morte pela causa do seu santo nome, enchia-se a minha alma de consolo e de força. Apenas oito dias empreguei na minha viagem”. (Carta de Mons. João Batista Pompallier¹²⁴ a Champagnat, Núm. 090, 10 de junho de 1836)

“Os meus respeituosos reparos com relação à minha sagração episcopal não tiveram efeito algum, nem em sua Eminência o Cardeal Prefeito da Propaganda, nem em Sua Santidade. Nem um nem outro quiseram escutar-me. A resposta foi sempre que isso era necessário. Desde o primeiro dia, o Cardeal me enviou o alfaiate e os trabalhadores para todas as coisas ne-

¹²² Ver nota 8

¹²³ Ver nota 8

¹²⁴ Ver nota 4

cessárias a um bispo; recomendou-lhes que me tomassem as medidas e tudo foi feito à custa da Propaganda; de modo que atualmente tenho prontos todos os atavios da vítima, que logo vai ser oferecida a Jesus Cristo, em colaboração pela salvação dos povos da Oceania. Já pressinto todos os trabalhos, todos os perigos, todas as tribulações que nos esperam nessas regiões distantes. Esses pensamentos, longe de desconcertar-me, causam-me prazer. Sob o peso esmagador das dignidades que se avizinham, que dita que o bom Deus se tenha dignado fixar o seu olhar neste pobre servidor, para fazê-lo participar abundantemente da melhor das bem-aventuranças qual seja a de sofrer por causa do seu santo nome e para arrancar as almas do inferno. Parece-me ver já em espírito essas almas desditosas da Polinésia, estendendo os braços, implorando os tesouros da salvação, o conhecimento e a posse do verdadeiro bem, que outro não é senão o próprio Deus”. (Carta do Prelado João Batista Pompallier¹²⁵ a Champagnat, Núm. 090, 10 de junho de 1836)

“Em dois de novembro estivemos a ponto de ter um incêndio; depois, tempestade até o dia cinco. Em 26 passamos pelo Cabo Horn, tão temido pelo frio e pela tempestade. Tivemos muita sorte: tempo sereno, sem frio. Divisávamos as montanhas deste cabo. Tivemos a dita de ter missa que se celebrou sem obstáculo quanto ao tempo. Pode-se dizer que não há noite, pelo menos deve ser muito curta. A noite se reduz a duas horas de crepúsculo. Fiquei certa noite na ponte depois da meia-noite. Começava a alvorecer e fazia apenas um instante que a luz havia desaparecido. Se não sofremos tempestade no Cabo Horn, tivemos de afrontá-las mais tarde. Tivemos no Pacífico dois dias de horrorosa tempestade, de 3 a 5 de dezembro. Viam-se montanhas de água enormemente altas que, de vez em quando, batiam contra o barco e chegavam a cobri-lo. Houve uma tão forte que arrastou uma lanchar de salvamento; muita água chegou até os camarotes. A nave estava tão inclinada que não podíamos ficar em posição vertical na ponte, sem a ajuda de algum apoio ou sem agarrar-nos a alguma corda. Tais momentos são espantosos; porém, quando se colocou tudo nas mãos do Onipotente, não se teme nada, pois somente se deseja o cumprimento da sua santa vontade. Hão de ser terríveis para quantos tenham maneira demasiado humana, porque se aferiram a esta vida, já que não contam com outra”. (Carta do Ir. Elias Régis¹²⁶ a Champagnat, Núm. 179, 12 de janeiro de 1839)

¹²⁵ Ver nota 4

¹²⁶ Ver nota 13

“Entretanto o Pe.Chanel¹²⁷ fez uma viagem a Wallis para visitar o Pe. Bataillon. Um jovem inglês, procedente das Ilhas Vavas, e eu, ficamos sozinhos, completamente solitários, naquele vale.” (Carta do Ir. Marie-Nizier¹²⁸ a Champagnat, Núm. 188, 30 de setembro de 1839)

“A sorte do Pe. Chanel¹²⁹ nos preocupava muito. O prazo fixado para o seu regresso havia expirado havia tempo e nada pressagiava a sua vinda. Por fim, depois de ansiosa espera, soubemos que voltava na escuna; corremos a abraçá-lo.” (Carta do Ir. Marie-Nizier¹³⁰ a Champagnat, Núm. 188, 30 de setembro de 1839)

“Após passar alguns dias na casa do Rei, em algum rincão que nos assinalou, retiramo-nos com os nossos móveis e construimos uma moradia com bambus colocados verticalmente e atados com cordas. Foi a nossa choça, sem dúvida, a maravilha da ilha. Poucos dias depois, porém, uma espantosa tormenta, anunciada de antemão por um céu brumoso e forte vento leste, estalou finalmente na noite de 2 e 3 de fevereiro de 1839, acompanhada de relâmpagos, trovões, chuva contínua e um ruído ensurdecedor do mar. A tudo isso importa acrescentar a gritaria dos ilhéus, que ofereciam kava aos seus deuses, para que a tempestade se aplacasse. Kava é uma planta cujas raízes servem para fabricar uma bebida que usam em algumas cerimônias. Horas antes do amanhecer, o vento mudou para noroeste, com a rapidez do raio, quadruplicando de força. Até aí havíamos esperado pacientemente; porém nesse momento foi preciso mudar de atitude. Meio vestidos, lutávamos a braço para sustentar a nossa pobre moradia; mas os esforços foram inúteis. Tivemos de presenciar o triste espetáculo de vê-la agitada, sacudida em todas as direções e sucumbir, com o teto todo rasgado. Ficamos sem abrigo. Muitas outras casas sofreram a mesma sorte. (Carta do Ir. Marie-Nizier¹³¹ a Champagnat, Núm. 188, 30 de setembro de 1839)

“Coqueiros, bananais, árvores do pão, inhames e todos os produtos da ilha sofreram estragos na tempestade. A fome ameaçava somar-se a todos esses males. Para remediar isso os ilhéus trabalharam com ardor extraor-

¹²⁷ Ver nota 5

¹²⁸ Ver nota 9

¹²⁹ Ver nota 5

¹³⁰ Ver nota 55

¹³¹ Ver nota 55

dinário”. (Carta do Ir. Marie-Nizier¹³² a Champagnat, Núm. 188, 30 de setembro de 1839)

“Reconstruímos a casa, quatro vezes mais sólida. Esperamos com paciência que uma segunda tempestade no-lo venha demonstrar.” (Carta do Ir. Marie-Nizier¹³³ a Champagnat, Núm. 188, 30 de setembro de 1839)

“Nada descuidou o Pe. Chanel¹³⁴ para evitar o conflito. Fez gestões ante os dois reis para evitar o flagelo da guerra, mas não deram resultado”. (Carta do Ir. Marie-Nizier¹³⁵ a Champagnat, Núm. 188, 30 de setembro de 1839)

“Terminado o combate, vieram suplicar-nos que fôssemos ao lugar da batalha para auxiliar os feridos. Até o momento, ignorávamos por completo os cruéis acontecimentos do dia. Com presteza fomos ao lugar onde nos esperavam. No caminho soubemos que o nosso grande rei estava ferido. Foi o primeiro a quem acudimos; estava espantosamente ferido por uma pedrada no olho esquerdo; aquele outro estava com o crânio entreaberto por uma lança de uns três metros; esta só os veteranos a usam, com ela golpeiam e ferem. Há outras que são para serem arrojadas. Era espantoso o espetáculo que se nos apresentava no campo de batalha. A arena repleta de mortos, moribundos e feridos, rodeados dos seus parentes desolados. Como é doloroso ver esses cadáveres, uns com machadadas na cabeça, outros atravessados por lanças ou triturados com golpes”. (Carta do Ir. Marie-Nizier¹³⁶ a Champagnat, Núm. 188, 30 de setembro de 1839)

“Estávamos como na impossibilidade de dar um passo sem nos mancharmos de sangue. A noite se aproximava. As operações haviam terminado, em parte; não, porém, para os gritos dos parentes dos mortos. Que lamentos se ouviam por toda a parte do vale”. (Carta do Ir. Marie-Nizier¹³⁷ a Champagnat, Núm. 188, 30 de setembro de 1839)

“O Pe. Chanel¹³⁸ e eu passamos a noite ao pé de um coqueiro, sobre a areia. Apenas alguma tábua nos dava algum abrigo para defender-nos do

¹³² Ver nota 55

¹³³ Ver nota 55

¹³⁴ Ver nota 5

¹³⁵ Ver nota 55

¹³⁶ Ver nota 55

¹³⁷ Ver nota 55

¹³⁸ Ver nota 5

vento e da chuva. O cansaço mais que a vontade de dormir nos venceu umas horas antes do amanhecer; descansamos um pouco; se se pode chamar descanso o pouco tempo que passamos dormitando.” (Carta do Ir. Marie-Nizier¹³⁹ a Champagnat, Núm. 188, 30 de setembro de 1839)

“Quase todos os ilhéus parecem assaz bem dispostos, a pesar de que há muitos que temem a cólera dos seus deuses, se se fazem cristãos”. (Carta do Ir. Marie-Nizier¹⁴⁰ a Champagnat, Núm. 188, 30 de setembro de 1839)

“Não quisera deixar passar a ocasião que se apresenta de permanecer uns oito dias em Gorée sem escrever-lhe sobre a nossa viagem e sobre as várias circunstâncias que você vai conhecer, não duvido, com alegria. Já havia tido a honra de escrever-lhe desde Brest, em 25 de janeiro, crendo que íamos zarpar logo mais; os ventos contrários, porém, detiveram-nos até 19 de fevereiro. Aborrecemo-nos nesta povoação, sem conhecer ninguém, sem saber aonde ir, afora ao restaurante, onde nos cobravam muito; resolvemos ir a bordo, onde tínhamos os alimentos de graça. Em 29, dia de São Francisco de Sales, a quem havia tomado por patrono do mês, às 3h30, fomos almoçar pela primeira vez no barco que devia transportar-nos à terra por tanto tempo desejada. Não demoramos em sentir o enjôo, embora não fosse muito. Desde então até a partida tivemos a sorte de assistir à santa missa e comungar várias vezes. Finalmente o vento se tornou favorável. No dia 19 de fevereiro, pelas oito da manhã, aparelharam o barco e partimos. O Irmão e o seu servidor nos dirigimos à peça dos Padres, e todos juntos pedimos ao Senhor, por meio da melhor das Mães, uma viagem boa e feliz. Rezamos pela França, nossa formosa pátria, pelas pessoas queridas que deixávamos e, finalmente, pelo pessoal do barco. Terminada a nossa oração, subimos à ponte e em seguida ao tombadilho, com a intenção de ver uma vez mais a bela terra da França; porém, que pena, em lugar da terra amada só se apresentaram à nossa visão umas rochas, o céu e o mar. A tristeza nos invadiu; algumas lágrimas nublaram os nossos olhos, o que serviu para que renovássemos a Deus o nosso sacrifício”. (Carta do. Cláudio María¹⁴¹ a Champagnat, Núm. 204, 25 de março de 1840)

¹³⁹ Ver nota 55

¹⁴⁰ Ver nota 55

¹⁴¹ Ver nota 17

“Desde o primeiro momento fomos vítimas do enjôo. No segundo dia nos levantamos por um pouco, embora sumamente débeis e assaz doentes. No terceiro dia não me levantei. Os padres e o Irmão se levantaram por algum tempo; mas com tremor, sem apetite e muito vômito. No outro dia senti-me muito melhor; levantei-me às 7h30 e pude proporcionar algum alívio aos companheiros; eles não se sentiram melhor senão no dia 28. E quanto a mim estive feliz por ter pagado a Netuno o tributo de dois dias de enfermidade e uns quatro ou cinco vômitos, no máximo” (Carta do Ir. Cláudio María¹⁴² a Champagnat, Núm. 204, 25 de março de 1840)

Os missionários são sensíveis aos favores que recebem

“No domingo, saímos às sete da manhã rumo a Paris. Fomos muito bem recebidos pelo Padre Superior do seminário das Missões Estrangeiras. Temos de felicitar-nos da boa acolhida com que os missionários nos brindaram”. (Carta do Ir. Marie-Nizier¹⁴³ a Champagnat, Núm. 099, 8 de novembro de 1836)

“Em 25 de outubro o Pe. Chanel¹⁴⁴ e o Pe. Bataillon saíram para o Havre com o fim de comprar provisões e eu o acompanhei. O senhor bispo chegará em dez de novembro com os demais missionários, padres e Irmãos. Entre 12 e 15 de novembro haveria o embarque, se o tempo fosse favorável. A viagem foi adiando-se por falta de tempo propício e porque chegavam umas mercadorias solicitadas pelo Capitão da nave. No aguardo, alojamo-nos na casa de uma viúva que se compraz em hospedar a missionários que partem ao estrangeiro. Não aceita nenhum tipo de agradecimento, pois o faz somente para agradar a Deus. Não somos os primeiros beneficiários, porque já faz dezesseis anos que pratica esta atividade apostólica e missionária. Entre os passageiros se encontram alguns membros da Ordem de Picpus; alguns irão à Oceania Oriental. Talvez algum fique em Valparaíso, pois aí têm casa”. (Carta do Ir. Marie-Nizier¹⁴⁵ a Champagnat, Núm. 099, 8 de novembro de 1836)

¹⁴² Ver nota 98

¹⁴³ Ver nota 55

¹⁴⁴ Ver nota 5

¹⁴⁵ Ver nota 55

Olhar limpo fica maravilhado de tudo

“Visitamos diversos molhes da cidade do Havre. Os navios mais bonitos que vimos são os americanos. Estive estudando particularmente a estrutura do barco que nos levará até Valparaíso. Por certo não é dos maiores, mas é limpo e bonito; chamam-no bom veleiro. Tudo é novo para mim: os três grandes mastros que se elevam a grande altura, as escadas de corda me chamaram poderosamente a atenção. No interior, ao redor de sala assaz ampla, onde está o refeitório, encontram-se os camarotes. Medem cinco pés de comprimento por dois e meio de largura. Cada um é para duas pessoas. No costado estão duas camas, presas ao casco da nave. No camarote, abaixo da altura da cabeça, abre-se uma janela de meio pé de comprimento e duas polegadas de largura. Tudo isso me chamou a atenção”. (Carta do Ir. Marie-Nizier¹⁴⁶ a Champagnat, Núm. 099, 8 de novembro de 1836)

“Tentamos calcular com a vista o imenso espaço que nos separa dos nossos bons selvagens; mas, a pouca distância de nós, parece-nos como se o céu se juntasse com o mar. Isso impede que vejamos o país por que tanto anelamos encontrar para distribuir o conbecimento do verdadeiro Deus”. (Carta do Ir. Marie-Nizier¹⁴⁷ a Champagnat, Núm. 099, 8 de novembro de 1836)

Agradece a vocação de missionário

“Bendigo o Senhor que se dignou satisfazer os meus desejos, escolhendo-me entre os Irmãos para acompanhar a esses missionários maristas tão cheios de zelo apostólico que querem levar a luz do Evangelho aos selvagens. Meu querido Pai, não me é possível expressar os sentimentos de gratidão que embargam o meu coração por haver secundado em mim os desígnios de Deus”. (Carta do Ir. Marie-Nizier¹⁴⁸ a Champagnat, Núm. 099, 8 de novembro de 1836)

“Os ventos nos foram contrários há alguns dias; agora parece que mudaram em favor nosso. Se a mudança se estabiliza, sem demora podere-

¹⁴⁶ Ver nota 55

¹⁴⁷ Ver nota 55

¹⁴⁸ Ver nota 55

mos embarcar e, assim, o capitão do navio preveniu o prelado de que devemos estar preparados para sair amanhã, caso os ventos continuem favoráveis. Sinto-me feliz, querido Pai, por ter sido escolhido, embora indigno, entre os Irmãos de Maria, para ser dos primeiros que levarão a luz do Evangelho aos povos selvagens. Bendito seja Deus que me deu a vocação e me ajuda a segui-la. Estou tão contente de partir que não cederia o posto por um trono. Não temo nada, porque Maria, minha boa Mãe, será a minha guia em todas as minhas ações e refúgio seguro nas minhas penas”. (Carta do Ir. Marie-Nizier¹⁴⁹ a Champagnat, Núm. 104, 22 de dezembro de 1836)

“Meu querido Pai, antes de terminar esta carta, permita-me que lhe agradeça de coração o que tem feito por mim, em particular pela sábia lição que me deu, mediante a carta do caro Ir. Francisco. Rogo-lhe que não se esqueça de mim e continue dando-me o ensino de que tanto necessito. Adeus. Se fosse permitido a um religioso ter preferências, dir-lhe-ia que seria do meu gosto ter-lhe escrito antes do Havre que daqui. Porém faça-se a vontade de Deus antes de tudo. Se algum dia não fosse catequista, vou conformar-me em ser um bom professor”. (Carta do Irmão De la Cruz¹⁵⁰ a Champagnat, Núm. 122, 26 de maio de 1837)

“Reverendo Pai, quanto mais vejo aproximar-se o tempo da escolha dos Irmãos que vão partir para a Oceania, mais multiplico o zelo para obter de Deus e de você, caro Pai, esta graça que desejo com toda a minha alma. Seria mais feliz, se o nosso bom Deus me outorgasse tal favor. Não sei o que sucederá, mas rogo a Deus e a Maria com muita confiança. O sacrifício está feito: estou disposto a partir, se Deus o decidir. Aguardo todo o dia o meu sucessor, pois estou convencido de que você vai pensar em mim. Reverendo Pai, estes são os sentimentos do seu humilde e submisso filho em Jesus e Maria”. (Carta do Ir. Pedro María¹⁵¹ a Champagnat, Núm. 157, 25 de abril de 1838)

¹⁴⁹ Ver nota 55

¹⁵⁰ IRMÃO DE LA CRUZ: Charles François Beauvoir. Nasceu em Vienne (Isère) em 1811. Ingressou em 12-11-1835; tomou o hábito em 25-3-1836; fez sua profissão temporária em 22-5-1836; fez a profissão perpétua em 10-10-1836; diretor de Semur-en-Brionnais, em 1836. Saiu do Instituto em 1838. Documentos: ch110 093; AFM 121.7; (Referências: RB 153) (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

¹⁵¹ Ver nota 22

Generosidade de entrega em idade juvenil

“Teria desejado escrever-lhe de Paris, mas foi impossível, porque a estada aí foi breve demais. Depois de ter partido de l’Hermitage, paramos em Lyon no domingo seguinte. Aproveitei para ir a St. Laurent d’Agnay, para que o senhor Alcaide me certificasse o consentimento que o pai me deu e me pedira também que solicitasse ao Presidente do Departamento que me concedesse passaporte para a Oceania. No sábado assisti a uma cerimônia em Nossa Senhora de Fourvière; penduraram um precioso coração vermelho na estátua de Nossa Senhora, o mais lindo dos que foram ofertados. Nele se podia ler: Missionários da Polinésia. A mesma coisa se repetirá com os que posteriormente sejam para lá enviados. Por certo a Santíssima Virgem desejará que o seu coração se vai encher com o nome dos seus filhos; são centenas deles que caberiam em dito coração”. (Núm. 099, Carta do Marie-Nizier¹⁵², 8 de novembro de 1836)

FORMADOR DE MISSIONÁRIOS

Em Marcelino se reconhece um apostolado específico de grande valia

“Tenho várias coisas que comunicar-lhe. Porém, antes de começar, rogo-lhe receber os meus cumprimentos pelo novo ano. Aumentem para Vossa Reverendíssima as abundantes bênçãos que merece ante o olhar de Deus, por haver formado tantos Irmãos e pelas muitas crianças que, pelo zelo dos Irmãos, vão recebendo uma sólida educação católica”. (Carta do Prelado João Batista Pompallier¹⁵³ a Champagnat, Núm. 080, 29 de dezembro de 1835)

Credor de agradecimento pelos Irmãos que prepara e envia às missões

“Estou muito contente, Rev. Padre, pelos seus caros Irmãos que nos enviou. Temos plena confiança de que vão cooperar com eficácia no êxito da missão. Conto com outros muitos que V. Reverendíssima terá o zelo mis-

¹⁵² Ver nota 55

¹⁵³ Ver nota 4

sionário de preparar-nos”. (Postdata de Pompallier¹⁵⁴ acrescentada à carta do Pe. Catherin Servant¹⁵⁵, Núm. 103, 15 de dezembro de 1836)

Leva a missão e os seus missionários na sua mente e no seu coração

“Da minha parte, sempre que subo ao altar, penso na nossa querida missão e naqueles que foram enviados a ela”. (Carta de Champagnat ao prelado João Batista Pompallier¹⁵⁶, Núm. 194, 27 de maio de 1838)

“Reze pela prosperidade da missão da Polinésia e una-se aos que rezam para o mesmo fim”. (Carta de Champagnat ao Ir. Anacleto¹⁵⁷, Núm. 248, 23 de março de 1839)

“Estamos rezando também para recomendar as missões da Oceania, pelos membros da Sociedade que ali estão e por todos os que se dispõem a ir”. (Carta de Champagnat ao Ir. Marie-Laurent¹⁵⁸, Núm. 249, 8 de abril de 1839)

“Continuemos, queridos Irmãos, orando ao Senhor pela nossa interessante missão da Polinésia, a fim de que Deus faça triunfar a verdadeira fé e confunda a heresia no meio dessas amplas regiões confiadas à Sociedade de Maria”. (Carta Circular de Champagnat aos Irmãos, Núm. 318, 4 de fevereiro de 1840)

“Recomendamos-lhes em especial os Padres Pezant e Tripe e os Irmãos Claude Marie e Ammon¹⁵⁹, que saem do porto de Brest no começo deste mês para dirigir-se à Nova Zelândia. Esta última partida se deve à benevolência do governo, que ofereceu aos nossos missionários quatro passagens gra-

¹⁵⁴ Ver nota 4

¹⁵⁵ Ver nota 8

¹⁵⁶ Ver nota 4

¹⁵⁷ IRMÃO ANACLETO. Etienne Chaverondier nasceu em Janosse, Loire, em 2-11-1810. Ingressou no Instituto em 9-9-1837. Não fez votos temporários. A profissão perpétua foi em 10-10-1838. Esteve em St. Didier-sur-Rochefort (1838), La Côte St. André (1839), Carvin (1840), Quesnoy-sur-Deule (1846), St. Pol-sur-Ternoise (1851) e em Beaucamps (1859), como porteiro. Morreu aí em 17-1-1883. Documentos: ch110 248. Referências: (RB 041), (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

¹⁵⁸ IRMÃO MARIE-LAURENT. Laurent Moriat nasceu em Neuville-sur-Sâone (Rhône) em 1819. Ingressou em 10-12-1834; vestição em 6-1-1835; profissão temporária em 25-3-1835; perpétua, em 10-10-1838; St. Pol-sur-Ternoise: 1838. Saiu do Instituto em 1839. Documentos: ch110 249; Referências: RB 364 (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

¹⁵⁹ Ver nota 18

tuitas na corveta “L’Aube”. (Carta Circular de Champagnat aos Irmãos, Núm. 318, 4 de fevereiro de 1840)

Desperta vocações missionárias

“Creio dar-lhes grande satisfação em comunicar-lhes uma carta escrita no Havre, na véspera da sua saída”. (Carta circular aos Irmãos, Núm. 079, 1 de janeiro de 1837)

“Os nossos Padres e Irmãos destinados à Polinésia embarcaram em 24 do mês passado. Amplo campo foi confiado ao nosso zelo pelo Sumo Pontífice, Vigário de Cristo. Acompanhemos com os nossos desejos e fervorosas orações aqueles a quem coube este amplo campo de ação”. (Carta Circular de Champagnat aos Irmãos, Núm. 079, 1 de janeiro de 1837)

“Os nossos missionários embarcaram em 23 de dezembro. Recebi uma carta muito bela do Ir. Marie-Nizier. Será dada a conhecer mais tarde. Faça chegar ao Pe. Douillet os meus bons desejos de Ano-novo. Será sempre com satisfação que o verei chegar à nossa casa. (Carta de Champagnat ao Ir. Luís María¹⁶⁰, Núm. 080, 2 de janeiro de 1837)

“Se você achar adequado comunicar-me as condições em que são admitidos no seu seminário os indivíduos destinados às missões estrangeiras, Núm. 080, me agradaria conhecê-las. Nas minhas viagens posso encontrar vocações para esta excelente obra”. (Carta de Champagnat ao Pe. João Antônio Dubois¹⁶¹, Núm. 083, 12 de janeiro de 1837)

Faz discernimento na aceitação dos Irmãos que solicitam ir às missões

“Deseja, sem dúvida, conhecer o resultado da minha viagem, em relação aos nossos coirmãos de Valbenoîte. Pois bem, todos tomaram este as-

¹⁶⁰ Ver nota 20

¹⁶¹ DUBOIS JOÃO ANTONIO. Nasceu em 10-1-1766 em St.Remèze, Ardèche. Estudos no Seminário das Missões Estrangeiras de Paris. Ordenado em sacerdote em 1791. Em 1792 foi enviado à Índia. Fez enorme trabalho apostólico. Publicou um livro sobre os costumes da Índia. Viveu na Inglaterra de 1830 a 1832. Foi posto à frente do Seminário das Missões em Paris em 1836. Morreu aí em 17-2-1848. (RB 200), (Nota do Ir. Aureliano Brambila).

sunto com seriedade e espírito sobrenatural. Todos estão conscientes das conseqüências vantajosas para a pequena Sociedade que vão derivar da missão prometida na corte de Roma. Todos oram e refletem para implorar as luzes do Espírito Santo e escutando em si mesmos a propósito da empresa e da sua vocação. Em breve o senhor Colin ou o senhor Séon escreverá para dar a conhecer aquele ou aqueles que, repletos da confiança na proteção de Jesus e Maria, sentem o desejo de consagrar-se à conversão dos infleís que nos recomendaram; de Valbenoîte, pelo menos um candidato”. (Carta do prelado Pompallier¹⁶² a Champagnat, Núm. 087, 17 de fevereiro de 1836)

“Você me fala do desejo que tem de ir à missão da Polinésia. Conserve, meu querido amigo, este desejo; creio que vem de Deus. Creio, ademais, que tem graças e meios próprios para esta obra. Deus, sem dúvida, tem projetos sobre você. Temos uma prova firme pela cura que Deus lhe concedeu; não a perca de vista. Pense, pois, querido amigo, em ter tudo em regra, a fim de que, se for chamado, esteja pronto para partir”. (Carta de Champagnat ao Ir. Dionísio¹⁶³, Núm. 168, 5 de janeiro de 1838)

“Sem dúvida alguma, não é para mim pouco consolo ver o zelo de vários de vocês, que solicitam com veemência incorporar-se a esta segunda colônia apostólica. Por certo este zelo puro e generoso não é para mim o menor sinal de proteção do céu sobre a nossa empresa. A dificuldade não

¹⁶² Ver nota 4

¹⁶³ IRMÃO DIONÍSIO. José Bron. Nasceu em St. Jean de Bournay (Isère) em 1812. Ingressou em 26-8-1832; vestição, em 7-10-1832; votos temporários, 8-12-1832; votos perpétuos, 15-8-1834. Esteve em Sorbiers (1834); Director de St. Didier-sur-Rochefort (1835); Diretor de Boulieu (1838); Millery (1840); Bougé-Chambalud (1842); Diretor de Sorbiers (1843). Saiu do Instituto em 15-10-1843. Era de caráter difícil. Em 1834 é enviado com o Ir. Cassiano a Sorbiers. Casiano, por razões subjetivas e é possível que objetivas, se desgostou logo dele. Pediu a Champagnat que o mudasse. Em novembro de 1835 o encontramos à frente da equipo fundadora de St. Didier. Dirigiu a escola durante tres anos. Enviou pelo menos tres cartas às quais respondeu Marcelino. Na segunda já deixa entrever problemas pessoais que o tempo não resolverá. Em 1838, Champagnat o muda a Boulieu para substituir ao Ir. Hilarion que passa a dirigir a escola de Bourg-Argental. Estimulado pela necessidade imperiosa e talvez pela ocasião favorável, apesar de ser diretor, prepara-se para o diploma de novembro (Champagnat o felicita na terceira carta). Porém permanece apenas dois anos em que deve ser substituído, passando a Millery, em cujos anais escreve o Ir. Avit: “este recém-chegado, de caráter rígido, não pôde entender-se nem com os meninos, nem com os pais, nem com o pároco; e só esteve um ano”. En 1843 está em Sorbiers e deixa o Instituto ao acabar o ano. Pouco depois morre da enfermidade de que sofria desde uns quatro ou cinco anos. (Referências: RB 171), (Nota do Ir. João Ramón Alegre)

está em encontrar obreiros, senão em fazer a devida seleção. Esta é a minha preocupação, pois, visto o nosso número, não podemos conceder a ida a todos os que a solicitam”. (Carta de João Cláudio Colin¹⁶⁴, Núm. 152, 10 de janeiro de 1838)

“Tenho boas razões para destinar o Ir. Francisco Régis para este novo envio às missões. O Ir. Maria Agostinho irá na próxima vez”. (Carta de Champagnat ao Ir. Francisco¹⁶⁵, Núm. 197, 23 de junho de 1838)

Há qualidades que se esperam de um Irmão missionário

“O Rev. Pe. Superior Geral poderá escolher, de combina com você, os candidatos aptos para as missões. Necessita-se de gente que saiba um pouco de tudo ou, pelo menos que, dentro da equipe dos que embarcam, haja quem saiba vários empregos, como foi o caso com os três primeiros que temos agora entre nós. Mais tarde, pediremos Irmãos para as escolas. Quanto trabalho, quanto bem por realizar aqui de imediato. Aqueles que você nos envia devem ter, quanto possível, votos perpétuos, possuam castidade provada e que amem muito a vida interior e oculta de São José e da Santíssima Virgem. Não são estes os que aparecem em primeira plana ao olhar das pessoas nas missões; mas com os seus trabalhos humildes, na catequese, nas escolas, na oração e no espírito contemplativo, realizam muito bem”. (Postdata de Pompallier¹⁶⁶ acrescida à Carta do Pe. Catherin Servant¹⁶⁷, Núm. 103, 15 de dezembro de 1836)

“A santidade pessoal não é, porventura, a melhor das causas da salvação naqueles que se esforçam em proporcionar-lhes o ministério apostólico? Mas, para isso, é necessária uma obediência bem formada, cumpre deixar amiúde uma empresa para começar outra, deixar um lugar para ir a outro, fazer uma coisa que agrada e outras coisas que talvez desagradem. É necessário que o candidato esteja bem treinado para dizer com Jesus Cristo: O meu alimento é fazer a vontade do meu Pai celeste. Que Deus derrame muitas graças na sua inteligência e nas suas casas. Que encha do seu espírito aqueles que nos são destinados. Que Maria, nossa boa Mãe, o pro-

¹⁶⁴ Ver nota 41

¹⁶⁵ Ver nota 19

¹⁶⁶ Ver nota 4

¹⁶⁷ Ver nota 8

teja e a nós próprios também”. (Postdata de Pompallier¹⁶⁸ acrescida à Carta do Pe. Catherin Servant¹⁶⁹, Núm. 103, 15 de dezembro de 1836)

“Aqui há muiitos combates contra o inimigo da salvação dos homens; estamos em batalha e cumpre esperar que se logre a coroa. São muito necessárias as armas da paciência, a desconfiança de si, a confiança em Deus e profunda humildade; mas desditoso de mim se sou tão débil, tão sensível e despojado da confiança em Deus”. (Carta do Pe. Catherin Servant¹⁷⁰, Núm. 191, 15 de outubro de 1839)

A motivação que ele sublinha é altruísta, não egoísta

“Anelam com fervor chegar já ao lugar do seu destino. O zelo pela salvação dos ilhéus os impulsiona de maneira particular. Oremos, queridos Irmãos, oremos pela salvação destes e pela dos que se nos confiaram. O valor da alma dos franceses é, como aquele dos idólatras, o preço do sangue de Deus”. (Carta de Champagnat ao Ir. Silvestre¹⁷¹, Núm. 158, 25 de novembro de 1837)

Deixou lembranças entre os que viveram com ele em l’Hermitage

“L’Hermitage traz à minha memória preciosas recordações no coração de Maria, Como vai a tão querida comunidade? O seu superior ainda experimenta o peso do cargo? As penas e os desgostos continuam? Esses bons Irmãos continuam numerosos? Há novos estabelecimentos? A nova capela está bem adornada? São idéias que me vêm à cabeça de vez em quando. Não posso esquecer l’Hermitage. Quando o deixei, me comovi. Peço a Deus que aceite esse sacrifício que tanto me custou. Agora não sinto essa separação como sacrifício, senão como graça, se não me equivoco, o que me suavizou aquilo que para a minha humanidade poderia oferecer de doloroso”. (Carta do Pe. Catherin Servant¹⁷², Núm. 103, 15 de dezembro de 1836)

¹⁶⁸ Ver nota 4

¹⁶⁹ Ver nota 8

¹⁷⁰ Ver nota 8

¹⁷¹ Ver nota 44

¹⁷² Ver nota 8

“Acabo de receber ao mesmo tempo duas das suas cartas, uma com data de 23 de dezembro de 1836, e outra de 31 de março de 1838. Os rasgos edificantes que me cita e os êxitos dos seus estabelecimentos que me refere causam-me grande alegria. A lembrança sua me é muito cara, como a lembrança dos bons Irmãos. Como posso esquecer uma casa que era a minha estada de paz e onde tinha ante o olhar mais de um exemplo de edificação. Como me agrada volver amiúde em espírito a essa casa de retiro, onde tenho a confiança de pensar que se reza sinceramente a Deus por mim”. (Carta do Pe. Catherin Servant¹⁷³, Núm. 191, 15 de outubro de 1839)

“Para acabar, querido Padre, rogo-lhe que me permita expressar aos nossos queridos Irmãos um sentimento do meu coração, e já que a minha lembrança ainda não se apagou da memória sua, queiram receber com agrado este meu testemunho do mais sincero afeto. Termino, Reverendo Padre, digno-se receber etc. (Carta do Pe. Catherin Servant¹⁷⁴, Núm. 191, 15 de outubro de 1839)

“Há aqui um navio francês que zarpa amanhã para a França. Aproveito a oportunidade para escrever-lhe umas linhas”. (Carta do Pe. Catherin Servant¹⁷⁵, Núm. 208, 14 de maio de 1840)

Há muito amor a Marcelino nos primeiros Irmãos missionários

“Fiz-lhe chegar um pequeno frasco ou pequeno remédio de que lhe havia falado. Aceite-o como modesta amostra de amizade. Desejo que o médico soberano do alto se sirva dele para saná-lo por inteiro.” (Carta de Pompallier¹⁷⁶ a Champagnat, Núm. 080, 29 de dezembro de 1835)

“Fico-lhe agradecido, querido Padre, do dom que me alcançou; agradeço também ao Ir. Mateo, que se esmerou tanto na preparação da minha viagem, em Lyon”. (Carta de Pompallier¹⁷⁷ a Champagnat, Núm. 090, 10 de junho de 1836)

¹⁷³ Ver nota 8

¹⁷⁴ Ver nota 8

¹⁷⁵ Ver nota 8

¹⁷⁶ Ver nota 4

¹⁷⁷ Ver nota 4

“Reze muito por mim e faça rezar sempre muito por mim. Já vê o posto em que o Senhor me colocou”. (Carta de Pompallier¹⁷⁸ a Champagnat, Núm. 090, 10 de junho de 1836)

“Querido Pai, gostaria de desejar-lhe de viva voz um venturoso ano novo, como aos meus queridos Irmãos em Jesus e Maria; mas as circunstâncias me impedem de satisfazer os meus desejos. Almejo-lhe com toda a minha alma feliz Ano Novo, como aos meus queridos Irmãos”. (Carta do Ir. Marie-Nizier¹⁷⁹, Núm. 104, 22 de dezembro de 1836)

“Mui grato é para mim poder renovar-lhe os sentimentos de respeito e agradecimento por todos os desvelos que teve comigo, e expressar-lhe o pensar que senti ao separar-me para sempre de você e dos meus coirmãos, que nunca esquecerei. Já não escutarei as suas exortações, nem verei os seus bons exemplos. Mas, se não me é possível estar entre vocês em pessoa, procuro transladar-me, de vez em quando, em espírito, com o fim de adorarmos, todos juntos, o Pai soberano, que de contínuo nos contempla onde quer que estejamos. Como é sublime o pensamento da sua grandeza, quando me recordo que poderia ir de um extremo a outro do mundo sem subtrair-me à sua presença. Como é triste este pensamento, considerando que tanta gente não o conhece senão para ofendê-lo”. (Carta do Ir. Elias Régis¹⁸⁰, Núm. 179, 12 de janeiro de 1839)

“A lembrança de l’Hermitage é para mim sempre muito grata. A distância me impulsiona a aderir com mais força ao lugar. Como desejava receber notícias de lá, desde há quase três anos. Que momento tão feliz foi para mim a chegada do segundo envio de missionários, quando pude satisfazer os meus desejos. A sua carta, Reverendo Pai, foi e é para mim fonte de consolo, porque encontro nela a expressão da terna e paternal solicitude que tem conosco”. (Carta do Ir. Marie-Nizier¹⁸¹ a Champagnat, Núm. 188, 30 de setembro de 1839)

« Permita que um dos seus filhos em Cristo lhe dirija duas palavras, antes de sair da França rumo à Polinésia. Não quereria sair sem expressar-lhe a minha gratidão por ter-me escolhido, entre os primeiros que partem

¹⁷⁸ Ver nota 4

¹⁷⁹ Ver nota 55

¹⁸⁰ Ver nota 13

¹⁸¹ Ver nota 55

para a Nova Zelândia. Sinceramente, muito obrigado ». (Carta do Ir. Cláudio Maria¹⁸² a Champagnat, Núm. 200, 25 de janeiro de 1840)

« Há muito tempo desejava escrever-lhe. Se não me decidi a fazê-lo antes, não foi por indiferença. O afeto que lhe tenho e aos meus coirmãos, continua intato. É mais por falta de habilidade que por esquecimento. Queira perdoar-me ». (Carta do Ir. Michel¹⁸³ a Champagnat, Núm. 209, 17 de maio de 1840)

« Um barco francês vai zarpar para o Havre; não posso deixar passar esta oportunidade de enviar-lhe notícias minhas. Não lhe direi muito sobre a missão, na qual tenho a dita de participar, pois está bem informado de tudo isso, porque muitas cartas lhe chegam dos nossos queridos missionários ». (Carta do Ir. Michel¹⁸⁴ a Champagnat, Núm. 209, 17 de maio de 1840)

« Meu querido Pai, agradeço todos os dias ao Senhor ter-me concedido vocação tão bela por meio de você. Não me olvide nas suas fervorosas orações e sobremaneira no santo sacrifício do altar. Todos os Irmãos que estão na Nova Zelândia estão bem de saúde e se recomendam às suas orações. Por favor, queira saudar os queridos Irmãos Francisco, Luís Maria, João Maria, Estanislau etc. Conservo para todos os meus Irmãos o mais terno e sincero afeto ». (Carta do Ir. Michel¹⁸⁵ a Champagnat, Núm. 209, 17 de maio de 1840)

¹⁸² Ver nota 17

¹⁸³ Ver nota 10

¹⁸⁴ Ver nota 10

¹⁸⁵ Ver nota 10

O LÍDER PERDIDO

A história do Padre João Cláudio Courveille (1786-1866) e a sua parte na Sociedade de Maria

Ir. Frederick McMAHON, fms



Courveille, monge beneditino.

PARTE II

INTRODUÇÃO

Na primeira parte do “Líder Perdido” (Ver o nº. 24 dos Cadernos Maristas), apresentamos a carreira de Courveille até o ano de 1826, ano em que ele se retirou do movimento que vinha procurando o reconhecimento eclesiástico oficial da Sociedade de Maria. Nesta segunda parte, vamos examinar o empenho dele em erguer um grupo diferente sob a sua única liderança, grupo de todo separado daquele que estava emergindo entre 1816 e 1826. Depois de falhar neste intento, Courveille virou giróvago, levando um tipo de vida errante entre diversas dioceses da França, até a sua admissão como monge beneditino em Solesmes em 1836. Aí, por trinta anos, depois de longo período de adaptação, ele assumiu uma vida de humilde monge. Depois, até para Courveille, importava “alguma coisa antes do fim, algum trabalho de nobre característica que ainda pudesse ser feito” (Tennyson, *in* Ulisses). Não só Courveille reapareceu na história marista, mas hou-

ve também a oportunidade para que os seus múltiplos talentos brilhassem em tarefas apostólicas para além das paredes monásticas. De certa forma, vamos investigar certa história de ressurreição.

AS CONSEQUÊNCIAS DA SAÍDA DE COURVEILLE



*Dom Alexandre Devie,
bispo de Belley*

O espinhoso problema de Courveille coproprietário de La Valla e l'Hermitage continuava pendente. Como se esperava, Courveille não ficou na Trapa; ele nem havia pedido oficialmente a sua admissão nela. Retirou-se a Saint Clair-sur-Rhône, no convento das Irmãs Maristas, depois que Colin, ainda não a par do escabroso acontecimento de l'Hermitage, não o quis receber no grupo de Belley.

Temos o informe de Colin acerca da visita de Courveille, pouco antes de 19 de julho de 1826, aos aspirantes maristas de Belley. “Quando ele passou por Belley, vindo da Chartreuse, dissemos-lhe que não viesse, que não podíamos mais considerá-lo dos nossos. Ele chorou, rogou. Nós fomos inexoráveis. O bispo de Belley, Devie, era inteiramente da nossa opinião e chegou a proibir que o recebêssemos. Nesse caso, tivemos não poucos dissabores. Destruímos toda a nossa correspondência com o pobre Courveille; nada se encontrará”.¹⁸⁶

O encontro de Courveille com Champagnat, para tratar de resolver as pendências financeiras, como sabemos, foi preparado pelo Pe. Gaucher, pároco de Chavanay, onde os Irmãos tinham escola, desde 1824. Chavanay situa-se na margem direita do Ródano, em frente de Saint Clair. No fim de setembro, Champagnat escreveu ao seu antigo Superior, que agora residia em Saint Clair, para lhe pedir um encontro. O rascunho da carta nos mostra o embaraço de Champagnat.

¹⁸⁶ OM 2, doc. 689 § 8-10

“Caro senhor Courveille, muito desejaria que viesse ou que me indicasse o lugar da nossa entrevista. Terraillon não está mais em l’Hermitage e, se os Vigários Gerais não lhe proibem, eu ...como devo dirigir-me a Grenoble para entrevistar-me com o bispo...”¹⁸⁷

A resposta não se fez esperar. “Reverendo e caro amigo, se deseja dar-me o prazer de encontrar-me com você, para juntos discutirmos as nossas pendências financeiras, que certamente vamos resolver, com a graça de Deus e com o socorro da Virgem Mãe, apesar das más línguas, de maneira justa e satisfatória para ambas as partes, e que estaremos sempre unidos, solicito que venha dia quatro ou cinco de outubro a Saint Clair, porque em seguida devo partir em viagem demorada. Transmita as minhas saudações aos caros Irmãos. Recomendo-me às suas orações e às deles. Aceite, caro amigo, a segurança, apego e amizade sincera com que tenho a honra de ser o seu dedicado servidor. J. C. Courveille f.d.s.g.pat. Saint Clair, 29 de setembro de 1826”.¹⁸⁸

O encontro ocorreu como se previu. Em presença do senhor Lion, escrivão de Chavanay, Courveille cede a Champagnat “todos os direitos e a propriedade que ele tem ou possa ter em tudo o que concerne ao estabelecimento chamado l’Hermitage”, sem reserva, afora poder habitar, quando quiser, e sem retribuição, uma cela da casa, com a mobília que ele trouxe. Em caso de a mobília ter sido perdida ou deteriorada, ele terá o direito de exigir o valor dela, que será pago por Champagnat.¹⁸⁹ Tal cessão é consentida pelo preço e soma de 5000 francos que Courveille declara ter recebido neste dia de Champagnat e pela qual este recebe a condizente quitação. Ainda assim, Courveille conservava o título de coproprietário da casa de La Valla, contentando-se em nomear Champagnat como o seu agente por procuração, em ato que leva a sua assinatura.

Courveille reteve uma cela em l’Hermitage. Não se sentia completamente rejeitado. Considerava-se como amigo da casa. Isso o reabilitou um pouco ao olhar de todos; era também astucioso ato de caridade e sinal de apaziguamento. Ademais, a sua falta moral, provavelmente, não fora propalada no exterior, pela prudência de Champagnat.¹⁹⁰ Podemos ver nisso que Courveille não tomava a expulsão como definitiva, já que contava com no-

¹⁸⁷ OM 1, doc. 163

¹⁸⁸ OM 1, doc. 165

¹⁸⁹ OM 1, doc. 166 § 2

¹⁹⁰ OM 3, doc. 865 § 3 et 4

va maneira de retornar. Champagnat informou a Colin todas essas transações. Colin ficou muito feliz e respondeu em cinco de dezembro de 1826: “Ficamos muito contentes em que tenham terminado com Courveille. O negócio nos intrigava pelo que tocava a vocês”.¹⁹¹ Infelizmente as dificuldades surgiram no concernente à propriedade de La Valla. Champagnat vendera a sua parte com dois pagamentos parcelados, em 1827 e 1829. A outra metade, por procuração, foi confiada a Champagnat. Por anomalia inexplicável, Courveille, em 29 de setembro de 1828, deu a procuração ao senhor Mouton para vendê-la no nome de Courveille. Mouton a vendeu a Jacques Coste no dia 12 de outubro. As dificuldades surgidas dessa dupla procuração levaram Champagnat a pedir a Courveille a aprovação de todas as operações levadas a efeito no seu nome, aprovação que Courveille deu sem reserva; este, porém, provavelmente tendo necessidade de dinheiro, na sua nova aventura de St Antoine, não agiu corretamente com Champagnat.¹⁹²

A saída de Courveille da cena marista em 1826, dez anos após o comprometimento de Fourvière, constitui um como *divortium aquarum* nos negócios da Sociedade de Maria. De certa maneira, era uma bênção, também para Courveille, que tratava dos assuntos maristas, principalmente na arquidiocese lionesa, e que estava longe de ser popular entre as autoridades eclesiásticas. Ele havia ferido pessoas, exagerando nas próprias atribuições. Além disso, o seu modo ditatorial, por exemplo, na sua conversação com o prefeito de Charlieu, a sua falta de critério e de competência pessoal, a sua maneira de tratar com os noviços em l’Hermitage, e igualmente a sua incompetência em aproveitar as ocasiões, como em não ter falado ao arcebispo de Pins, acerca dos projetos maristas, tudo isso impediu o progresso da Sociedade de Maria na grande arquidiocese lionesa. Doravante, Belley, a pouco e pouco, tornava-se o centro de gravidade da Sociedade de Maria, pelo acompanhamento de Jean-Claude Colin.

A arquidiocese ainda não tinha visto a grande ascensão dos maristas do ramo sacerdotal, sob a orientação de Séon e Champagnat, de sorte que, quando os maristas obtiveram a aprovação para o ramo dos sacerdotes, em 1836, o número reunido em Lião para a ocasião era muito pequeno, de Belley apenas um. Ainda que os bispos de Belley e Lião tenham guardado cuidadosamente os seus padres sob a própria autoridade até 1836, o arcebispo de Lião havia dado maior reconhecimento aos seus aspirantes maristas, antes desse ano, do que o bispo de Belley.

¹⁹¹ OM 1, doc. 169 § 2

¹⁹² OM 1, doc. 217 § 1

Quanto a Courveille, a sua decadência e desgraça estavam certamente ligadas aos seus sucessivos fracassos, no curso do decênio após o compromisso de Fourvière. Ele havia tentado dirigir a Sociedade à sua maneira, mas os diversos conflitos que ele encontrou com as autoridades arquidiocesanas, o fracasso da sua empresa da ordem terceira em Verrières, os seus Irmãos Maristas de Feurs, o seu centro de padres missionários de Charlieu, assim como a sua incompetência pessoal em entrar em relação com as pessoas, como na administração dos negócios, tudo isso conspirava contra ele. O isolamento de l'Hermitage e o ressentimento que ali ele nutriu contribuíram igualmente para que se voltasse sobre si mesmo, com diminuição do seu autocontrole. A despeito de tudo e da sua própria queda, Courveille não estava acabado. Uma vez mais, não tardou em abrir novo caminho, desta vez seguindo ainda mais a sua estrela, o seu culto a Maria como ele o entendia, em outra região da França.

COURVEILLE FUNDA NOVA CONGREGAÇÃO

Jean-Claude Courveille não ficou na Trapa de Aiguebelle senão por alguns dias, depois que a sua demissão de l'Hermitage foi aceita. Munido da carta da Associação espiritual que lhe entregou, em 11 de junho de 1826, Dom Etienne Malmy de Aigueville, que lhe concedia o título de “Superior Geral dos Venerandos Irmãos Maristas” e do *celebret ad revocationem* da arquidiocese lionesa e de outro *celebret* da diocese de Chambéry, com data de dezanove de julho, que o reconhecia como “Superior Geral da ordem de Santa Maria”, Courveille estabeleceu-se na diocese de Grenoble, em Saint Clair, em sete de setembro do mesmo ano de 1826.¹⁹³

Agora, desde dezoito de agosto de 1826, um novo bispo, Dom Philibert de Bruillard, havia subido à sede de Grenoble, com a morte de Claude Simon. O magistrado titular do departamento de Isère, Jules de Clavières tinha sinceramente levado o bispo a fundar certa congregação de Pequenos Irmãos, provavelmente em Côte-Saint-André. Como alocação orçamentária, Clavières havia pedido seis mil francos para essa eventualidade. Ademais, em 31 de outubro de 1825, ele escreveu ao ministro da instrução e do culto, Monsenhor Frayssinous, para lhe dizer que este projeto era da maior importância num distrito em que a instrução primária ficara por muito tempo

¹⁹³ OM 1, doc. 153, 154, 156

abandonada por homens sem princípios. Um mês depois da sua chegada a Grenoble, Bruillard escreveu ao magistrado, em 25 de setembro de 1826, que ele comungava totalmente das suas idéias quanto a estabelecer os Pequenos Irmãos, mas que ele, infelizmente, não tinha esperança de ter êxito na empreitada. Pouco tempo depois, ele elaborou novo plano para o magistrado, como resultado da entrevista com o Pe. Courveille, “sacerdote respeitável”, que se havia apresentado ao bispo como o “diretor dos Pequenos Irmãos chamados de Maria” da arquidiocese de Lião. Havia sido informado de que várias paróquias de Isère pediam os Pequenos Irmãos. “O ousado eclesiástico” remeteu ao bispo algumas cópias de certo prospecto impresso, com data de 19 de julho de 1824, aprovado pelo Vigário Geral Cholleton. Courveille queria comprar, por 15000 francos, uma parte das edificações da abadia de Saint-Antoine, perto de Saint-Marcellin, pertencente ao senhor Jubie, se houvesse aquiescência do senhor Labâtie, subprefeito de Saint-Marcellin. O bispo continuou dizendo que ele próprio havia prometido 500 francos a Courveille.

BENEVOLÊNCIA DAS AUTORIDADES EPISCOPAIS E GOVERNAMENTAIS

O magistrado Clavières se alegrou com as excelentes novas e de imediato propôs uma subvenção de 1.600 francos para a fundação da “Sociedade dos Irmãos” estabelecidos em Saint-Antoine. Quando o conselheiro do arcebispo de Pins, em Lião, ouviu falar deste negócio, ele se perguntou se cumpria advertir o bispo de Bruillard acerca da falta moral de Courveille em l’Hermitage, Estes são os termos do assentamento do conselheiro: “Em 28 de setembro de 1826. O Pe. Courveille, depois de ter sofrido alguns reveses em l’Hermitage, deseja fundar um estabelecimento em Grenoble. O bispo o acolhe; o magistrado lhe oferece casa com 600 francos de vencimentos. Deve-se prevenir a esse prelado?”¹⁹⁴ Decidiu-se nada dizer sobre o assunto, “a menos que o bispo de Grenoble solicite informações”.¹⁹⁵

O bispo de Grenoble não desconfiou de nada nem procurou informar-se. Estava feliz demais por ter encontrado uma comunidade pronta para dar

¹⁹⁴ OM 1, doc. 164

¹⁹⁵ Ibid

nova vida às magníficas ruínas da abadia de Saint-Antoine e, com a aprovação do Reitor da Academia, Berroyer, esperava fundar aí uma escola de formação, sob direção religiosa. Durante esse tempo, Courveille havia preparado a forma de se fazer aceitar na paróquia. “Disse ao pároco de Saint-Antoine, cujo sucessor informou o Irmão Théodose, Irmão da irmandade de Champagnat, que ele, Courveille, não sendo bem recebido, nem respeitado, nem estimado, nem reconhecido como Superior de l’Hermitage, ia estabelecer-se na Abadia de Saint-Antoine.¹⁹⁶



A Abadia de Saint-Antoine. A parte das Irmãs está à direita do vitral redondo

Com plena autonomia, agora Courveille comprou, por 60.000 francos, grande parte da soberba abadia, feliz em ser chamado abade de Saint-Antoine.

Conseguiu atrair dois ou três Irmãos de l’Hermitage para a nova empreitada, entre os quais o Irmão Dominique. Como vimos, as ligações de Courveille com a obra de Champagnat na arquidiocese lionesa não foram totalmente rompidos e ele

poderia, assim, fazer aparecer essa nova obra como ramo da primeira. Parece que o motivo secreto de Courveille era formar em Isère outra seção da Sociedade de Maria, capaz de se unir àquela do departamento de Loire (de Champagnat), e àquela do departamento de Ain, (de Colin). Por este meio, esperava talvez, quando o momento da união de cada uma das três seções chegasse, que ele poderia recuperar o que havia perdido pelo seu pecado. Por que não? Poderia mesmo conseguir ser eleito Superior Geral. Desse modo, continuava a acrescentar à sua assinatura as célebres letras *f.d.s.p.g.* significando, provavelmente, “diretor dos Irmãos e superior geral dos padres”.

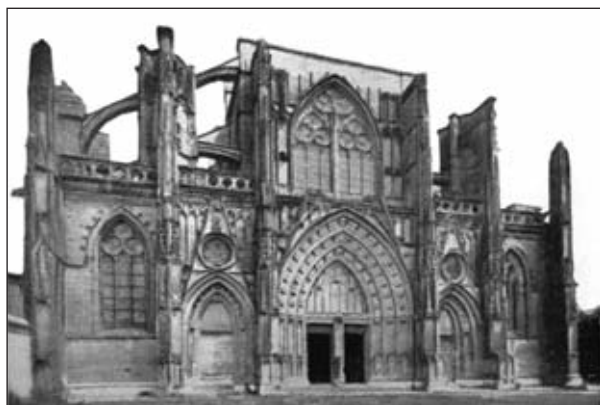
Em dez de dezembro de 1826, a municipalidade de Saint-Antoine, desvanecida pelo estabelecimento desejado pelo bispo, pelo magistrado do departamento e pelo Reitor da Academia, destinou no orçamento 220 francos para fornecer “aos Irmãos da Congregação de Maria” 50 mesas, móveis de escritório e cadeiras, 50 estantes de alunos menores e a mesa do professor.¹⁹⁷

¹⁹⁶ OM 3, doc. 860, § 3

¹⁹⁷ OM 1, doc. 170 § 4

Dois dias mais tarde, em 12 de dezembro de 1826, uma nota do magistrado do departamento aceitou o compromisso proposto pelo Geral da Sociedade dos Pequenos Irmãos, no sentido de fornecer mestres para a instrução primária nas comunas rurais que os pedissem, e acordou no orçamento departamental o montante de 200 francos para cada professor que, no fim do seu curso de estudos, obtivesse um certificado pelas vias ordinárias. Além disso, a autoridade do departamento acordou um primeiro socorro de 1.600 francos, como havia prometido em setembro.

Em pouco tempo, o “abade de Saint-Antoine” tinha consigo quinze jovens, em geral de boas famílias, que ele desejava fazer religiosos. A esse ramo destacado dos Pequenos Irmãos de Maria, ele acrescentou as Irmãs



Fachada da igreja da Abadia, uma das mais belas da França

de Maria, que havia trazido de Saint Clair-sur-Rhône e de Rive-de-Gier. Elas abriram, sem delongas, uma escola para as meninas de Saint-Antoine. Com efeito, duas dessas Irmãs, Françoise Brun e Antoinette Rollat, são consideradas coproprietárias de Courveille da magnífica propriedade da abadia de Saint-Antoine, comprada por 60.000 francos. Essas senhoras, então, forneceram dinheiro vivo e

conservaram a propriedade das partes compradas para uso do pessoal religioso de Courveille. O título de propriedade delas, afinal de contas, foi uma sábia decisão.

Em dezessete de setembro de 1827, Jules de Clavières, considerando que o noviciado dos Irmãos de Saint-Antoine parecia “preencher perfeitamente o escopo proposto¹⁹⁸, colocou à disposição do reverendo Pe. Courveille, Geral da Sociedade, novos fundos de 2.300 francos acordados pelo Conselho Geral¹⁹⁹ da prefeitura departamental de Isère”. Esse pagamento foi efetuado em dois de novembro de 1827; e foi seguido, em 1828, de dois outros: 970 francos em quatro de fevereiro e 400 francos em catorze de maio.

¹⁹⁸ OM 1, doc. 177 § 3

¹⁹⁹ OM 1, doc. 177 § 4

O Reitor da Academia de Grenoble escreveu ao Vigário Geral Bossard, apresentando a nova organização educativa governamental de 1828 como sendo mais vantajosa para a Igreja que aquelas das ordenações de 1824. Diz ele que o governo se propunha reconhecer as casas dos Irmãos e das Irmãs das congregações autorizadas para o ensino primário, e aos inspetores competia apenas ter em conta o interesse desses piedosos e humildes educadores das crianças, para assegurar-lhes que, conformando-se às regras editadas pelo rei com muita benevolência, eles não sofreriam nenhuma mudança na sua situação, senão que teriam melhor proteção para si e para os seus alunos. Favorecido pela assistência administrativa do departamento de Isère, graças aos seus oficiais civis e à universidade e à autoridade diocesana, com a certeza de um rendimento definido, estando domiciliado em edificações históricas, Courveille podia esperar reparar o seu escândalo e cumprir a missão que lhe confiara Nossa Senhora de Puy e manter a promessa que havia feito a Nossa Senhora de Fourvière.

REVÉS DA ESCOLA NORMAL DE JEAN-CLAUDE COURVEILLE

Era questão relativamente fácil, portanto, para o fundador destituído da Sociedade de Maria, em Lião, fazer prosperar uma escola normal em Saint-Antoine. Infelizmente Courveille não era o homem talhado para a situação.

A decisão da prefeitura departamental de doze de setembro de 1826 previa um pagamento de 200 francos para cada professor que, no fim do curso dos estudos, obtivesse o seu diploma; para tal fim 1.200 francos foram adiantados ao Superior de Saint-Antoine. Mas, como os conhecimentos do único estudante, que julgou ser capaz de preencher essa condição, foram estimados insuficientes, nem um centavo da tal alocação foi pago.²⁰⁰ Desse modo, Courveille se viu obrigado a reembolsar os fundos de urgência do departamento, toda a vez que tivesse dinheiro disponível. Ademais, o bispo de Grenoble dissociou-se da empreitada, em fevereiro de 1829, desencorajado pela *excessiva ignorância* dos Irmãos instituídos por Courveille.

Berroyer, Reitor da Academia, encerrou o seu relatório a Vatimesnil, Ministro francês da instrução pública, em três de fevereiro de 1829, nos se-

²⁰⁰ Citado em « The New Congregations », 348

guintes termos: “O pessoal deste estabelecimento é tal que ninguém pode sair da sua incompetência que, até o presente, tem sido total. Eis o que precisa dizer-se neste relatório que Vossa Excelência pediu, no concernente a uma empreitada, cujo nome é desconhecido das pessoas da região em que ela se estabeleceu”.²⁰¹

Parece que Courveille tentou outros contatos. Desde julho de 1828, tentou entendimento com o Pe. Mazelier, Superior dos Irmãos de St Paul-Trois-Châteaux, no departamento de Drôme; há mesmo o relatório de uma visita do arcebispo de Valence. Por esta razão, o Pe. Fièrre, Vigário Geral de Valence, informou o bispo do revés dos Irmãos, no departamento de Isère: “Os Irmãos de Saint Antoine, por falta de candidatos, abandonaram a sua obra, com grandes perdas, depois de adquirido o convento. A falta de noviços e a falta de harmonia entre o pároco e o superior contribuíram para esse desastre”.²⁰²

A divisão e a falta completa de recursos dispersaram os Irmãos de Courveille. O Irmão Dominique retornou a l’Hermitage e pediu para ser readmitido. Champagnat o levou ao refeitório e sorrindo falou: “Entre”, como se lhe dissesse: “Pobre filho pródigo. Sim, pode retornar. Você foi enganado, cometeu uma leviandade. Entre e tudo fique esquecido”.²⁰³

A divisão não era o único problema. “Courveille estava seguidamente ausente, em viagens. Os jovens, abandonados a si, não faziam praticamente nada, entregavam-se ao jogo e acabaram por se retirar, sobretudo depois da saída de Courveille”.²⁰⁴

Uma carta do novo pároco de Saint-Antoine nos fala da dispersão dos Irmãos de Courveille. Ele escreveu ao Pe. Mazelier, fundador dos Irmãos de St Paul-Trois-Châteaux.

“Saint-Antoine, Isère, dezessete de julho de 1829.

Caro Padre, apresso-me em responder à sua carta de treze em que me pede a informação requerida para a admissão, no seu noviciado, de Roux Joseph de Chatte. Vou falar segundo a minha consciência e segundo o meu conhecimento pessoal do jovem em apreciação. Primeiramente, sou pároco de Saint-Antoine, há apenas cinco meses. Assim, o que digo refere-se apenas ao tempo em que vivi nesta paróquia.

Quando cheguei, encontrei uma comunidade de Irmãos ditos de Maria,

²⁰¹ Ibid

²⁰² Ibid

²⁰³ OM 3, doc. 861 § 8

²⁰⁴ OM 3, doc. 873 § 11

destinada ao ensino dos meninos da região rural; mas, por razões só conhecidas do bispo, ele despediu o reverendo responsável. A comunidade, desse modo, encontrou-se sem cabeça e cada membro viu-se obrigado a ocupar-se de si. Alguns continuaram, outros partiram sem escândalo; mas todos sofreram, por se verem incapazes de seguir a sua vocação que os havia reunido em uma casa de chefe único.

Como os outros, o jovem Roux procurava meios de ganhar o pão cotidiano; mas, com menos facilidade que os demais, foi ele o último a suscitar a piedade, e as Irmãs do convento de Saint-Antoine, que vieram de St Clair, por caridade o tomaram para sacristão, função que ele cumpriu admiravelmente, não podendo, em razão da saúde delicada, afadigar-se em trabalho pesado. Continuou a trabalhar na mesma função para mim com excelente desempenho. O seu procedimento é exemplar; o descalabro da comunidade não mudou em nada as suas práticas nem a maneira piedosa com que recebia os sacramentos. Desde que tomei posse desta paróquia, só posso louvar o Senhor pela edificação que este jovem deu à paróquia e aos seus Irmãos. Creio que ele será muito útil a qualquer comunidade que o receber; quando digo isso a respeito dele, faço-o do profundo da consciência.

Talvez o senhor se admire que, depois da derrocada provocada pelas circunstâncias nessa comunidade, o Irmão em tela não tenha seguido os outros. O caso me causa pouca estranheza. Todos tiveram de defender-se; este, pela sua saúde delicada, tinha mais dificuldade. São os pormenores que a minha consciência me leva a dar-lhe. Pode estar certo de que não quero prejudicar a sua comunidade, apresentando alguém que não cumpriria a promessa que tenho feito acerca dele.

O seu servidor, Poncet, Reitor de Saint-Antoine".²⁰⁵

Por procuração, no dia 29 de setembro de 1828, o pobre Courveille já havia dado toda a liberdade a um terceiro, para levar e vender os móveis que haviam ficado em l'Hermitage; no dia 12 de outubro do mesmo ano, vendeu a sua parte da propriedade de La Valla, a um negociante de St-Etienne, por 2.000 francos. Champagnat havia vendido a sua parte de La Valla, isto é, a escola, ao pároco Bédoin, em primeiro de maio de 1827, e o restante a Couturier, em 5 de fevereiro de 1829.

²⁰⁵ Archives des Frères Maristes

AS IRMÃS MARISTAS EM SAINT-ANTOINE

O estabelecimento dos Irmãos em Saint-Antoine se efetuara um ano antes daquele das Irmãs, que chegaram em setembro de 1827. Elas foram de Rive-de-Gier a Saint Clair em meados de julho de 1827, onde se uniram àque-las que haviam começado em 1816.²⁰⁶



*Jean-Claude Colin, fundador dos
Padres e das Irmãs Maristas*

A situação em Saint-Antoine era melhor no que se reporta às irmãs Maristas, porquanto, após terem adotado os estatutos das “Irmãs de Nossa Senhora de Pradelles”, em Haute-Loire, elas foram autorizadas pela ordenança real de 21 de dezembro de 1828. A informação seguinte vem da edição do Pe. Détours da obra do Irmão Avit, Irmão Marista, que por certo não foi testemunha, mas que era pesquisador persistente dos fatos e das histórias e, em alguns pontos, talvez repórter um pouco crédulo. O que ele diz harmoniza-se muito bem com o caráter de Courveille. Pouco depois, Courveille encontrou-se perseguido pelos seus credores e pouco estimado pelas Irmãs. O Pe. Courveille partiu.²⁰⁷ Eis o que Détours diz a respeito do retrato de Courveille. Segundo

Détours, Courveille havia feito pintar o seu retrato na parede do convento de Saint-Antoine. “Certa Irmã foi surpreendida, de vassoura na mão, tentando apagar o retrato. Alguém lhe disse: “Irmã, trata assim o fundador?” Retrucou-lhe ela: “Não me fale disso”; e continuou com mais vigor a apagar o retrato.²⁰⁸ Détours obtivera a informação suplementar do Irmão Marista Théodose, que estava a par das “Irmãs religiosas de Maria”, como era seu nome. Elas puseram Courveille de lado, visto que já não lhes convinha. Em certa manhã, Courveille abriu a porta e desapareceu. Diz-se que foi à América. Quiçá continue lá.²⁰⁹ Outro relatório do Irmão Théodose : « As-severa-se que Courveille queria administrar as Irmãs à sua maneira. As Irmãs, ressabiadas, acabaram por governar a si mesmas, deixando-o de lado”.²¹⁰ A ruptura de Courveille com as Irmãs era agora completa.

²⁰⁶ OM 3, doc. 859 § 4

²⁰⁷ OM 3, doc. 859 §. 3

²⁰⁸ OM 3, doc. 873 §. 10

²⁰⁹ OM 3, doc. 860 §. 4, 5

²¹⁰ OM 3, doc. 861 §. 10

Em 1844, Colin fez levantamentos acerca das Irmãs, com o fim de auxiliá-las. As Irmãs Maristas de Belley tentaram ajudá-las a reviver, enviando duas Irmãs Maristas com elas, durante um período de dez meses. Não foi um sucesso. As Irmãs de Saint-Antoine decaíram lentamente em número, até que a perseguição de 1903 as dispersou definitivamente.

A QUEDA DE COURVEILLE

Em 1829, com o descalabro da sua tentativa de fundação dos Irmãos do Ensino, Courveille abandonou a abadia de Saint-Antoine e se retirou à paróquia de Apinac, onde a mãe dele nasceu e onde possuía certa propriedade e onde um tio dele era pároco. Conforme os numerosos celebrets que ele recebeu das autoridades diocesanas nesse período, pode-se averiguar que Courveille fez longa viagem pelas terras da França, na primavera de 1829, antes de se instalar em Apinac. As suas peregrinações o conduziram a Nîmes, a Toulouse, a Limoges e a Clermont.

No começo de julho, saiu da diocese de Grenoble e se fixou naquela de Lião. Parece que morou com a irmã dele em Apinac e gerenciava os seus negócios e os da irmã. Apinac era a paróquia do seu tio; no entanto, estando sempre na diocese lionesa, Courveille não foi autorizado a exercer o sacerdócio. Lemos um registro sumário do Conselho arqui-diocesano a esse respeito. “Em 15 de novembro de 1829, o senhor Gonnet, pároco da aldeia de Chénerilles, a vinte quilômetros de Apinac, pede o Pe. Courveille para auxiliá-lo durante o jubileu. Foi recusado”²¹¹. A recusa do arcebispo parece indicar que Courveille foi privado dos seus poderes de confessar e que não se pretendia concedê-los, mesmo provisoriamente.

Durante breve período, contudo, houve certa tolerância nessa interdição, como nos historia certo assentamento do Conselho arqui-diocesano. “Em 21 de março de 1832, o Pe. Courveille está autorizado a auxiliar o Pe. Beynieux, pároco de Apinac, até Pentecostes”²¹². É a primeira vez, desde a recusa de 5 de novembro de 1829, que a arquidiocese devolve todos os poderes a Courveille, embora por pouco tempo.

Antigos cronistas da história marista nos informam acerca de outra tentativa de Courveille em recuperar a sua posição entre os confrades maris-

²¹¹ OM 1, doc. 205

²¹² OM 1, doc. 245

tas. Pode haver alguma confusão com tentativa anterior, mas não podemos eliminar a probabilidade de uma segunda investida de Courveille para recuperar o posto perdido. O que segue é do Pe. Jéantin, acerca do encontro de Courveille com Colin, em que se diz que Courveille tentou alguma aproximação dramática. “Courveille começou por tomar o seu ar misterioso e por ameaçar com todas as maldições de Deus, se continuassem a não escutá-lo. Depois Colin, animado de santo ardor, disse-lhe: Pensa que não estamos a par do seu procedimento? A tais palavras ele se calou, cheio de confusão, muito perturbado; era o fim”.²¹³

Após essa repulsa de Colin, Courveille retornou a Apinac por algum tempo. O Pe. Jéantin, um dos cronistas da vida de Colin, faz uma exposição sobre o que ele respigou de Colin nesse período da vida de Courveille, desde o descalabro de Saint-Antoine e da sua partida para a diocese de Bourges em 1833. Parece que cometeu grave falta moral no fim desse período. “Courveille entrou na sua paróquia natal de Apinac. Ele construiu pequena capela em bosque vizinho da igreja, aonde levava meninos em peregrinação e adquiriu grande reputação de santidade. Um belo dia, como uma mulher ralhava com o filho que não queria ir à peregrinação e o repreendia pela sua falta de respeito por um santo como o Pe. Courveille, o menino indignado gritou: “O senhor Courveille, eu o conheço bem”. Assustada com tal resposta, a piedosa mulher interrogou melhor o menino e descobriu mistérios de iniquidade. Alertou outras mulheres. Elas interrogaram os seus filhos. Encontraram-se seis vítimas dessa paixão abominável.

O pároco do cantão foi informado disso e denunciou o culpado à autoridade diocesana, que lançou um interdito. Sabedor disso, o bom e digno pároco de Apinac fechou a sacristia da sua igreja, para impedir o sobrinho de celebrar a santa missa. Esse, ousando pedir a chave da sacristia, o venerando pároco disse-lhe com indignação: “Miserável, há tempo demasiado que tu celebras a missa, mas nunca mais a dirás aqui”. Courveille saiu de Apinac.²¹⁴ Por quatro anos levou uma existência de torturado”.

Admitido pelo bispo da arquidiocese de Bourges, deu-se a Courveille o cargo pastoral das pessoas idosas, num lugar chamado Châteauroux. Os sumários registrados pelo Conselho arquidiocesano nos fornecem boa exposição sobre as atividades de Courveille em 1833 e um pouco adiante. Na

²¹³ OM 3, doc. 819 § 78(a), et Detours, OM 3, doc. 872 § 44

²¹⁴ OM 3, doc. 820 § 26-27

reunião de 18 de fevereiro de 1833, Courveille foi nomeado capelão no asilo das pessoas idosas de Châteauroux. No sumário de 9 de abril consta o seguinte: “o Pe. Molat acredita que Courveille é capaz de ocupar uma posição mais importante e ele presume que Courveille não se oporia a ser locado em posto mais lucrativo, a fim de que ele pudesse trazer a irmã dele, que tem nele o seu único apoio. O Conselho está propenso a concordar com ele”.²¹⁵ “O sumário de sete de outubro de 1833: informes deploráveis tendo sido dados a um membro do Conselho, acerca do Pe. Courveille, capelão do asilo dos idosos de Châteauroux, colheram-se informações sobre os antecedentes. Resulta que ele tem faltas graves relativamente aos costumes; por esta razão, ele foi despedido da diocese de Lião. Esses documentos levam o Conselho a pensar que Courveille deva ser vigiado”.²¹⁶ Em 17 de outubro de 1834, o registro apresenta: Courveille expressa o desejo de ocupar um posto onde dar mais envergadura ao seu zelo. O bispo propõe que se responda que ele, bispo, vai prestar atenção ao seu pedido”.²¹⁷ Em 17 de 1835, consta o seguinte: O Pe. Courveille é acusado de atos graves contra a moral, da mesma natureza daqueles pelos quais ele foi condenado e punido. O bispo escala o Pe. Molat para efetuar inquéritos.²¹⁸ Vinte e dois dias depois que o Conselho decidiu o levantamento acerca das denúncias contra Courveille, este recebeu o seu exeat, o que equivale à expulsão da arquidiocese de Bourges. Uma vez mais, Courveille era um evadido.

Em setembro de 1835, outro escândalo forçou a sua saída para outro lugar, desta vez para a diocese de Reims. O bispo deu a Courveille uma missão em Witry-lès-Reims, mas ele saiu daí repentinamente em abril de 1836, sem nenhuma dúvida pela mesma razão que as suas partidas anteriores. Encontramo-lo em seguida na diocese de Mans, onde o amável bispo Bouvier concede não só o celebret, mas de igual modo um salvo-conduto eclesiástico, em que se dizia: “Le Mans, 9 de julho de 1836. O Pe. Courveille, que porta o presente escrito, é sacerdote piedoso e zeloso. Nós lhe permitimos celebrar missa nas igrejas e capelas da diocese, com o consentimento dos párocos e capelães. Ele não deve ficar muito tempo, a menos que se fixe em Solesmes ou em outra comunidade”.²¹⁹ No mesmo dia, o generoso bispo escreveu uma carta em que apresenta Courveille ao abade Guéranger de Solesmes, nestes termos: “Em 9 de julho de 1836. Caro prior, eis um

²¹⁵ OM 1, doc. 407 § 2

²¹⁶ Ibid § 3

²¹⁷ Ibid § 5

²¹⁸ Ibid § 7

²¹⁹ OM 1, doc. 410

sacerdote da diocese de Puy, que me foi recomendado por excelente pároco da diocese de Bourges, com o qual estou em contato. Ele o recomenda como amigo do citado, e declara que este é sacerdote piedoso. Parece que ele quer apresentar-se a Vossa Reverência, mas vejo que ele não poderia ser-lhe muito útil. Se ele solicita associar-se com Vossa Reverência, a sua prudência verá o que permite fazer”.²²⁰ O amigo de Courveille, nesta circunstância, é o Pe. Molat, arcebispo de Châteauroux, na diocese de Bourges, aquele que foi incumbido do inquérito sobre o passado de Courveille. Ele, sem dúvida, tem em conta as possibilidades de restabelecimento do infeliz capelão do asilo dos idosos e pensou dar-lhe uma segunda oportunidade.

Assim se findaram quatro terríveis anos para Courveille, quando, munido desse documento e recomendação, ele foi aceito no mosteiro beneditino de Solesmes, reestruturado de novo pelo célebre prior Guéranger. Quanto aos tristes defeitos deste padre desequilibrado, eles foram por certo de natureza a poder conduzi-lo perante os tribunais do Estado, mas parece que sempre logrou proteger-se da cólera futura. Somente uma tradição, reportada pelo Pe. Lagniet, menciona uma breve passagem de Courveille pela prisão; mas tal relatório não pode ser comprovado. De certa maneira, a punição de Courveille era aquela recomendada pela mãe de Hamlet: “Deixai ao céu e aos espinhos que se alojam no seu peito o cuidado de ferir e queimar”.²²¹

Ainda assim, três raios de esperança irromperam dos acontecimentos imediatamente antes da aceitação de Courveille no mosteiro. Na pessoa do arcebispo Molat, ele teve alguém que acreditou nas possibilidades do seu resgate e esta certeza incita o bispo Bouvier a escrever a recomendação. Em segundo lugar, provavelmente pode-se supor que os delitos imputados a Courveille não eram tão graves quanto as denúncias nos podem levar a admitir. Molat estudou as incriminações contra Courveille e, contudo, insistiu com o bispo para que lhe desse a preciosa recomendação para Solesmes. Finalmente, o relatório do bispo a respeito de Courveille, não sendo útil para o mosteiro, ironicamente ele se mostrou falso, como veremos.

Outro fator falou em favor de Courveille. Pouco antes da sua chegada, tinha havido um tipo de revolta interna no mosteiro de Solesmes; visava-se precisamente à demissão do prior Guéranger. Tendo falhado a revolta, apenas quatro religiosos renovaram os seus votos; entre os quatro estava Gué-

²²⁰ OM 1, doc. 411

²²¹ W. Shakespeare, Hamlet, ato 1, SC. V, linhas 86-88

ranger, esta vez por cinco anos. O fato de que o restabelecimento da vida monástica, em Solesmes, ter começado apenas três anos antes da chegada de Courveille, bem como a queda do número de religiosos após a revolta, pôde ter influência sobre a aceitação de Courveille.

A confiança de Molat, a recomendação do amável bispo Bouvier, a preseteza do prior Guéranger em receber recrutas pode ser considerado como a intervenção da estrela guia de Courveille, Nossa Senhora, que ofereceu uma rede de salvamento ao seu devoto apaixonado que se extraviara. Será que ele vai valer-se dela para, de novo, manter-se em sólido terreno espiritual?

COURVEILLE, DESAFIO QUE MERECE CONSIDERAÇÃO

É difícil ter simpatia com Courveille. Ainda assim, cumpre ser justo. Parece certo que ele estava verdadeiramente convencido de que a Mãe de Deus o havia encarregado de fundar a Sociedade de Maria. Entregou-se totalmente à tarefa; mas a doçura da primeira inspiração e das primeiras realizações foi azedada pelos mal-entendidos e os reveses que se sucederam. Deu-se conta de que era posto de lado, recebendo toda uma série de recusas e repulsas, o que terminou pela rejeição dos confrades, nas palavras de Colin. Uma série de quedas morais marcou certos anos da sua vida madura. Como conclusão, na idade de cinquenta anos, este homem que não tinha aprendido a olhar-se interiormente, este homem que não havia logrado bom conhecimento de si, este Courveille se encontrou no limiar do mosteiro de Solesmes. Nele, durante os trinta anos vindouros, este homem de sonho encontrou um lugar em que pôde obter a sabedoria.

OBSERVANDO OS DEFEITOS DE COURVEILLE

Não poucas vezes se levantaram para mostrar os defeitos no caráter de Courveille, como também as muitas possibilidades de corrigir-se dentro dos muros do mosteiro. Os seus defeitos têm sido constantemente citados pelos observadores. O Irmão Marista Théodose, que viveu perto de Saint-Antoine, durante vinte anos e assim bem conheceu Courveille, disse a respeito: “Ele se lançava a tudo, se punha à testa de tudo, mas não havia constância. Era um exaltado. Agora tudo era belo, magnífico, cheio de grandeza; pou-

co depois, tudo estava perdido, mudado afinal”.²²² Théodose, de igual modo, declarou que, segundo o Irmão Francisco, sucessor de Champagnat, “ele queria a perfeição nos Irmãos, que as pessoas fossem perfeitas, exigia demais, sem discernimento. Era um exagerado. Não se pode ter a perfeição no começo. Quando queria realizar uma coisa, insistia e lutava por isso, sem muito refletir se procedia bem e com sabedoria”.²²³ Théodose, porém, tem mais coisas que dizer sobre o instável Courveille. “Courveille criava um corvo em l’Hermitage. Arrancava-lhe as penas e lhe dizia: Defende-te. Era de tal modo mutável que não inspirava muita confiança”.²²⁴

Os irmãos Colin estavam longe de amar Courveille; conheciam demais os seus defeitos. Eis a voz de Pedro Colin: « Como ele fez mal à sociedade nascente! Era uma cabeça louca ». ²²⁵ Pedro Colin continua e dá um exemplo da loucura brutal de Courveille - o episódio do abuso com a carta papal.

O Pe. Jéantin, antigo historiador, em 1870 entrevistou Jean-Claude Colin; falou assim de Courveille: “Zombava-se dele por toda a parte, onde se fazia passar por fundador e superior de uma ordem religiosa. As pessoas se riam dele, em razão da sua cabeça fraca e da sua falta de juízo”.²²⁶ O Vigário Geral Cholleton, protetor e guia dos jovens seminaristas que projetavam a Sociedade de Maria, disse de Courveille: “Nunca considere Courveille como sendo o que devia conduzir o projeto; não tinha a cabeça necessária para tal. Era um exaltado”.²²⁷ Esses relatos bastam para dar a impressão geral de que Courveille tinha muita necessidade de autoconhecimento e domínio de si. Como um sacerdote entre duas idades poderia entrar num programa de auto-avaliação, eis o que fica para examinar.

O CAMINHO DO PURGATÓRIO DE COURVEILLE

Jean-Claude Courveille tomou o hábito de monge beneditino em 27 de agosto de 1836. Seguiram-se dezoito meses de noviciado, que levaram à profissão dos votos na abadia, em 21 de março de 1838. No período do seu noviciado, recebeu o encargo de sacristão. Depois da primeira profissão, foi

²²² OM 3, doc. 860 § 8

²²³ OM 3, doc. 861

²²⁴ OM 3, doc. 861 § 2

²²⁵ OM 2, doc. 689 § 7

²²⁶ OM 3, doc. 840 § 115

²²⁷ OM 2, doc. 655 § 1

nomeado para o posto de responsável dos Irmãos da abadia, emprego que cumpriu até 1841.

Dos anais da abadia, por exemplo, em 12 de maio de 1839, podemos ler a exortação dele a alguns meninos nos jardins da abadia, por ocasião da sua primeira comunhão. Ainda nos anais, em 19 de novembro de 1839, verificamos que deu as suas posses a um sobrinho, em troca de um rendimento vitalício.

O período do noviciado e o imediato foram repletos de tribulações para o aprendiz entre duas idades. A tensão e o tédio chegaram, quando o prior Guéranger teve de ausentar-se da abadia para ir a Paris e, depois, a Roma, no intuito de obter a aprovação das constituições da sua congregação. A sua ausência de nove meses foi verdadeira agonia para Courveille, que tinha tanta necessidade do conselho e do apoio do fundador da abadia. A carta de Courveille, escrita quando ele era ainda noviço, manifesta a sua dependência do prior Guéranger e, de igual modo, a sua extrema sensibilidade. “Não saberia expressar-vos quanto a vossa ausência me é penosa e quanta inquietação ela lança no meu interior. Ainda assim, uma palavra vossa restabelecerá a paz na minha alma. Atualmente estou todo desconcertado. Parece que o demônio disso se prevalece para conseguir que me desempenhe muito mal do meu dever. Tomai cuidado para que não vos acidenteis, zelai pela vossa saúde, que nos é tão preciosa, e retornai quanto antes ao meio dos vossos caros filhos, que serão como pobres órfãos na ausência do meu querido pai. Nas vossas orações, não me esqueçais. Como bem sabeis, sou o mais miserável dos vossos filhos e o mais necessitado das vossas preces; mas também sou um dos que mais sinceramente vos amam”.²²⁸

Consoante o modo ligeiramente exagerado de se expressar na França do século XIX, podemos discernir a demasia do sentimento e a falta de estabilidade neste monge entre duas idades. Outra carta, endereçada a Guéranger, por ocasião da sua estada em Paris, no trabalho do segundo volume das “instituições litúrgicas”, contém ainda manifestações de humildade e de apego. Escrita três anos após a de 1837, essa carta traz emoções tão fortes quanto a da missiva precedente. “Parece-me que há um século que partistes do meio dos vossos caros filhos. As horas da vossa ausência me sabem meses, e as semanas são como anos. Omiti cinco jejuns, desde o começo da quaresma. Bem sabeis que, quando este velho estômago se desmonta, cumpre absolutamente dar-lhe alguma coisa. Espero que Deus me ajude a bem jejuar o resto da quaresma. Tudo vai bem na comunidade, afora este covarde

²²⁸ OM 2, doc. 778 § 1-4



*O prior Guéranger,
monge beneditino, abadia
de Solesmes*

e velho pecador, que já não faz nada de alguma valia no que quer que seja”.²²⁹

O alto teor do sentimento que essas cartas manifestam quase inevitavelmente foi seguido de um período de profundo desânimo. A crise parece ter vindo em 1840 e se mostra evidente na carta de Courveille a Guéranger, em 15 de fevereiro de 1841. O abade ainda estava em Paris, desta feita para preparar uma fundação na capital da França. Da carta se depreende que, num esforço para suportar as dúvidas que o assaltavam, Courveille recorreu a um esquema da sua vida passada: viver como eremita, mas nos terrenos monásticos de Solesmes.

Teve licença do seu abade para levar um tipo atenuado de vida de eremita, mas com a obrigação de assistir a certos exercícios comunitários. Foi um período de graças sensíveis, por cerca de um ano; este período terminou no fim de 1842, em crise dolorosa, depois que o bispo Bouvier recusou a Courveille de ficar eremita permanente. A carta ao seu abade, nos primeiros dias de vida eremita, informa o seguinte: “Há doze dias que estou na pequena ermida, com boa e firme resolução de trabalhar ferrosamente na minha santificação para adquirir a perfeição do nosso santo estado, visto que, como devo confessar, até agora ainda não comecei a ser verdadeiro religioso nem bom beneditino. Levei uma vida de túbio, em demasiada busca da minha comodidade e consolo, pretextando enfermidades de que só a morte me livrará”.

Outra coisa, meu bom e terno pai, de que o diabo se serviu para fazer grande estrago na minha pobre alma e que foi causa de que, talvez, tenha penalizado a vossa paternidade, me fez faltar à obediência e à submissão em várias ocasiões, fazendo-me perder quase de todo a confiança que eu depositava na vossa paternidade, nos primeiros anos da minha entrada no mosteiro; tinha-me dado até grande desgosto por esta casa e uma espécie de despeito, visto que o meu amor próprio e o demônio do orgulho, que me dominava, me persuadiam de que vós não tínheis por mim senão desprezo, que vós me consideráveis como um nada, e que, havia tempo, não me tínheis mais falado com aquele coração aberto que predispõe à confiança.

²²⁹ OM 2, doc. 779 § 1-3

Mas Deus, cheio de bondade e de misericórdia, esperava-me na pequena gruta, onde, em verdade, o meu corpo tem moradia muito estreita; onde, porém, o Deus de toda a bondade me engrandeceu a alma e iluminou o espírito, para me fazer ver e descobrir as ciladas que o demônio me havia estendido. O bom Deus me colocou no coração tal desejo do desprezo, da abnegação, da vida escondida e ignorada, isto é, o tipo de vida pelo qual, outrora, eu tinha repugnância. Sobretudo, sinto que Deus me concedeu grande amor à perfeita obediência, fazendo renascer em mim aquela confiança primordial que tive na vossa paternidade”.²³⁰

É muito provável que Courveille, que é excessivamente sensível, havia interpretado mal o seu pai e abade. Na segunda metade de 1840, Guéranger tinha o espírito muito ocupado com o segundo volume das “Instituições Litúrgicas”, ademais das profundas inquietações financeiras e da acolhida de numerosos convidados. Assim, não teve por Courveille todo o tempo que este desejava.

É evidente que Courveille segue um caminho de purgatório. Como marinheiro antigo, este outro mágico das palavras, este homem Courveille, cuja presença no Hermitage de Champagnat fora tão desastrosa e perturbadora, poderia admitir singelamente o seguinte: “Fiz uma coisa horrível e isto terminou no horror”.²³¹ Felizmente, pensamos que, como o marinheiro, Courveille “fez penitência e ainda fará penitência”.²³² Novamente, como o marinheiro, esta “alma agoniada”²³³, este Courveille, segundo as vias da Providência divina, terá outra oportunidade de dizer sem orgulho: “Tenho dons de peregrina eloquência”.²³⁴ Sim, a despeito da sua vida de monge beneditino, Courveille estava destinado a influir uma vez mais na história marista. A ocasião para verificá-lo, porém, demanda longa via.

COURVEILLE AINDA EM TORTURA

Da abadia de Solesmes, o homem que vivia uma vida de eremita, nos próprios locais monásticos, escreveu ao seu superior Guéranger, que ainda estava em Paris, preparando uma fundação. A carta revela-nos muita coisa da

²³⁰ OM 2, doc. 780 § 2-4

²³¹ S.T. Coleridge, « The Rime of the Ancient Mariner »

²³² Ibid

²³³ Ibid

²³⁴ Ibid

vida interior de Courveille, do segredo da sua vida de oração, no quinto ano do seu caminho beneditino em direção ao Senhor. “Bom e terno pai, posso dizer-vos que, apesar de todas as minhas misérias e da minha extrema indignidade, o bom Deus, que é tão bom, me fez e continua outorgando-me grandes graças, sobretudo no estado de oração, onde ele se compraz, na sua infinita bondade, há algum tempo. Tenho a firme convicção de que se trata de verdadeira contemplação. Ele mostra-se a mim, nesses preciosos momentos, de maneira tão inefável que não havia sentido ou provado coisa igual. Por outro lado, ele desvela-me toda a minha miséria e me faz ver tão claramente todos os meus pecados, todas as minhas faltas e as minhas inumeráveis imperfeições, que o meu coração fica ferido da mais viva dor. Disso me advém tamanha confusão que, se pudesse, eu me abismaria no centro da terra para me esconder de todas as criaturas, tão disforme me vejo, horrível e abominável. De bom grado e de bom coração daria a minha vida e um milhão de vidas, em tais momentos, para que eu não tivesse ofendido a Deus”.²³⁵

Possuímos diversas cartas desse período que nos informam da crise interior na alma de Courveille, em período em que as consolações espirituais, marcadas pela graça, alternam com estados prolongados de prostração espiritual. Esse período está igualmente assinalado por projetos que indicam que ele não esteve de todo à vontade na vida monástica. No começo, houve a precipitação de deixar Solesmes por outra nova fundação beneditina. Courveille expressou isso em carta de 30 de abril de 1842. Não temos condições de dizer se, no espírito de obediência, ele afirmava simplesmente a sua boa vontade religiosa de ir a qualquer lugar onde o seu prior tivesse necessidade dele, ou se ele estava sendo atraído pela perspectiva de mudança de lugar e de uma vida mais ativa. Em seguida, veio-lhe a idéia de comprometer-se por inteiro na vida de eremita, projeto que lhe foi interdito pelo bispo local.

Um intervalo de cinco anos, nos arquivos de Solesmes, impede que o nosso estudo diga como essas crises foram resolvidas, mas foram resolvidas. Durante esses cinco anos, um missionário apostólico apresentou um relatório ao Pe. Mayet, dando a conhecer a existência de Courveille no mundo marista, preparando o terreno para a grande revelação recebida nos anos passados, visto que fora efetivamente Courveille quem iniciara a Sociedade de Maria. Os Irmãos na França ficaram consternados. Quando, mais tarde, tornamos a encontrar Courveille e a sua alma perturbada, pensamos que a

²³⁵ OM 2, doc. 789 § 2

sua situação mudou muito, e para melhor. Esse período de 1847-1852 foi sinistro para o prior Guéranger, mas para Courveille foi, para assim dizer, a sua hora mais feliz.

COURVEILLE DESOBRIGADO

O revés do projeto de Guéranger em Paris deixou o mosteiro de Solesmes em situação financeira crítica. A comissão criada para auxiliar os monges estipulou que era necessário buscar uma ajuda financeira e que os religiosos em condições de saúde deveriam participar nisso. Desse modo, os monges foram convidados a participar nas atividades de mobilização de fundos ou procurar no ministério público algum meio de fazer caixa para o mosteiro ameaçado. Courveille ofereceu-se para ajudar e, pelo menos de tempo em tempo, foi pregar nas paróquias vizinhas. Era formidável ganho inesperado, porque essa tarefa lhe reanimava a confiança em si; a mudança de vida monástica, efetivada por obediência, acalmava a sua alma agitada, conferindo-lhe um desejo ardente pela vida regular estável, depois de períodos no meio paroquial.

De 1847 a 1852 e talvez mais além, Courveille, apesar da sua idade, foi ao Maine-et-Loire, pregar missões, retiros e jubileus, pelo menos do outono à Páscoa. Temos informação precisa no concernente à sua presença na preparação de uma celebração de jubileu em Etriché, em 1847; à sua pregação em Morannes em 1848; em outras ações espirituais de renovação em maio do mesmo ano; uma viagem provável a Puy, em julho de 1851; um jubileu em Brigné, em dezembro de 1851; uma missão em Chavagnes; finalmente pregações em Angers. Eis as ações de que temos informes precisos. Para depois de 1852, não temos indicações do seu ministério. É durante esse período que o Pe. Mayet tem contato com ele, obtendo de Courveille a história das origens da Sociedade de Maria.

O animador de outrora não havia perdido a sua competência no púlpito. Restabelecido o velho entusiasmo, o fervor e a convicção se adivinhavam no seu comportamento, ao passo que nele a magia das palavras podia ainda enfeitiçar. As cartas dos párocos testemunham o excelente impacto de Courveille nas paróquias.

O Pe. Homeau, em paróquia a trinta quilômetros de Solesmes, ficou muito impressionado. Em carta de agradecimento a Guéranger, declarava: “Não posso conter em mim os sentimentos de alegria e de reconhecimento que

superabundam no meu coração. Tenho necessidade imperiosa de me expandir, relatando-vos as boas coisas que o jubileu fez na minha paróquia, graças à vossa extrema gentileza e ao zelo do reverendo sacerdote Courville. E certamente vós conheceis Courville melhor que ninguém. Assim, não tereis dificuldade em crê-lo. Com efeito, ademais das suas eminentes virtudes, ele tem elevado talento para o púlpito. Ele expõe instruções sólidas e bem sequenciadas, com a arte de colocá-las ao alcance de todos - um fundo inesgotável para a pregação”.



*A abadia de Solesmes
no tempo de Guéranger*

Os sermões dele são dignos de uma catedral, a sua voz é magnífica, a sua naturalidade é excelente, visto que a eloquência parte do fundo do coração. O seu tom paternal tem tudo para conciliar a atenção, convencer, tocar e persuadir. No confessional, orienta o segredo dos corações e das consciências. Em suma, sem lisonja, eu não penso ser possível dirigir melhor, tanto o jubileu quanto o retiro ou a missão”.²³⁶

Sabendo alguma ou não pouca coisa da carreira tumultuada de Courville, prudentemente podemos perguntar-nos se de fato Guéranger “não teria nenhuma dificuldade em acreditar isso”.

Não fica nenhuma dúvida acerca do entusiasmo de Homeau no concernente ao impacto que Courville logrou na paróquia. O mesmo Homeau parece igualmente um observador judicioso dos homens. A carta prossegue assim: “Courville se comportou sempre bem na sua estada em Etriché, apesar dos seus grandes trabalhos. Sou levado a crer, digo, estou convencido de que atividades semelhantes, tomadas de tempo em tempo fora do mosteiro, seriam muito salutares para a sua saúde e lhe prolongariam a vida”.²³⁷ O sucesso da pregação de Courville, em Etriché, não era evento isolado, como também não foi a única carta elogiosa recebida por Guéranger. Uma segunda missiva, esta de Terrien, pároco de Chavagnes, confirma a nossa imagem do Courville recomposto e revitalizado.

Bendigo a divina Providência, que conduziu à minha paróquia o reverendo sacerdote Courville, provindo da vossa abadia de Solesmes. Ele sacrificou de boa-mente, na evangelização dos meus pobres paroquianos, os

²³⁶ OM 2, doc. 787 § 1, 4-5

²³⁷ Ibid §. 7

poucos dias livres de que teria tido necessidade urgente, para descansar dos seus trabalhos. Não sei como expressar os meus cordiais sentimentos de veneração e de estima que me inspiraram as virtudes dele como religioso; o seu zelo admirável pela salvação das almas como sacerdote, e o seu acrisolado talento como pregador. Ademais, ele obteve sucesso completo na minha paróquia. Os negócios políticos e as dificuldades de construir a nova igreja haviam afastado muitos homens. Numa população de 1.190 habitantes, houve mais de 800 pessoas que comungaram. Grande foi a minha alegria, como podeis imaginá-lo, reverendo pai, e sou feliz de fazer-vos participar dela. Rogo-vos que recomendeis ao nosso divino Salvador as almas que o reverendo Courveille conclamou ao cumprimento dos seus deveres, a fim de que elas perseverem nas boas resoluções que ele lhes inspirou. Recomendo-me igualmente às vossas orações. Tenho a honra de ser, com o mais profundo respeito, reverendo pai, o vosso humilde e obediente servidor.

A. Terrien, padre de Chavagnes.²³⁸

As saídas de Courveille do mosteiro continuavam a conhecer o sucesso; mas o seu abade cuidava da situação, para que ele passasse tempo suficiente em recolhimento e com a comunidade.

UMA VOZ DO PASSADO

No fim da sua vida, Courveille tomou algum contato sóbrio com a Sociedade de Maria. Em nota de fim de carta a um outro beneditino, Guéranger nos informa da partida de Courveille para a diocese de Puy. Não se sabe se essa viagem foi efetuada, nem se Courveille chegou a passar por Puy e subiu à catedral, onde ele havia recebido, quarenta anos antes, a idéia da Sociedade de Maria. Mesmo assim, podemos razoavelmente supor que Courveille visitou a diocese e a catedral, em que tudo começou. A carta de Guéranger é de 19 de junho de 1851; por ela sabemos que Courveille tinha negócios de família para regularizar e que, na sua situação particular, estava encarregado de coletar fundos para o mosteiro. A última frase de Guéranger é significativa: “Nunca retornou ao mosteiro de mãos vazias, mesmo depois das suas mais curtas missões”.²³⁹ Não estamos de todo seguros de que

²³⁸ OM 2, doc. 790 § 1-2

²³⁹ OM 2, doc. 789 § 1

a referência da frase do abade se relacione a riquezas celestes ou terrestres, ou a ambas.

Se Courveille fez tal viagem a Puy e visitou a catedral, pareceria que o Senhor ou Maria quis intervir de maneira particular nos negócios maristas. Pouco depois da partida para Puy, chegou uma carta para Courveille que vinha do mundo de que ele havia sido excluído, o mundo da Sociedade de Maria. A carta vinha do Pe. Mayet, este infatigável caçador dos assuntos concernentes à Sociedade de Maria. Em 1846, Mayet descobriu que, contrariamente ao que se acreditava na Sociedade de Maria, Courveille não havia morrido. Cinco anos mais tarde, ele encontrou o tempo e a ocasião favorável para continuar as suas pesquisas junto a Courveille, sem que este soubesse a verdadeira identidade do inquiridor. A resposta que Mayet recebeu a suas perguntas e indagações mostrou claramente que Courveille, independentemente da sua visita à catedral de Puy, estava de fato nas origens da Sociedade de Maria. Mais tarde, as pesquisas de Mayet foram recompensadas por um longo relato das origens, uma das principais passagens sendo aquela em que Courveille reivindica altivamente ser o iniciador do Movimento Marista.



O Pe. Mayet, padre marista e cronista dos fatos maristas

Cumprer notor que a resposta de Courveille a Mayet foi feita, quando ele pregava nas paróquias com notável sucesso. Estava à altura da sua competência, como sabemos pelas cartas dos párocos para os quais ele dirigia missões. Assim, as respostas a Mayet são de um homem cujas faculdades mentais estavam completamente intactas, longe de certa demência atribuída a Courveille, nos últimos anos da sua vida. A proclamação do velho beneditino, que afirma ser o iniciador do movimento dos maristas, ressoa claramente. “Ele ouviu não com as orelhas do corpo mas com o ouvido do coração”,²⁴⁰ uma voz interior. Ela dizia que a Santíssima Virgem queria que uma Sociedade de Maria lhe fosse consagrada. Ele duvidou, mas “interiormente” parecia-lhe que Nossa Senhora lhe fazia censuras por causa das suas hesitações.²⁴¹ Ela então lhe pediu que consultasse os seus diretores espirituais. O que é notável em tudo isso é que esse Courveille, mais de vinte anos após

²⁴⁰ OM 2, doc. 718 § 5

²⁴¹ OM 2, doc. 718 § 10

a sua rejeição final pela sociedade que o acreditava morto, foi redescoberto; era após o seu retorno de Puy, quando foi convidado a desvelar a sua história. Deve ter sido grande consolo para Courveille falar da Sociedade de Maria. É evidente que ele guardou a Sociedade no espírito, segundo os dizeres de um sacerdote que teve contato com Mayet. “Esse missionário me disse que o Pe. Courveille procede com muita piedade e edificação, que ele se santifica na solidão. Ele disse ao missionário que a sua felicidade era rezar pela Sociedade de Maria e que a Sociedade está sem cessar presente ao seu olhar”.²⁴² Escrevendo em 1869 ao Pe. Fabre, superior geral dos maristas, Guéranger acrescenta esta reflexão: “A impressão que me ficou é uma impressão de estima e de respeito que ele tinha pela Sociedade de Maria”.²⁴³ Evidentemente havia em Courveille magnanimidade de coração.

O PROBLEMA DO FUNDADOR

O mundo marista por certo ficou embaraçado, quando as notícias da existência de Courveille se difundiram na região. Os membros mais jovens nunca tinham ouvido falar dele. Alguns contemporâneos que o haviam conhecido ou que haviam ouvido falar dele acreditavam que ele tinha falecido, ou preferiram calar-se. Jean-Claude Colin, primeiro superior geral da Sociedade de Maria, tinha muitos motivos para não evocar o nome de Courveille. Não somente havia o escândalo de 1826 e a probabilidade de faltas morais posteriores da mesma natureza por parte de Courveille. Havia igualmente a convicção de Colin de que Courveille não havia exercido papel importante nos esforços para estabelecer a Sociedade. A sua carta de reprimenda implícita a Courveille - após a entrevista de Colin com o arcebispo de Pins, arquidiocese de que Colin não era membro - é boa indicação da atitude de Colin.

Naturalmente pesquisas foram feitas e respostas foram registradas. Por volta de 1851, ano em que Mayet teve a resposta de Courveille acerca da fundação da Sociedade, Jean-Claude Colin se aproximava do fim do seu mandato de Superior Geral: muito mais tarde, interrogado sobre Courveille, Colin se achava em posição desfavorável, em parte porque havia destruído a correspondência que havia estado à sua disposição. Cumpre levar em con-

²⁴² OM 2, doc. 627 § 4-5

²⁴³ OM 3, doc. 818 § 2

ta também, além da idade avançada, a ansiedade devida aos anos de luta, o enfraquecimento da memória e a sua convicção de que Courveille fora mais obstáculo que fundador. Talvez seja necessário também considerar as perguntas imprecisas dos interrogadores nos pontos particulares que teriam levado às afirmações de Colin que constam a seguir.

Nas notas do Pe. Jéantin de 1869-1870, encontramos palavras atribuídas a Colin do seguinte teor: « Em 1815 e 1816, Courveille passou por seminarista piedoso. Na sua linguagem misteriosa, deixava facilmente entender que tinha recebido comunicações celestes. Ele foi o primeiro que, nesses anos, manifestou o projeto de uma sociedade religiosa de Maria. Dizemos *manifestou*, visto que outros, sem manifestá-lo, se preocuparam interiormente do mesmo projeto”.²⁴⁴ Jéantin se reporta ainda ao tema da última escolha das congregações. “Quantas vezes eu quis consagrar-me a este projeto e depois a esse outro”. No seminário havia a brochura “pensamentos piedosos” do Pe. Bochard, com o seu projeto sacerdotal. Havia igualmente os lazaristas, os sulpicianos e os jesuítas. Estes últimos haviam sido restaurados em 1814. “Mas, desde que Courveille manifestou a idéia de uma Sociedade de Maria, pensei comigo: Eis o que te serve.²⁴⁵ Eu nunca teria tido a coragem de formular esta idéia. Mais tarde, quando a coisa foi conhecida, pude dela ocupar-me sem ter o ar de ser o seu criador”.²⁴⁶ Colin pretendeu até mesmo ter feito os preparativos anteriores para a congregação da sua escolha: “Sim, sim, antes de entrar no seminário maior lionês, eu tinha até mesmo redigido um pequeno projeto”.²⁴⁷

Jéantin igualmente recebeu de Colin esta resposta: “Courveille teve a honra de ser o primeiro, em 1815 e 1816, que manifestou a sua idéia exteriormente; onze ou doze seminaristas do seminário maior de Lião uniram-se a ele para trabalhar de concerto na obra.²⁴⁸ Courveille e os seus jovens associados, ordenados sacerdotes no fim do ano escolar de 1816, e dispersados no ministério paroquial, esqueceram, a pouco e pouco, o seu projeto, afora dois: o Pe. Champagnat que, colocado como vigário de La Valla, se empregou de imediato a formar o ramo dos Irmãos do ensino, e o padre de uma paróquia de Ain que, interiormente cheio de viva confiança, equivalente a uma espécie de certeza de que o projeto vinha de Deus e que ele se realizaria em prazo mais longo, aproveitou dos momentos livres para pre-

²⁴⁴ OM 3, doc. 818 § 2

²⁴⁵ OM 3, doc. 819 § 5,6

²⁴⁶ OM 3, doc. 819 § 8

²⁴⁷ OM 3, doc. 819 § 7

²⁴⁸ OM 3, doc. 815 § 1

parar o seu sucesso, escrevendo os primeiros pensamentos, que deviam servir de base às Constituições”.²⁴⁹ O Pe. Colin afasta a idéia de que Courveille houvesse feito alguma coisa para a realização do projeto; tudo o que ele fez foi fazer publicidade no seminário.²⁵⁰ “Courveille não teve nenhum outro mérito na obra da Sociedade de Maria, exceto aquele de manifestá-la em 1815. O outro, sem manifestá-la, tinha a mesma idéia da obra”.²⁵¹

Verifica-se, desde o começo, que Colin teve dúvidas sobre a capacidade de Courveille. Ouvimo-lo do Pe. Mayet: “Em 1815 e 1816, apeguei-me à idéia da Sociedade, mas não ao Pe. Courveille. Além disso, Courveille não tomou nenhuma parte nas medidas que foram empreendidas com a administração da diocese de Lião, com o arcebispo de Chambéry, D. Bigex, com a Santa Sé e, em Paris, com o núncio. Se o seu nome aparece, algumas vezes, nas nossas cartas, a prudência parecia exigi-lo, porquanto a obra parecia então ser conhecida sob o seu nome”.²⁵² Em consequência das cartas, retornamos a Jéantim: “Estimávamos prudente colocar o seu nome nesta carta e em algumas outras oficiais escritas atualmente, porque ele passava por ser o primeiro instigador desta obra”.²⁵³ O Pe. Détours, outro pesquisador, recebeu esta resposta de um dos primeiros maristas, o Pe. Déclas: “Em Saint Irénée, foram ao jovem Colin. Este disse a Courveille: Por que você brinca de superior? Espere a ser eleito”.²⁵⁴ Colin tinha razão. Courveille não havia sido eleito, mas até aí ninguém outro, tampouco; mas é evidente que, nos dez primeiros anos, ele foi considerado sempre como chefe, mas não completamente, provavelmente porque ele mesmo acreditava nisso. Ademais, o inspetor Guillard não era o único que tinha a impressão de que Courveille era o que tinha a autoridade sobre todos os projetos maristas. Uma parte dos maristas o considerava igualmente como Superior Geral; por exemplo, Champagnat, Terrailon, Déclas.

Colin continuou a dizer: “Em todo o tempo, desde a sua partida do seminário até 1824, Courveille nada fez para levar a termo o seu projeto. Champagnat, humilde, não teve nenhuma dificuldade em deixar que ele assumisse o título de Superior geral; recomendou até aos Irmãos que assim o considerassem. O seu governo estúpido, severo e duro, durante a doença de Champagnat, lhe roubou o consenso de todos os Irmãos”.²⁵⁵

²⁴⁹ OM 3, doc. 815 § 1

²⁵⁰ OM 3, doc. 820 § 5,9

²⁵¹ OM 3, doc. 804 § 7

²⁵² OM 3, doc. 804 § 9

²⁵³ OM 3, doc. 820-821 § 4-5

²⁵⁴ OM 3, doc. 870 § 13-14

²⁵⁵ OM 3, doc. 819 § 16, 20, 23

É verdade que Courveille quase arruinou a obra de Champagnat; é certo que, em parte, Courveille nada realizou; mas as Irmãs de Saint-Antoine desmentem a afirmação. Não é objetivamente correto afirmar que ele nada fez. Ele até fez muito, como a tentativa da criação da ordem terceira em Verrières, os Irmãos de Feurs e de Epercieux, as Irmãs de Rive-de-Gier e de Saint Clair e, depois de 1824, os Irmãos e as Irmãs de Saint-Antoine em 1829. Há igualmente o papel que representou, ainda que pouco notado, nas negociações de Roma, juntamente com os dois Colin. Como se citou antes, não sabemos até que ponto os relatos de Colin acerca de Courveille foram influenciados pelos que lhe formularam as perguntas, ou por equívocos da memória; mas eles podem certamente ser colocados em suspeição e contestados. É certo que Courveille representou papel significativo no começo da Sociedade de Maria.

Cumpra igualmente levar em conta os trinta anos de vida de oração de Courveille como beneditino, e os salutares efeitos que teve em numerosas paróquias e em outros meios, quando ele saía do mosteiro a pedido do prior.

Afora a falta moral de l'Hermitage e dos anos de solidão, entre o revés de Saint-Antoine e a sua admissão no mosteiro de Solesmes em 1836, Courveille trabalhou apostolicamente e sem desfalecimento em prol daquilo que acreditava ser a missão que lhe havia confiado Nossa Senhora. Foi o período de 1816 a 1829. A isso seguiu-se o intervalo obscuro em que devem ter aparecido outras faltas morais, embora mais presumíveis que comprovadas, tudo entremeado de esporádicos serviços sacerdotais. Por fim, há os trinta anos de purificação, de emenda e de crescimento espiritual em Solesmes. Não se trata, pois, de uma vida merecedora da execração universal.

“Esquecer e perdoar”, palavras do rei Lear, depois de seu purgatório, por certo se aplicariam bem a Courveille. Estava ele numa situação em que, como Lear, os erros e os mal-entendidos podiam ser esquecidos e perdoados. Isso é evidente, conforme as palavras de um sacerdote que escreveu ao cronista Mayet em 1847: “Eu vi o Pe. Courveille chorar lágrimas quentes, ao falar dos maristas, implorando em favor deles, com o maior fervor da sua alma, todas as bênçãos de Deus. Ele abismava-se em Deus em favor da Sociedade de Maria, em súplice contrição”.²⁵⁶

Respondendo por escrito ao inquérito do Pe. Mayet em 1860, Courveille emite uma declaração transparente acerca da fundação da Sociedade de Maria: “*De mãos crispadas por causa da gota que me atormenta, vejo-me obrigado a recorrer a um dos padres para vos escrever. Posso certificar-vos*

²⁵⁶ OM 2, doc. 656 § 1

e assegurar-vos, agora, que estou à beira do túmulo e na iminência de nele cair, de que tudo o que disse e escrevi acerca da Sociedade de Maria, seja do seu começo, seja da sua formação ou das causas que me levaram a fundá-la, é a pura verdade".²⁵⁷

A declaração de Courveille, proclamando-se o fundador da Sociedade de Maria, como na passagem acima, está fortemente sustentada em documento recentemente descoberto, graças à assiduidade de dois Irmãos franceses. Uma carta endereçada ao bispo Bigex, pelo Pe. Pedro Colin, sublinha o papel inicial de Courveille nos primórdios da Sociedade de Maria. Ele foi realmente o fundador, no sentido de iniciador, de primeiro promotor, de primeiro organizador e administrador. Embora ele não tenha tido sucesso nas duas últimas competências mencionadas, o seu papel de fundador, no sentido de primeiro iniciador, não pode ser contestado.

Inserem-se em seguida as partes significativas da carta descoberta nos arquivos da diocese de Pinerolo, Piemonte, Itália. Elas são tiradas dos "Cadernos Maristas", n°11, p. 6-7.

Nove de outubro de 1819. Carta de Colin, pároco de Cerdon, a Sua Excelência D. Bigex, bispo de Pignerol, Piemonte, Itália.

1819: De Puy em Velay, projeto da Congregação Marista, Cerdon.

"Há doze anos, um jovem, que agora tem 35 anos, que é sacerdote há três anos, depois de ter recebido uma graça especial em Notre Dame de Puy em Velay, sentiu-se chamado a estabelecer uma sociedade de religiosos, sob o nome de Sociedade de Maria. Temendo enganar-se, guardou silêncio durante dois anos; mas, interiormente, ele era chamado, cada vez com mais força, a começar esse trabalho. Ele pensou que devia falar disso ao confessor e a várias outras pessoas prudentes e instruídas. Em conclusão, em 1816, no curso do último ano dos seus estudos teológicos no seminário Saint Irénée, em Lião, com a permissão dos seus diretores, ele escolheu doze membros aos quais comunicou o seu escopo e o plano da Sociedade. Todos se comprometeram a apoiá-lo e empregar o resto das suas vidas para a glória de Deus, para auxiliar a Igreja católica e para a salvação das almas na Sociedade de Maria, caso ele seja aprovado pelo soberano Pontífice e pelos senhores bispos. Antes da separação para irem aos postos que a Providência lhes havia destinado como ministério, porque todos são sacerdotes, eles todos assinam um documento que contém o sumário do fim e do plano da Sociedade".

Segue-se o relato do compromisso de Fourvière. "Desde então, ainda que dispersos, estão todos intimamente unidos, persistindo na sua resolução, es-

²⁵⁷ OM 3, doc. 799 § 4-5

perando somente o momento marcado pela Providência divina e a permissão dos seus superiores eclesiásticos, para pôr a obra em execução. Está nas nossas intenções apresentar-nos à Santa Sé o mais cedo possível. Não esperando fazê-lo de imediato, à vista dos tempos difíceis, tomamos a liberdade de lhe enviar uma carta datada de fevereiro último. Quereríamos também escrever ao cardeal do qual quicá poderíamos obter alguma resposta. Se Vossa Excelência se dignar apreciar as diligências que fazemos, nós lhe rogamos sinceramente que nos indique o cardeal a quem nos poderíamos dirigir. É em nome de todos os meus companheiros que tenho a honra de lhe comunicar os nossos desejos e as nossas intenções, convictos de que sua paternal bondade poderá dirigir os nossos processos com os seus conselhos”.

Tenho a honra de ser, com o mais profundo respeito por Vossa Excelência, o seu humilde e obediente servidor. Colin, pároco de Cerdon, diocese de Lião, departamento de Ain. Em 9 de outubro de 1819”.

É evidente que esta carta há pouco revelada, carta escrita por Pierre Colin, mas, sem dúvida, conhecida do seu irmão Jean-Claude Colin, confirma a proclamação de Courveille no que concerne à Sociedade de Maria e às causas “que me levaram a fundá-la”, na expressão de Jean-Claude Courveille.

ADEUS DO ALBATRÓS

É bom que Guéranger, abade de Courveille, lhe tenha dado a oportunidade de exercer os grandes talentos que possuía de pregar e dar inspiração. É bom também que Courveille tenha sido convidado a desvelar a sua história àqueles que procuravam pormenores sobre as origens da Sociedade de Maria. Como o marinheiro antigo, Courveille poderia dizer: “Enquanto o meu conto não é conhecido, o meu coração não cessa de queimar”.²⁵⁸

A MORTE ESTENDE A SUA MÃO GLACIAL

“Em 25 de setembro de 1866, às 14 horas, Courveille morreu, após longo período de inconsciência. Ele havia recuperado a consciência de manhã, em curto período, no qual ele se confessou ao Pe. Prior. Em 26 de setembro

²⁵⁸ S.T. Coleridge, « The Rime of the Ancient Mariner »

de 1866, houve o enterro de Courveille. É o primeiro monge inumado no novo cemitério²⁵⁹. Agora Courveille jaz em pequeno cemitério, à direita do coro da igreja, em túmulo onde estão recolhidos os restos de todos os monges que morreram entre 1866 e 1895. Courveille viveu até os setenta e nove anos. Os seus últimos anos foram marcados por muitas enfermidades e, como fecho, pelo esquecimento. Desse monge punido seria verídico dizer que, como o velho marinheiro, ele atravessou longo período de punição. Courveille foi aquele que, por longo tempo, experimentou a tortura do ostracismo e da solidão.

Esta alma tem estado
Sozinha sobre um vasto, vasto mar,
Tão só que o próprio Deus
Mal parecia estar lá.²⁶⁰

Ainda assim, Courveille havia dado início a certa empreitada, havia dado inspiração e impulso a uma sociedade que levaria o nome de Maria e faria a sua honra. Talvez possamos ver na aproximação de Courveille a Solesmes os conselhos de Maria, pondo-o em contacto com um guia sólido para as suas turbulências espirituais, morais e psicológicas dos seus últimos anos, na pessoa do excelente abade Guéranger. Seguramente esses primeiros anos de esforço e de fervor no seu nome trouxeram essa resposta de Maria. Depois de trinta anos de vida mortificada, convinha apenas que ela estivesse com ele na morte. Pode bem ser que os seus derradeiros pensamentos coerentes hajam expressado oração similar àquela do marinheiro.

À rainha Maria, louvor seja dado.
Ela enviou do céu o doce sono
Que invadiu a minha alma.²⁶¹

²⁵⁹ OM 3, doc. 809 § 2,3

²⁶⁰ S.T. Coleridge, « The Rime of the Ancient Mariner »

²⁶¹ Segue uma queixa do P. Favre, Superior geral dos padres maristas, observando que, Courveille estando vivo, era totalmente anormal registrar seu erro tão flagrante. O Ir. Jean-Baptiste, em uma segunda edição de « La Vie », modificou sua maneira de apresentar a falta de Courveille.

Apêndice A

O Irmão João Batista, retratista do Pe. Courveille, e a carta de Aiguebelle

O Irmão João Batista tem pouco que dizer da carta de Aiguebelle, mas as suas palavras sobre Courveille, antes de tratar da carta, mostram que seria lamentável não se concentrar a sua atenção no que Courveille escreveu de Aiguebelle. Vejamos a substância e o teor das suas observações, antes do episódio da carta. O retrato seguinte de Courveille, que está longe de ser lisonjeiro, é retirado da “Vida”. (P. 134-137 da edição francesa).

“Courveille ficou profundamente ferido nisto que, apesar do seu título de superior geral, título nunca contestado em l’Hermitage, os Irmãos o ignoravam e recorriam constantemente ao Pe. Champagnat. Ele concebeu, pois, o plano da sua nomeação na qualidade de diretor especial e exclusivo dos Irmãos. Antes de empreender qualquer coisa, tentou ganhar a confiança dos Irmãos e de ganhar a sua fidelidade, utilizando todas as estratégias possíveis. Quando o voto se pronunciou primordialmente em favor de Champagnat, Courveille lhe disse com sentimento que não conseguiu esconder: Dir-se-ia que eles combinaram votar em Vossa Reverendíssima”.

Champagnat pediu um segundo escrutínio e falou aos Irmãos. “Creio que os padres Courveille e Terraillon são mais capazes do que eu para os dirigir e formar. Eles não estiveram implicados no trabalho manual; como dedicaram todo o seu tempo à oração e ao estudo da religião, eles possuem conhecimentos desses temas que eu não tenho. Naturalmente não tenho nenhuma intenção de abandoná-los, mas vocês vêem que os negócios temporais absorvem muito do meu tempo e que, apesar da minha boa vontade, não posso fazer por vocês tudo aquilo que eu querería. Assim, seria necessário dar a algum outro a tarefa de instruí-los e formá-los à piedade”. O se-

gundo escrutínio chegou ao mesmo resultado. Os Irmãos queriam Champagnat e nenhum outro.

Um comentador sugeriu que as palavras de Champagnat sobre a função de Courveille e Terraillon poderiam significar que poderia ter havido um entendimento entre os três sacerdotes, para assegurar os diferentes papéis em l'Hermitage. Courveille e Terraillon assegurariam a formação e as visitas, enquanto Champagnat administraria os negócios temporais, em que havia mostrado competência particular. Mas a expressão “não tenho a intenção de abandoná-los” indica que Champagnat queria controlar a formação e a instrução dos Irmãos.

O Irmão João Batista continua: “No seu retorno a l'Hermitage, Champagnat teve de suportar outras provas, por parte de Courveille. Este, que havia ficado muito mortificado pela preferência demonstrada para com Marcelino, na eleição ocorrida nas férias, valeu-se da ausência de Marcelino em l'Hermitage para mostrar aos Irmãos quanto ficara contrariado. Aos que estavam nas escolas chegou a escrever cartas repletas de amargas censuras, pelo fato de eles continuarem a recorrer ao Pe. Champagnat e o considerarem como o seu superior. Proclamou que tal procedimento era verdadeiro insulto, falta de respeito e de confiança, que atrairiam certamente a maldição de Deus sobre o Instituto. O Pe. Champagnat não escapou dos seus ataques. Tudo o que ele fazia era criticado ».

Segundo Courveille, os Irmãos eram mal dirigidos, os noviços não eram suficientemente disciplinados, não eram convenientemente instruídos e não tinham formação satisfatória para a piedade. A disciplina da casa não era suficientemente severa, nem monástica bastante. Os negócios materiais eram negligenciados e o dinheiro malbaratado. Em suma, ele pensava que Champagnat era mau administrador e lhe retirou a função de tesoureiro. Entretanto, nas suas mãos, as finanças não melhoravam. De fato, a bolsa estava geralmente vazia. Aí Courveille transformou o seu mau humor em ataques amargos contra Champagnat. Desse modo, na função financeira e administrativa, que ele realmente não queria, já que se interessava mais na formação e nas visitas, Courveille tornou-se cada vez mais descontente. Tendo muito tempo, escreveu cartas de censura aos Irmãos. A sua relativa falta de ocupação pode ter representado o seu papel na sua falta moral.

Quanto ao exercício de sólidas relações humanas, o primeiro biógrafo de Champagnat não hesita em comparar o desempenho de Courveille com o de Champagnat. “Alguns dias depois, um postulante pediu a sua admissão na comunidade e foi conduzido ao quarto de Marcelino. Courveille, que estava aí, apresentou-lhe um programa detalhado e exigente, um quadro tão

assustador da vida religiosa que o jovem, descoroçoado por aquilo que acabava de ouvir, estava para ir embora. Champagnat não disse nenhuma palavra durante a conversa, mas observava atentamente o postulante. Pouco depois, ouvindo as palavras de Champagnat, o postulante sentiu desaparecer o seu medo; o seu coração transbordava de alegria e de coragem. Sim, respondeu ele, eu virei, pode contar comigo”.

Em outra passagem importante da vida de Champagnat, passagem que trata da carta de Aiguebelle, João Batista mostra pouca simpatia por Courveille. “A justiça divina interveio para vingar a perseguição do inocente e para colocar um fim às muitas contrariedades que foram postas no caminho de Champagnat. Courveille, que encarou tudo com olhar azedo, que se queixava da falta de piedade e de regularidade na casa, e que acreditou que os Irmãos e os noviços não eram suficientemente aplicados na via da perfeição, caiu em sérias faltas. Atraiu sobre a sua cabeça este julgamento terrível de nosso divino Salvador. *Se alguém escandaliza um desses pequeninos, melhor fora que lhe amarrassem ao pescoço uma mó de moinho e o precipitassem no fundo do mar.* Depois dessa falta vergonhosa, recolheu-se à Trapa de Aiguebelle, para apaziguar a consciência. Ainda assim, longe de lhe abrir os olhos sobre a profundidade em que o seu orgulho o havia atirado, persistiu na loucura de ser o único superior. Escreveu uma carta, queixando-se de que se lhe negava o respeito que lhe era devido, e terminava afirmando que retornaria a l’Hermitage, com a única condição de que, sob promessa formal, ele exerceria toda a autoridade daí pra frente e que o tratassem como Superior”.²⁶²

Se o Irmão João Batista houvesse sido mais independente e menos apaixonado contra Courveille, teria podido dar outra interpretação à carta de Aiguebelle, como foi feito em outro estudo da carta.

Nova perspectiva sobre Courveille, que resulta da carta de Aiguebelle

Novo estudo, feito pelo Irmão André Lanfrey, publicado nos números 7 e 11 dos “Cadernos Maristas”, fornece um ponto de vista sobre a questão da carta de Aiguebelle que não aparece na biografia do Irmão João Batista e que lança uma luz diferente nesse período essencial da história marista e sobre a pessoa de Courveille. O estudo sugere que as interpretações de João

²⁶² OM 2, doc. 750 § 11

Batista visavam a denegrir o caráter de Courveille, a fim de fazer aparecer mais claramente Champagnat como fundador único dos Irmãos Maristas e mesmo como superior legítimo desde o começo. Por outra via, fornece uma interpretação que permite visão mais favorável de Courveille.

O aspecto que o Irmão Lanfrey propõe à nossa consideração, quanto à carta de Aiguebelle, é o grau estrito de espiritualidade religiosa que Courveille esperava dos maristas. Courveille foi fortemente influenciado pelos escritos e pelas idéias de Armond-Jean Rancé, abade de reforma beneditina do século XVII. Courveille viu-se, provavelmente, como novo Rancé, chamado a restabelecer a estrita observância numa casa que ele considerava não suficientemente regular. Na carta de Aiguebelle há passagens que parecem inspiradas nas cartas de Rancé. É evidente também que Courveille havia lido “a escala santa”, caminho de perfeição que começou com são João Clímaco, um dos primeiros monges orientais. Não há nenhuma dúvida de que a carta de Courveille aos seus companheiros de l’Hermitage foi cuidadosamente trabalhada. Não há dúvida, ademais, de que ele considera uma estrita espiritualidade monástica e o papel do abade como o segredo da santidade e da sobrevivência de uma ordem religiosa.

O Irmão Lanfrey esclarece que, na carta, Courveille escreveu a todos os que estavam em l’Hermitage, compreendendo os Irmãos. Assim, o relato atingia todos os Irmãos Maristas. Depois de haver fixado as qualidades da vida religiosa que ele viu nos monges de Aiguebelle, comparou Aiguebelle com l’Hermitage nesses pontos. Então dá recomendações acerca do novo superior de l’Hermitage. Se Courveille não deve ser readmitido, readmissão por ele muito almejada, então preconiza que o novo superior deve ter poder absoluto, porque está no lugar de Nosso Senhor e de Nossa Senhora.

O Irmão João Batista ignora as referências de Courveille à carta de são Paulo aos Romanos, em que se faz menção da “pedra de escândalo”. A implicação de Courveille é que os judeus se escandalizavam de Jesus; assim, a Sociedade de Maria se escandaliza de Courveille. Era ele, Courveille, que havia recebido uma revelação; ele não pode conceber uma Sociedade de Maria outra que não aquela de que ele determinou a natureza. Pede então que o novo superior, se Courveille não for restabelecido, esteja repleto do espírito de Deus e não se afaste de nenhuma maneira do fim do Instituto e das verdadeiras intenções de Maria que, espero, há de fazer com que ele as conheça”.

Courveille, desse modo, não foi infiel, mas é a Sociedade de Maria que foi infiel. Se ele deve retirar-se da Sociedade, espera que, cedo ou tarde, a

Sociedade retornará às práticas que ele lhe traçou desde o começo; o superior vai receber a mesma revelação que ele. Se ele não mais retorna aos maristas, poderá unir-se às forças do Israel fiel, que é a Trapa, com os homens que não se desviaram do seu escopo original. Com efeito, Courveille indica que, dado que ele deu a inspiração original à formação da Sociedade de Maria, os seus membros, que abandonaram o verdadeiro caminho, devem aderir aos princípios, às práticas religiosas e ao estilo de formação que emanam dele. Se ele é rejeitado, ele reza para que o novo superior receba uma inspiração semelhante à sua.

Em razão dessa interpretação, a análise da carta feita pelo Irmão João Batista não dá nenhum peso ao fato de que Courveille reconhece generosamente a possibilidade de outro superior ocupar o seu lugar. O Irmão João Batista também não aprecia a partida voluntária de Courveille, gesto generoso de um homem para o qual a Sociedade era tudo. Os demais maristas teriam tido dificuldade em destituí-lo, visto que alguns deles, pelo menos, o reconheciam como superior, e ninguém no grupo dos maristas de Lião tinha o poder de destituí-lo. Por outro lado, como Terraillon o faz notar, Courveille “tinha reputação de santo²⁶³ nas redondezas”; teria sido duro para os maristas de Lião rejeitar o homem considerado como chefe. O Irmão João Batista preferiu não reconhecer nenhuma motivação espiritual, no fato de Courveille oferecer a sua demissão voluntária; tampouco vê nisso algum gesto de magnanimidade.

De novo, o Irmão João Batista não leva em conta a preocupação comovedora de Courveille pelo bem-estar da Sociedade, nestes termos: “Ouso assegurar-vos que nunca a perderei de vista e que ela será muito cara para mim. Na sua boa-vontade, está disposto a “ser anátema”, se necessário. Courveille, assim, declara que ele se submete à vontade divina para a maior glória de Deus, mas vai continuar a viver em prol da Sociedade e rogar por ela. E sabemos que o fez. Certo sacerdote, em visita a Courveille, cerca de quarenta anos depois, assevera: “Vi o Padre Courveille chorar quentes lágrimas, ao falar dos maristas, implorando sobre eles, com a maior efusão do coração, todas as bênçãos de Deus. Ele se imola a Deus pela Sociedade de Maria, na oração e no arrependimento”.²⁶⁴

É possível que, na saída, Champagnat e Colin não estivessem bem a par da gravidade da falta moral de Courveille, pelo que a decisão de aceitar a demissão deste último foi tomada com base numa questão fundamental, is-

²⁶³ OM 2, doc. 750 § 11

²⁶⁴ OM 2, doc. 656 § 1

to é, sobre a incapacidade de Courveille dirigir a Sociedade de Maria de Lião. A persistência de Terrailon em convencer Champagnat e Colin para que aceitassem a demissão de Courveille ia significar o fim de uma severa direção monástica, que o visionário Courveille defendia. Casualmente, a Sociedade de Maria de Lião devia renascer sobre estaqueamento que, progressivamente, seria desembaraçado de uma estrutura monástica por demais pesada. Havia outro fator na aceitação da demissão de Courveille: a rejeição do plano de Courveille para a Sociedade, plano que era excessivamente utópico e por demais dependente de uma concepção pessoal, para ser solidamente fundado.

A preocupação de desembaraçar os Irmãos dos procedimentos monásticos, demasiado estreitos, foi igualmente influenciada pelo arcebispo de Pins. Na sua arquidiocese é que os maiores esforços apostólicos de Champagnat se desenrolaram. De Pins estava interessado numa congregação de Irmãos, não por uma ordem monástica pura e simples. Ainda assim, é interessante notar que a prática da fabricação de pregos, em La Valla, o cultivo das hortas nos primeiros estabelecimentos dos Irmãos, e o espírito geral de abnegação dos Irmãos, tudo indica uma tendência monástica na congregação. Mesmo o nome de l'Hermitage, provavelmente sugerido por Courveille, é outra indicação da tendência monástica.

Enfim, nesse assunto, pode-se dizer que a ação de Terrailon, ao provocar a aceitação da demissão de Courveille, robusteceu a posição de Champagnat como fundador único, aligeirado das interferências demasiado zelosas de Courveille. A leitura da célebre carta de Aiguebelle enseja, assim, outras interpretações, além daquela por demais parcial, escolhida pelo Irmão João Batista.

Averbando a conclusão

Quase no fim da sua carreira gloriosa, pronunciou Othello palavras que seriam apropriadas ao caso de Courveille. “Ainda uma ou duas palavras, antes de partires. Fiz pelo Estado certo serviço que eles desconhecem”.²⁶⁵ Como Othello, Courveille “havia feito o seu serviço”, serviço em prol da Sociedade de Maria. A narrativa da saída de Courveille da cena marista, nos termos do Irmão João Batista, denota pouca compaixão. Nenhuma menção se faz do fato de que Courveille havia passado dez anos, de 1816 a 1826,

²⁶⁵ W. Shakespeare, Othello, Acte V, Scène 2

procurando estabelecer a Sociedade de Maria e que ele tinha tentado pôr em marcha, com evidente insucesso certamente, todos os ramos da Sociedade, nos diversos lugares a que era enviado por uma administração arquidiocesana antipática.

É irônico saber que o Irmão João Batista vinha recolhendo as suas notas e preparando o esboço da sua biografia de Champagnat, que inclui o molesto relato de Courveille, contestado pelo Pe. Favre, no tempo mesmo em que Courveille era enviado às paróquias como pregador de missões e retiros, quando a qualidade da sua ação subiu de ponto, na palavra documentada dos párocos que o chamavam e pediam. Naturalmente o Irmão João Batista, como muitos outros maristas, provavelmente pensou que Courveille estava morto; mas isso ilustra a falta de interesse e de atenção que tantos maristas mostraram pelo antigo companheiro em Cristo. Champagnat é exceção. Veja-se este esboço de carta: “Muito apreciaria que você viesse ou que indicasse o lugar do nosso encontro”.²⁶⁶

Pode-se perguntar se a brutal demissão de Courveille, com a sua rejeição e com a falta de interesse pelo seu bem-estar não contribuíram para a triste vida que ele levou de 1829 a 1836, quando uma solicitação inspirada lhe abriu o caminho da eventual paz, no mosteiro beneditino de Solesmes. O abade Guéranger, respondendo a uma indagação do Pe. Favre em 1869, fazia referência aos seus últimos anos e às palavras que ele pronunciava sobre a Sociedade de Maria. Guéranger declarava que a impressão que guardara no concernente à atitude de Courveille para com a Sociedade de Maria era de estima e de respeito. Possam essas palavras em louvor da Sociedade de Maria permanecer como lembrança da nobreza do coração de Courveille, superior dela destituído.

²⁶⁶ OM 1, doc. 163

O bom Champagnat e a “Família” de Pins

**Nos documentos De Pins, caixa II, cordel Allibert,
carta que se refere à morte de Champagnat.**

Ir. André LANFREY, fms

<p>A « Mgr l’archevêque d’Amasie administrateur du diocèse de Lyon</p> <p>A la Grande Chartreuse, par Voiron, Isère ».</p>	<p>À Sua Excelência o Arcebispo de Amasie, administrador da diocese de Lyon</p> <p>Na Grande Chartreuse, por Voiron, Isère.</p>
<p>N° 16 Lyon 10 juin 1840</p>	<p>N° 16 Lyon, 10 de junho de 1840.</p>
<p>Monseigneur</p> <p>M. Mondésert vous a écrit hier, je n’ai donc pas à vous en parler.</p>	<p>Excelência,</p> <p>O Sr. Mondésert²⁶⁷ lhe escreveu ontem, pelo que não me cabe falar a respeito.</p>
<p>Voici le rescrit pour la bénédiction des chapelets, crucifix, médailles, et pour l’autel privilégié quotidien : le St Père l’a fait expédier de la manière la plus ample, et par une faveur marquée.</p>	<p>Eis aqui o rescrito para a bênção dos terços, crucifixos, medalhas e para o altar privilegiado cotidiano: o Santo Padre fê-lo expedir de modo amplo, e por um favor especial.</p>

²⁶⁷ Cordel ou maço de papéis, nos Documentos de Pins, II/1

Je vis hier Mme de la Barmondière; je lui lus votre billet, elle me dit combien elle y était sensible, combien elle vous en remercioit, mais qu'elle ne méritoit pas les éloges que vous lui donniez. Elle me chargea d'y ajouter l'hommage de son respect. De là j'allai par le jardin chez la Mère Geoffroy qui m'a parlé de vous avec cette effusion que vous lui connoissez et me fit promettre de vous renouveler le témoignage de son dévouement et de son admiration pour la paix dont je l'assurais que vous jouissiez. Vous rendre mon émotion dans ces deux entrevues, surtout quand je vis Madame la comtesse si expansive sur ses sentiments pour vous, et si gracieuse dans son accueil, seroit chose impossible. J'en étais au comble de la joie et je ne m'aperçus point de sa maladie. Il fallut lui promettre un quart d'heure d'entretien tous les 15 jours, je le fis avec empressement, et sans s'être entendus, la Mère Geoffroy me fit faire le même marché. Comme j'avois perdu la tête, ce fut bientôt fait. Reste à savoir si je pourrai tenir parole, j'en doute beaucoup, je suis même sûr de ne le pouvoir pas.

Estive ontem com a senhora de la Barmondière²⁶⁸; eu li para ela o seu informe; ela me disse como estava comovida, quanto agradecia a sua atenção, mas ela pensa que não merecia os elogios que V. Exa. lhe dava. Ela me encarregou de expressar a V. Exa. sua consideração. Depois me dirigi, pelo jardim, ao convento da Madre Geoffroy²⁶⁹, que falou a seu respeito com a efusão que V. Exa. bem conhece e me fez prometer que eu renovaria o testemunho da dedicação dela para com V. Exa. e da sua admiração pela paz - conforme eu lhe garantia - de que V. Exa. gozava. Seria impossível expressar-lhe minha emoção nessas duas entrevistas, em especial quando visitei a condessa tão expansiva quando fala da calorosa estima que cultiva por V. Exa., e tão prestimosa na acolhida. Com isso provei tanta alegria que nem me dei conta da sua doença²⁷⁰. Tive de prometer-lhe uma visita de um quarto de hora, cada quinze dias, o que prometi com presteza e, sem combinar, a Madre Geoffroy me fez prometer outro tanto. Como estava um tanto desconcertado, aceitei logo. Resta saber se poderei manter a palavra, do que duvido; estou quase certo de que não poderei cumpri-la.

²⁶⁸ Senhora legitimista que se ocupava com obras de caridade, muito influente.

²⁶⁹ Superiora das Damas do Sagrado Coração. Exerceu papel importante na resistência à Revolução, em Poitiers, junto ao Sr. Coudrin.

²⁷⁰ Ela é quase cega. (Documentos de Pins, caixa I, cordel Mondésert, carta de 9 de junho 1840)

<p>On fabrique vos bas de laine blanche, Jacques les emportera avec 200 chapelets. Le bréviaire in 4° n'est pas fini. Voudriez-vous l'in 12° en attendant ?</p>	<p>As suas meias brancas estão quase prontas; Jacques lhas levará junto com 200 terços. O breviário de formato in quarto ainda não está pronto; enquanto se espera, V. Exa. quer ficar com outro, de formato in duodecimo?</p>
<p>M. Giroud déménage à force. Le moment fatal approche. M. Montagnier n'attend que son passeport de Paris et la dislocation de la famille va se consommer....</p>	<p>M. Giroud²⁷¹ muda de lugar forçado. O momento fatal se aproxima. O Sr. Montagnier²⁷² apenas aguarda o seu passaporte de Paris; a separação da família²⁷³ vai consumir-se.</p>
<p>Le bon M. Champagnat de Lavalla vient de mourir. C'est une perte.</p>	<p>O bom padre Champagnat de Lavalla acaba de morrer. É grande perda.</p>
<p>Je suis avec un profond respect, Monseigneur. Votre très humble et très obéissant serviteur. Allibert</p>	<p>Excelência, com profundo respeito, o seu humilde e obediente servidor. Allibert.</p>

Comentário

Esta carta que anuncia no seu final, e como de passagem, a morte de Marcelino Champagnat merece ser citada por inteiro, porque nos põe diante do olhar o funcionamento da corte do Arcebispo de Pins, tanto quanto do salão legitimista da senhora de la Barmondière. O conjunto das cartas permite compreender de modo aproximado este ambiente: encontramos, em particular, o senhor Cholleton, o impressor Rusand, o senhor de Verna, de Varax. Em suma, é boa parte da rede legitimista derrotada que consta nessa

²⁷¹ Há um cordel Giroud entre os documentos de Pins, caixa II/1

²⁷² Um cordel Montagnier consta entre os documentos ou papéis de Pins, caixa II/1. Em 1837, ele se instala como capelão de várias comunidades religiosas, em Condrieu, perto de Vienne.

²⁷³ Na realidade, os fiéis de Dom de Pins.

correspondência. Na época da redação desta carta, ela já havia sido atingida por duas provações: a Revolução de 1830, que lhe fez perder o poder político, e a evicção do Arcebispo de Pins, quando o governo orleanista preferiu o arcebispo de Bonald, na sede de Lyon.

Uma terceira provação desabou sobre ela: a falência de Benoît Coste, agente de câmbio e homem piedoso e caritativo. Uma carta de Mondésert a de Pins, de três de outubro de 1840²⁷⁴, anuncia a falência não apenas de Coste, mas também dos senhores Mathon e Drevet, “todos da associação que V. Exa. gostava de visitar”. “O senhor Coste está com uma dívida de cerca de três milhões. Ele arrastou no seu desastroso negócio os Jesuítas, as do Sagrado Coração²⁷⁵, várias comunidades, muitos sacerdotes e grande número de empregados”.

A carta evoca também a natureza um tanto estranha das relações mantidas por essas personagens, entre elas algumas, como a senhora de la Barmondière e o Arcebispo de Pins, haviam conhecido o Antigo Regime.

A morte do Pe. Champagnat coincide com o revés de certo círculo de Lyon que o havia apoiado, mas também o havia comprometido. Os seus reveses repetidos para fazer reconhecer a sua Congregação encontram por certo boa parcela da sua explicação nos laços mantidos com tal círculo.

Por breve que seja, a oração fúnebre de Allibert não é sem interesse, visto que ela exprime uma real estima. Ademais, tem-se a surpresa de ver Champagnat situado em Lavalla, lugar que ele havia deixado quinze anos antes, como se Allibert visse ainda nele o homem dos primórdios.

²⁷⁴ Documentos de Pins, II/1

²⁷⁵ As Damas do Sagrado Coração mantêm um pensionato em Lyon.

N.º 16

Lyon - 10 Juin 1840

Monsieur

M. Mondésart vous a écrit hier, je n'ai donc pas à vous en parler.

Voici la Notice pour la Bénédiction des Chapelats, crucifix, médaillon, et pour l'autel privilégié quotidien: les D^{ns} l'a fait expédier de la manière la plus ample, et par une faveur marquée.

Je vis hier M^{me} de la Normandie; je lui lus votre billet, elle me dit combien elle y étoit sensible, combien elle vous en remercioit, mais qu'elle ne méritoit pas les éloges que vous lui donniez. Elle me chargea d'y ajouter l'hommage de son respect. D'ici j'allai par le jardin chez la M^{me} Geoffroy qui me parla de vous avec cette effusion que vous lui connaissez et me fit promettre de vous renouveler la témoignage de son dévouement et de son admiration pour la grâce dont j'ai l'honneur que vous jouissez. Nous rendre mon émotion dans ces deux entrevues, surtout quand j'avis Madame la comtesse si organisée sur ses sentiments pour vous, et si gracieuse dans son accueil, seroit chose impossible. Non étois au comble de la joie et je n'ai vu apparemment point de sa maladie. Il fallut lui promettre un quart d'heure d'attention tous les 15 jours, je le fis avec empressement, et sans l'être entendu, la M^{me} Geoffroy me fit faire le même marche. Comme j'avois perdu la tête, ce fut bientôt fait. A la fin si je pourrai tenir parole, j'en doute beaucoup, je suis même sûr de ne le pouvoir pas.

on fabrique vos bo. de laine blanche, Jacques, le transportera, avec 200 chapelats la Savoie en li^o n'est pas fini. Voulez-vous l'inscr. ou attendant?

M. Giroud démanège à force. le moment fatal approche. M. Montagnier n'attend que son départ de Paris et la dislocation de la famille va se consommer..... le bon M. Champagnat, de Lavalla vient de mourir. c'est une perte.

Je suis avec un profond respect, Monsieur

Votre très humble et très
obéissant serviteur

... Allibert

Carta de Marcelino Champagnat ao senhor Fond

Ir. Paul SESTER, fms

1836.10.19 Ao senhor Fond, prefeito de Valbenoîte.

Para agradecer-lhe o interesse demonstrado com os nossos Irmãos na sua escola

Segundo o autógrafo descoberto nos arquivos de Valbenoîte em janeiro de 2008.

A carta que segue se achava nos arquivos de Valbenoîte, onde, graças ao seu traslado a Saint-Genis-Laval, em janeiro de 2008, foi descoberta.

O original se apresenta em grande folha de papel branco, bastante fino, bem conservado, dobrado em dois para compor um folheto de quatro páginas de formato 26,7 X 20,5. O texto da carta se encontra na página um e o endereço na página 4. Nesta última consta, ademais, no alto à direita e com letra diferente, o seguinte: “19-10-1836. Carta do senhor Champagnac, irmão marista”. É evidente que essas palavras foram acrescentadas posteriormente por um secretário da prefeitura. A palavra Champagnac vem escrita com c e não com t final, como se escrevia bom tempo antes, segundo os arquivos da prefeitura de Marlihes. Além disso, Champagnat é qualificado de “irmão” e não de padre, testemunhando, assim, que ele não era universalmente conhecido como Padre Marista, mas simplesmente como superior dos Irmãos. E estes são chamados, pelo menos na região de Saint-Etienne, “irmãos maristas” e não irmãos azuis ou Pequenos Irmãos de Maria.

A escrita, tanto do endereço como da carta, não é de Champagnat; pode-se atribuí-la ao Irmão Francisco, se comparada com uma carta sua de maio de 1836, escrita certamente por ele. A assinatura parece ser de Champagnat, ainda que o traçado não tenha a segurança habitual e foi lavrada com a mesma pena empregada pelo secretário do texto. Se for imitação, foi muito bem feita.

Seja como for, a prova de que ela exprime o pensamento de Champagnat nos é dada pelo Irmão Avito que, nos anais de Valbenoîte, citando outra carta do prefeito com data de 1839, mostra os mesmos sentimentos desse magistrado para com os Irmãos por estas palavras: “A administração municipal, satisfeita com o zelo e com o modo de ensino dos seus Irmãos, decidiu solicitar um professor a mais”.

No concernente à questão posta pelo prefeito, pode ter sido ocasionada pela exclusão de um aluno da escola e sobre o qual o Padre não quer formar um juízo naquele momento. Casos deste gênero, porém, devem ter-se produzido, visto que ele fala disso aos Irmãos numa instrução relatada pelo seu biógrafo (Vie, p. 526).

Esta carta, escrita em outubro, enquanto os Irmãos se encontram em l’Hermitage, foi provocada, sem dúvida, pela inevitável entrevista pessoal do diretor de Valbenoîte com Champagnat.

Monsieur le Maire	Senhor Prefeito,
J’ai appris avec le plus sensible plaisir le vif intérêt que vous montrez pour nos Chers Frères de Valbenoîte. En les confiant de nouveau à votre puissante protection je me fais un devoir de vous témoigner ma juste reconnaissance pour toutes vos bontés à leur égard. J’espère, Monsieur le Maire, que vous continuerez à les ho-	Muito me alegrou a informação do vivo interesse que V. Sa. mostra para com os nossos caros Irmãos de Valbenoîte. Confiando-os de novo ²⁷⁶ à sua poderosa proteção, faço-me o dever de lhe testemunhar o meu justo reconhecimento por todo o seu cuidado para com eles. Espero, senhor Prefeito, que continuará a honrá-los

²⁷⁶ De novo = leia-se: neste novo ano letivo.

<p>norer de vos faveurs. Soyez persuadé qu'elles seront pour eux un encouragement des plus puissants à faire chaque jour de nouveaux efforts pour vous contenter de plus en plus sous tous les rapports.</p>	<p>com o seu desvelo. Esteja certo de que a sua benevolência será para eles um encorajamento dos mais poderosos para que empenhem novos esforços para lhe dar cotidianamente a maior satisfação sob todos os aspectos.</p>
<p>Vous désirez, Monsieur le Maire, connaître les différents cas où le bon ordre des classes nous oblige à en exclure certains enfants, nous tâcherons de vous les exposer à la première occasion.</p>	<p>V. Sa. deseja conhecer, senhor Prefeito, os diferentes casos em que a boa ordem das aulas nos obriga a excluir certos elementos; vamos tratar de apresentá-los na primeira oportunidade.</p>
<p>Veillez agréer avec mes sincères remerciements l'assurance de la parfaite considération avec laquelle j'ai l'honneur d'être,</p>	<p>Queira aceitar, com os meus sinceros agradecimentos, a certeza da plena consideração com que tenho a honra de ser,</p>
<p><i>Votre très humble et très obéissant serviteur, Champagnat, sup.</i></p> <p>18 8^{bre} 1836</p>	<p>senhor Prefeito, o seu humilde e obediente servidor. Champagnat, superior</p> <p>18 8^{bre} 1836</p>

